

Isabel Serra

Coroa de Papel





Isabel Serra

Coroa de Papel

“Uma coroa de papel e um coração feito de vidro

Um vestido esfarrapado e seu reino de cinzas

Ela anda sozinha

Ela nunca pode olhar para trás

A história de uma rainha, cujo castelo caiu no mar

Ela vai sair dessa, mas nunca mais será a mesma.”

— Paper Crown, Alec Benjamin.

Capítulo 1



Ilhas Dramian

Há uma semana, quando cheguei no Reino das Ilhas Dramian eu definitivamente não conhecia a mulher que disfarçava certa vergonha com aquele olhar de ternura. Não tinha como pensar nela como mãe – ela não era, nem nunca ia ser –. Mas eu tentei fingir que estava tudo bem e que, se a vida tinha me conduzido até ali, tinha alguma razão.

Eu poderia ter sido mais babaca com ela, mas não neguei seu abraço e aturei seu choro magoado que me pedia perdão.

O importante era que eu estava mesmo ali. Estava longe de tudo e de todos que eu conhecia e adorava estar naquele lugar perdido no tempo. O lugar que já tinha todo meu amor e respeito só por aquele grau raro de natureza que chamava atenção por suas praias paradisíacas.

Ao mesmo tempo que amava tudo por lá, estranhava aquela cultura tão diferente da qual cresci. Porque pra quem cresceu em uma república democrática era extremamente esquisito aquele regime monárquico.

Enxergava ali uma democracia completamente diferente da única que já conheci, apesar de nunca nem ter me interessado pelos direitos democráticos do meu país, tampouco pelas aulas de história que tratavam deles.

Além do mais, estava acostumada a ter medo de tudo e em Dramian eu não tinha muito o que temer... quer dizer, tudo parecia tão correto naquele lugar que essa era a parte que me dava medo, pois eu talvez fosse errada ali.

O povo também era completamente nada a ver. Numa ilha cheia de praias, não fazia muito sentido aquelas roupas do século dezenove ou no máximo vinte – tudo bem que as mulheres lá não eram restritas apenas a vestidos, mas sei lá, tudo era meio retrô... meio tom pastel, meio fim dos anos 50. A moda obviamente era completamente diferente da qual eu estava acostumada e eu não sabia dizer se gostava daquilo ou não.

Entendi rápido que o sol que parecia sorrir para o Reino era pura ilusão, pois como cheguei no inverno, sempre corria um vento frio, mais frio do que o que eu estava acostumada no auge dos invernos que vivi no Rio de Janeiro. Talvez por isso, ninguém se vestia de acordo com os costumes de uma cidade praiana.

A verdade é que eu tinha lido muito sobre essas “*terras misteriosas*”, mas quanto mais eu explorava, mais via que não sabia de nada e que tinham coisas que livro nenhum havia contado. Só uma coisa ainda parecia ser verdade absoluta: somente dramianos e descendentes podiam entrar e sair do Reino – e pensar que essa foi a parte que achei mais cômica quando ainda estava tentando entender sobre o lugar.

Estranho mesmo era não conhecer ninguém, mas todo mundo me conhecer. Ninguém

tinha dito que meu sobrenome era tão detestado naquele lugar e Tajana se recusava a me contar por que éramos tão mal vistas. Mas pelo menos ela tinha alguns amigos na ilha... eu já estava ali há uma semana e começava a me acostumar com aquela rotina de todos se afastarem de mim como se eu tivesse alguma doença contagiosa.

Estudo social: *existem idiotas em qualquer lugar.*

Por fim, a única pessoa com quem eu conseguia me socializar era Tajana e fazia isso muito mal. Naquela sexta-feira, não fiz diferente dos outros dias – fui à escola – e ninguém falou comigo, como sempre. A novidade foi ter ficado de saco cheio e fugido pulando o muro no último tempo.

Tinha feito aquilo milhares de vezes quando morava no Rio de Janeiro, era boa na arte de fugir e me orgulhava por nunca ter sido pega. Mas aquele lugar era certo demais para ser tão fácil fugir. Então assim que pulei o muro, em um instinto, eu corri.

Corri sem rumo nenhum e com aquela urgência de quem esteve presa por muito tempo. Parei de cara com a praia de Dramí, sempre tão deserta, apesar de tão linda. Estava frio como nos outros dias e, pela primeira vez desde que estive ali, o sol estava escondido em um céu zangado que podia jurar que estava prestes a me dar um sermão.

Ignorei o tempo e o vento frio que o mar intensificava, desci pela escada que ligava o calçadão à areia. Nem tirei os sapatos de boneca que eram parte do uniforme, talvez por medo de sentir mais frio, talvez por pura preguiça em ter que tirá-los. Simplesmente andei pela areia enquanto o vento chicoteava meus cabelos curtos que invadiam meu rosto sem pena.

Pensava em tantas mil coisas, mesmo que não conseguisse pensar em nada ao mesmo tempo. Era tão sozinho ali que eu fingia que aquele vento gelado era o calor de um abraço que fazia tempo que eu não sabia o que era sentir.

Parei frente ao mar, respirei fundo a fragrância do mundo, fechei os olhos, soltei os braços e me entreguei ao máximo aquilo tudo que eu ainda não tinha conseguido digerir. A mudança com certeza ainda era o que mais me assustava... eu tive tantas mudanças durante a vida, que era estranho mudar para algo aparentemente tão estável.

Quase passou despercebida a presença de alguém que simplesmente parou ao meu lado. Só que meu corpo tava mais ali do que eu e logo me avisou que tinha algo errado. Com certo receio, voltei meus olhos para seja lá quem fosse e dei de cara com um... é... digamos que... cara *bem gato*. Vestido com aquelas roupas esquisitas que todos vestiam, mas diferente de todos, seu terninho ou sei lá o que carregava o símbolo real bordado no ombro esquerdo, o que me levava a pensar que ele trabalhava no castelo.

Só que, eu não vou negar, o cara era mesmo gato... não olhei muito, mas olhei o suficiente para saber que o cara era gato. Confesso até que faleci por dois segundos quando coloquei meus olhos nele, faleci por saber que tinha sido pega e porque o cara era realmente gato. Já disse isso?

– Eduarda Douge, voltará comigo até o colégio de bom grado ou me oferecerá resistência?

No auge da minha falta de coragem ofereci os punhos a ele para mostrar que eu não

resistiria se tentassem me algemar.

– Fugir da escola provavelmente é um crime aqui, então tudo bem... pode me algemar, não vou... é... oferecer resistência.

Ele olhou para minhas mãos e depois para mim de novo e tudo no que eu conseguia pensar era: *puta merda*, ele é a cara do Tarzan do desenho – porque juro, aquele homem era o Tarzan materializado e mais urbano –. Os olhos castanhos, aquele cabelo na altura dos ombros, a cor amendoada, a expressão bem delimitada e séria. Era o Tarzan e eu, naquele momento, Jane.

– Entendo que tua reverência ao mar tenha parecido bem mais interessante do que uma aula sobre qualquer coisa, por isso, e só por isso, não a levarei algemada... – não sabia dizer se ele estava de deboche com a minha cara, ainda não tinha acostumado com o vocabulário e a forma de expressão diferente que eles tinham.

– Se entende, então deveria se envergonhar por ter quebrado esse momento de conexão que eu estava tendo com o mar – confesso que essa foi eu tentando conversar no mesmo dialeto que ele.

– E me envergonho, entretanto é minha função zelar por sua educação.

– Pai? É você? – o deboche foi mais forte que eu.

– Não sabe quem eu sou? – ele parecia surpreso por eu não saber e por um momento quase acreditei que tinha alguma chance de ele ser meu pai.

– Não. Não sei. – disse simplesmente.

– Pois bem. Meu nome é Gabren Santoré Venci Eliseu Dramian, sou o príncipe regente do Reino das Ilhas de Dramian.

Respirei fundo para controlar minha vontade de surtar. Porque tipo, eu sempre quis conhecer um príncipe de verdade. Sério. *Sempre*. Mas assim, eu nunca imaginei que quando eu visse um, simplesmente não reconheceria.

Seria mais fácil se em Dramian tivesse uma coisinha básica chamada publicidade governamental ou algo do tipo, porque aí eu com certeza já teria visto o rostinho daquele príncipe estampado em algum lugar e seria mil vezes mais fácil reconhecê-lo.

– Não se preocupe. Não é um problema você não ter me reconhecido. Sei que é recém-chegada.

– Tu me conhece?

– É função de um príncipe zelar pelo seu povo e atender a necessidade de cada um individualmente. Conheço meu reino, Eduarda...

– Mas é muita gente, Senhor... – não sabia ao certo como me referir a ele – E tu saber quem eu sou... tipo, isso é bizarro.

– Se compararmos a outros reinos, somos poucos. Então por que não dar a importância que cada um necessita? Além disso, não trabalho sozinho. Mas resolvi que trataria do seu caso pessoalmente.

- Ah é? Sou tão especial assim?
- Tua família já nos trouxe problemas no passado, tenho que assegurar que isso não irá se repetir.
- Então você vai ser meu babá?
- Chame como quiser. Mas espero que não volte a se ausentar da escola desta forma...
- Se você assegurasse que eu não teria mais aulas até o fim do ano eu te dava certeza que isso não voltaria a acontecer... – muito bom conjugar o verbo assegurar em uma frase, senti meu qi aumentando instantaneamente.
- Isso é um indicativo de que me dará trabalho?
- Jamais. Apenas tentarei dar mais emoção a sua função que, a julgar pela disponibilidade de tomar conta da minha vida, nunca foi muito interessante. – Nossa, eu tô arrasando no dialeto e sendo nada cordial com um príncipe.
- A mim você não engana, Eduarda – senti ele desdenhar ao falar o nome e gelei – Não planejava colocar isso em questão, mas já notei sua intenção de me imergir em uma conversa sem objetivo nenhum para adiar nossa volta para onde você não deveria ter saído.
- Na moral mesmo? – me rendi ao meu dialeto natural – Eu não sou obrigada a nada! Eu tava aqui de boas, sentido a brisa e vivendo mais que existindo. Estava sendo educada pelas ondas mil vezes mais que estaria sendo naquela escola onde todo mundo só me julga pelo passado da minha família que eu nem sei qual é.
- *Peculiar!* Então este é o dialeto brasileiro?
- Tudo o que notou nesse meu desabafo foi meu jeito de falar? E realmente me achou peculiar por isso?
- Desculpe-me, *peculiar* é apenas uma expressão de surpresa que usamos por aqui, não falei no sentido literal da palavra... é que seu modo de falar é diferente demais do que eu imaginava.
- Pera aí! Tu é o príncipe desse lugar aqui e nunca foi ao Brasil? – ele negou com a cabeça – Com o dinheiro que tu tem eu ia até pra Grécia!
- É porque sou o príncipe que não posso sair. E acho que não disponho de tantas riquezas quanto deves imaginar.
- *Caô!* – exclamei sem controle – Você nunca saiu dessa Ilha e vai ter que morrer aqui?
- Não posso abandonar meu povo. E que diabos significa “*caô*”?
- Nesse caso, é tipo... “Nossa!”, só que dependendo do contexto pode significar outras coisas, mas acredito que é o correspondendo de “peculiar!” em carioquês. Mas me explica isso direito, como assim não pode sair? Não sei se sabe, mas teu povo não vai a lugar nenhum se você tirar uns dias de férias em Roma.
- Caso algo acontecesse em um período em que eu me ausentasse, para qualquer que seja a finalidade, seria veredito de caos, não posso permitir tal instabilidade.

– Imagina o caos que deve ser você sabendo que vai passar a vida toda em um lugar só, fechado nessa mesma cultura para sempre. Sempre é um veredito tão longo que... como consegue?

– Nunca me enganaram com algum outro futuro alternativo, nada dura a eternidade de um para sempre e isto não é algo que desejo que coloquemos em pauta agora. Devo fazer o que vim fazer e levá-la de volta ao colégio.

– Na carruagem real? – perguntei sarcástica.

– Claro, pois acabo de decretar nossos pés como carruagem real.

Enquanto eu revirava os olhos ele seguiu caminho a frente, logo fui atrás porque por mais geniosa que eu fosse, não estava a fim de mais problemas pro meu lado.

– Mas sério, vamos supor que a comida de Dramian acabe. Você não sai nem pra tratar disso fazendo aliança com outros países? – eu quis saber enquanto andávamos.

– Uma hipótese equivocada tendo em vista que Dramian é uma terra abençoada e temos a graça de poder aproveitar tudo o que nosso solo fértil nos dá... – ele notou meu bocejar inconveniente durante sua fala, mesmo assim continuou – mas... caso algo assim nos acontecesse, eu enviaria Gusy Donovan, meu conselheiro real e quatro vezes eleito representante do povo.

– Então aqui tem eleição? Achei que fosse um sistema socialista, sei lá.

– Se engana em querer encontrar nomenclatura para nosso tipo de governo – sua voz desde- nhosa esclareceu.

– Então nesse governo sem nomenclatura, o povo elege representantes com quem se identi- cam e eles fazem leis que podem ou não serem aprovadas?

– Deveras que sim.

– Então é tipo uma monarquia democrática, então tem nome sim! – assumi a pose de quem tinha vencido aquele diálogo.

– Se tanto quer dar nome a nosso governo, que dê. Porém isso nada tem a ver com o tipo de regime com o qual está acostumada. Aprenderá isso em História de Dramian, caso resolva frequentar as aulas.

– Não sou muito fã de história.

– Isto não passa despercebido.

O que aconteceu depois disso foi o silêncio que eu não consegui aceitar por muito tempo durante a caminhada de volta ao colégio.

– Vamos supor que um país declara guerra contra o Reino. Você não sai em busca ajuda?

– Oras! Isto seria impossível. Temos tratado de paz até com países que não deveríamos. Por isso nosso exército é meramente usado em raríssimas ocasiões e armas aqui são proibidas. Essa hipótese é totalmente impossível. Não gosto nem de pensar na possibilidade de uma guerra.

– Tá, mas e se acontecesse?

– Seríamos aniquilados de certo.

– Foi o que pensei..., mas realmente parece impossível uma coisa dessa acontecer por aqui, se quer saber, afinal vocês parecem terem sido esquecidos pelo resto mundo! Fico pensando como tudo se sustenta aqui se vocês não exportam nada e não se envolvem na economia do mundo.

– Nós tampouco nos capitalizamos, entretanto, diferente do que pensa, temos um tratado de exportação para com o Brasil, apesar disso, nos mantemos bem com nossos próprios recursos, criamos uma espécie de economia privada. É um pouco complexo, mas esse modelo já nos difere de diversos governos que se dizem democráticos.

– Mas privar teu povo de uma esfera capitalista não é de certa forma atentar contra a democracia?

– Está “de certa forma” admitindo que não somos uma democracia. Fato que eu já havia deixado claro no começo desta série de questionamentos... – agora ele quem havia colocado no rosto aquela expressão de que tinha vencido aquele diálogo.

– Você pode até ter empatado o jogo, mas a vitória vai ser minha e eu sou competitiva – levei na brincadeira, mas ele não parecia tem embarcado na minha, pois seguia naquela pose de poste. – E a moeda? Eu consegui trocar o real. Então vocês não são tão fechados assim...

– Nossa moeda é só nossa, você deve ter enfrentado a burocracia que é para trocar nossa moeda para o Real Brasileiro. Realmente temos relações exclusivas com o Brasil decorrente do passado histórico, e tendo em mente que os cidadãos Dramianos devem ter o direito de ir e vir, esta é uma das formas que permitem que isso seja possível.

Bem verdade que foi difícil converter a moeda, apesar do Real ser a única moeda pela qual dava pra trocar por moedas de Drams, não era fácil porque não era um pedido comum. Então foi bem complicado. E essa opção só foi possível porque Dramian tinha sido colonizada pelo Brasil, então eles mantinham um tratado de troca de câmbio, sei lá.

– Ainda acho que vocês são tipo democracia... – e minha curiosidade não me deixava ficar

quieta.

– Não somos nada além do Reino das Ilhas de Dramian. Sem nomenclatura específica.

Seguimos conversando durante o percurso. Eu tentava entender como funcionava aquele país e ele tentava me explicar sem sair daquela pose esnobe, mesmo quando eu sabia que por dentro ele não aguentava mais resolver minhas sentenças.

Quando chegamos ao colégio, o suspiro aliviado que ele deixou escapar denunciou o quanto ele queria se ver livre de mim.

– Tenha uma boa aula... – disse a um braço de distância com todo aquele jeito travado.

– Você sabe que não vou ter – foi minha vez de suspirar, mas eu não suspirava de alívio, na verdade acho que o que fiz foi bufar.

Durante o silêncio esquisito que ficou, por um instante tive que encarar a fisgada do

seu olhar. De tão rara que era a sensação, a rapidez com que tudo aconteceu pareceu uma eternidade para qual eu não estava preparada.

Eu estava acostumada a me apaixonar pelo menos umas 15 vezes por dia lá no Rio. Entre as viagens de metrô, de trem, de ônibus. Trocava olhares com uns caras com que nunca teria coragem de falar. Aquilo ali era diferente de alguma forma. Não estava apaixonada, mas sei lá. Trocar olhares com um príncipe parecia diferente.

Abaixei o olhar instintivamente e tentei ignorar a sensação o máximo que pude. Quando voltei o olhar, seu rosto sempre sério me trouxe a realidade repleta de nada. Aquele momento era atestado de que seja lá o que aconteceu, foi só comigo.

– Tchau – eu disse com pressa antes de entrar pelo portão.

...

Quando cheguei em casa, mal cumprimentei Tajana, fui direto pro meu quarto para que ela não tivesse tempo de querer esclarecer o que tinha acontecido. Afinal, já imaginava que tudo já tinha chegado até ela. Catei uma roupa qualquer no armário e corri pro banheiro. Quando terminei meu banho, corri novamente para o quarto que esperava estar vazio, mas dei de cara com Tajana.

– Recebi uma ligação do Castelo – ela tentava firmar o tom de voz, mas não era boa nisso.

– Mesmo? Era importante? – fiz a sonsa.

– Era o príncipe.

– Uou! Deveria ser algo realmente importante...

– É sobre sua detenção.

– Detenção? Pelo que? Não fiz nada! – penteava o cabelo ainda mantendo a pose de sonsa – Ninguém me disse nada sobre detenção...

– Como pôde se ausentar do colégio, Eduarda? – lamentou – Tudo o que pedi a você foi para que ficasse longe de encrenca. Qual a dificuldade de não piorar a reputação que nosso sobrenome carrega?

– Ninguém gosta de mim nesse lugar, não estava me sentindo bem naquela escola! Precisava de paz!

– Tuas razões já não interessam. O que está feito, está feito. O príncipe exige que após as você cumpra detenção no castelo e tenha aulas extras de História do Reino.

– Sem condições! – falei de imediato – Já fico aprisionada em tempo integral naquele inferno de escola, no único período de liberdade que tenho vou ter que ficar presa naquele castelo maldito? Negativo!

Se bem que eu nunca tinha entrado no castelo e morria de curiosidade, mas óbvio que eu ia fazer um charme antes de admitir algo do tipo.

– Tuas aulas começam hoje às sete – foi seu último anúncio antes de sair – e você não tem escolha! – completou já do lado de fora do quarto.

Faltava pouco pras 18h quando terminamos aquela conversa sem jeito. Eu tinha pouco tempo de liberdade para aproveitar.

Capítulo 2



História do Reino

Como eu realmente não tinha muita escolha em Dramian - talvez porque eu só tinha 18 anos e a maioridade lá só vinha aos 23 - pouco depois das 19h eu já estava no castelo, porém não estava nada pronta para receber ordens e aulas de história. Óbvio que aquilo era uma afronta e que aquele príncipe idiota estava realmente empenhado em encher meu saco.

Aliás, eu estava muito sei lá, confesso. Era tudo novo pra mim, claro que era. A única vez que estive em algo parecido com um castelo, foi naquele Palácio Imperial que virou museu na Quinta da Boa Vista.

Talvez eu tenha perdido um bom tempo admirando cada detalhe do novo, do luxo de uma arquitetura meio rústica, mesmo quando clássica, na qual eu nunca tinha podido colocar os olhos. Tudo era detalhe e a decoração era como uma tela de algum movimento artístico que eu nem lembro qual foi, mas sei que estudei em História da Arte.

O tempo definitivamente nunca tinha afetado as coisas ali e talvez fosse essa a sensação: parecia que o tempo não passava enquanto eu me perdia na amplitude dos ambientes do castelo.

– A senhorita está perdida? – A voz educada de um cara, que logo me remeteu a um mordomo, quem falou.

– Olha, eu juro que bati, mas ninguém abriu e eu tinha... quer dizer, tenho um compromisso no castelo. Então tipo, eu saí entrando mesmo. – Pela expressão estranha que surgiu em seu rosto eu logo soube que ele tava meio que tentando entender. – Desculpe-me por minha... indiscrição?

– Então você deve ser Eduarda Douge. Estou certo? – me olhou dos pés à cabeça e pude perceber que ele repreendia minha blusa cropped e a calça jeans.

– Sim... Hã... Senhor...

– Ora! – resmungou – Mas não sou nenhum senhor! Senhor está no céu! Sou o mordomo do

castelo e você pode me chamar de Eloi.

– Sim, senhor... quer dizer, Eloi.

Ao menos ele pareceu menos incomodado com minha existência quando eu me corrigi.

– O príncipe está na biblioteca à sua espera. Eu te levarei até lá... venha comigo.

– Falou! – apenas concordei.

– Quem falou?

– É uma gíria... quer dizer que eu concordo com o que você disse.

– *Peculiar...* – pareceu pensativo antes de finalmente começar a andar e me mostrar para onde eu tinha que ir.

Chegamos à biblioteca e Eloí se despediu com uma leve reverência.

– Está atrasada! – o príncipe falou logo que entrei.

Tentei não me perder na voz grave do único ser humano presente naquele cômodo, me forcei a estar mais focada na biblioteca mais encantadora que vi na vida. Parecia ter caído de paraquedas em um filme de época, pena que o olhar carrancudo do príncipe só fazia interromper meu sonho de princesa de morar naquele lugar.

Olhei meu relógio de pulso e foram só dez *fucking* minutinhos de atraso.

– Não estou tão atrasada assim, cara.

– 10 minutos bastariam para que você soubesse bem mais do que sabe.

– Foi mal, ok? Mas eu não consegui ficar de boas quando entrei nesse castelo.

Confesso que teria chegado mais cedo nessa sala, não fosse meu espírito curioso e o fato de que eu me perdi.

– Admiro sua capacidade de misturar seu “carioquês” ao meu dialeto.

Contive o riso que estranhamente quis brotar na minha cara quando ele fez referência a uma palavra que eu tinha usado mais cedo.

– É um dom que claro, é único.

Coloque aqui uma dose daquele silêncio desconfortável que ninguém merece viver. O príncipe pigarreou antes de quebrar o silêncio – Sente-se, vamos começar.

Resolvi atender ao que ele disse e me sentei do lado oposto ao que ele estava. Jurava que teria aula com um professor, mas logo entendi que a aula era com ele, o que não foi difícil deduzir depois que ele abriu um certo livro em uma certa página, me entregou e disse que começaríamos dali.

– Você realmente não tem mais o que fazer, né? – ele ignorou minha pergunta sem tirar os olhos de um outro livro que tinha em mãos.

– Desculpa. – falou após um tempo – Disse alguma coisa? – ridiculamente, se fez de desentendido.

– Disse que você não tem mais o que fazer...

– No momento, tenho que repreender uma aluna por não respeitar o momento de leitura.

– Não sou do tipo que gosta de ler.

– Eu sinceramente não me importo com o tipo que a senhorita seja... só sairemos daqui quando tiveres terminado de ler estas páginas e tivermos discutido sobre elas.

– Sem problemas pra mim, sempre quis morar em um castelo.

Gabri não respondeu, apenas me encarou com um olhar severo de arrepiar a espinha e depois voltou sua atenção novamente para o livro dele demonstrando total indiferença por minhas palavras.

Não faço a menor ideia do que me fez começar a ler aquelas páginas, talvez o gelo que ele me deu, mas quando vi, já tinha terminado e confesso, estava bastante ansiosa para começar a fazer as perguntas.

– Acabei! – foi um grito mal planejado, que saiu bem mais alto que imaginei.

– Percebo que não gosta de ler tanto quanto não gosta de história... – usou de um tom mais descontraído que estranhei de imediato.

– Tenho uma leve aversão a essas coisas, mas sou uma curiosa nata, Gabri...

– Gabren! – fez questão de me corrigir com o cenho franzido e de volta ao tom de voz sério de sempre – Príncipe Gabren.

– Aí, que seja... – revirei os olhos – mas escuta, antes de vir pra cá, cacei livros sobre Dramian, porque não tinha vocês no google, né! E até encontrei alguns na biblioteca nacional, mas só essas quinze páginas já desmentiram uns dois livros que li.

– E sobre o que os livros falavam?

– O descobrimento de Dramian. Erraram muito em dizer que começou quando vocês foram colônia do Brasil em 1900... porque na verdade, aqui começou como refúgio muito antes disso.

– Deveras que sim. – O príncipe se levantou – Venha comigo, quero te mostrar um lugar.

Não questionei para onde iríamos, apenas o segui para a ala leste do castelo que, na verdade, eu não sabia se era mesmo leste porque sou péssima com essa parada de pontos cardeais, mas é melhor colocar leste, porque torna a descrição mais rica.

Por fim, chegamos a uma sala enorme com várias pinturas de várias pessoas em molduras douradas naquele estilo hall da fama ou sei lá o que. A verdade era que eu estava mesmo chocada era com o tamanho do lustre que se destacava no meio da sala. Sério, era imenso.

– 1888... – ele disse um pouco alto parado em frente ao quadro que parecia dar início a uma cadeia de vários outros – sendo mais específico, no dia 2 de abril, Dramian começou a existir. Se não me engano, pouco antes de assinarem a Lei Áurea no Brasil. Por isso, conheça Núbia Dramian, ela é a razão de tudo aqui.

Foquei bem no rosto impresso naquela pintura. Os olhos escuros e lacrimejantes da mulher que era dona da mesma seriedade que eu conseguia enxergar em Gabri. Sua pele era um negro que cintilava, se exalava... seu cabelo crespo, estava preso em um coque alto e não era ofuscado pela coroa exagerada que parecia pesar em sua cabeça. Aquele rosto era arrepio instantâneo, era tanta força que parecia querer te atacar, era Rainha: completamente soberana.

Então por que parecia implorar por consolo?

– Eu posso tocar? – perguntei antes de mim.

– Claro.

Apesar da pintura estar protegida por um vidro, quando toquei meu tato me enganou com uma textura diferente do liso que um vidro deveria ser, era quase o macio do rosto que ela parecia ter e quase molhado como a lágrima que ela parecia derramar.

– Ela é a Rainha que o livro falava? – minha voz até falhou durante a pergunta, era lástima por sentir tanto por ela.

O príncipe assentiu, deixando escapar um suspiro pesado.

– Minha bisavó tinha dezessete anos quando se viu apaixonada pelo filho de um dos senhores mais ricos do Brasil, que consequentemente também era um dos que ainda possuía muitos escravos, mas ela não tinha nascido escrava pela lei do ventre livre. Porém, a liberdade que vinha em lei, não vinha em cor...

“Em seus diários ela contava que o amor que viveu aconteceu antes mesmo que contassem que aquilo tinha nome. Eles cresceram juntos porque a Senhora da casa simpatizava com ela, porém quando completou dez anos era “parte da família”, mas já não podia comer à mesa, nem usar o mesmo banheiro e trabalhava na cozinha. Aos treze já não era tão da família, os vestidos que antes a senhora fazia questão de enfeitá-la com, agora eram trapos. Além disso, Núbia não podia mais estar com o filho do casal: Gabriel Santoré.”

– Ah, já sei! Rolou todo aquele lance de que escondido é mais gostoso...

Gabri quase sorriu, mas logo continuou – Sim, eles se relacionaram às escondidas por quase quatro anos. Até que foram descobertos e, no caos que tudo se tornou, eles fugiram para o refúgio secreto da família Santoré. O pai de Gabriel tinha encontrado esse conjunto de ilhas e mantido em segredo por muito tempo. Tinha planos de construir um Reino e deixar para seu filho. Paralelo a isso Senhor desprezava sua esposa e, completamente abusivo, a culpava pela rebeldia do filho. Foi assim até que a Senhora morreu de tristeza, dizem que ela se foi completamente anestesiada, pois já não aguentava mais sofrer nas mãos daquele homem. Quanto ao Senhor, mesmo quando já doente, não cessava a busca pelo casal o qual abominava... ordenou a morte de Núbia sem receios.

“Ciente da índole do pai, pareceu mais seguro para Gabriel deixar Núbia aqui nesse castelo em Dramian, e realmente era, mas ele não podia adiar uma volta ao Rio de Janeiro para tornar a verdade mais verdade, declarar a Ilha como dela como prova de todo seu amor. Seus planos foram interrompidos quando tentava retornar às Ilhas. Os documentos de posse trazidos por alguns amigos do casal chegaram junto com a notícia de que Gabriel havia sido engolido pelo mar por ordem do pai que pensou ter afogado aquele romance junto. A maior prova que restou do amor deles, estava sendo gerada no ventre de minha bisavó e o pai de Gabriel morreu sem saber de coisa alguma.”

– E então a história do livro. Gabriel Santoré deu a propriedade das Ilhas para Núbia Dramian e ela se consagrou Rainha das Ilhas de Dramian, porque isso tudo aqui se deu

como refúgio de um amor.

– Deveras que sim. As Ilhas se tornaram refúgio. Além do fato de que diversos escravos que trabalhavam na construção desse castelo foram libertos e refugiados aqui. Antigamente, a Rainha tinha alguns correspondentes que buscavam histórias de pessoas que precisavam de um refúgio e as oferecia moradia... foi assim que as famílias foram se estabelecendo aqui no Reino.

Então ele foi explicando quem era cada um naquele hall da fama. Desde os representantes do Reino até os integrantes da Família Real. Contava tudo com um brilho no olhar que eu não tinha enxergado antes, contava em meio a vários suspiros cheios de saudade, às vezes até embargava a voz e falou com carinho da avó de quem só ouviu falar.

Contou que diziam que sua avó, a Rainha Enrica Santoré Dramian, tinha o rosto parecido com o único que não tinha um rosto naquele lugar (seu bisavô), também contou que ela morreu bem jovem e que Hana, a mãe de Gabri, era bem pequena quando aconteceu.

Pouco disse a respeito de sua mãe, mas exaltou bastante o avô, Rei João Venci, que havia criado sozinho tanto Hana quanto Gabri. E deixou estampar em seu rosto o luto que ainda vivia. Disse que Hana sempre teve a saúde frágil, mas que pôde na vida se apaixonar, casar e tê-lo como filho. Superficialmente Gabri disse que ela morreu quando ele ainda era um bebê, mas não disse do que foi... também não disse do que seu pai morreu, mas um livro que li dizia que ele tinha se suicidado de tristeza pela morte de Hana.

Gabri focou em dizer que sua bisa viveu 121 anos e que ele nasceu pouco tempo depois dela ter sido acolhida pelos céus, restando assim somente ele e seu avô João que o deixou como herdeiro do trono em 2016 quando julgou que Gabri já tinha idade suficiente e, simplesmente, decidiu abandonar Dramian e descobrir um mundo que nunca permitiram que ele descobrisse.

O Príncipe Gabren, assumiu como príncipe regente aos 23 anos em 2 de abril de 2016. Sem nenhuma novidade, pois foi ensinado a vida inteira que essa era a única possibilidade em seu futuro.

Eu tinha aprendido sobre o Descobrimento de Dramian e Introdução a Monarquia em apenas uma aula e me perguntava quanto mais eventualmente descobriria sobre aquele lugar e porque me interessava tanto por tanta história. Talvez porque pela primeira vez ninguém me empurrava história goela abaixo, pela primeira vez alguém parou para me contar história e minha imaginação me iludia de modo que eu pensava estar vivendo aquilo tudo enquanto ele contava.

– Então você é o único que restou nesse Reino com sangue real? – soltei uma pergunta indiscreta enquanto ambos encarávamos sua fotografia.

Devo dizer que definitivamente era uma ótima foto. Gabren era insuportavelmente lindo e conseguia estar ainda mais lindo naquela pose de príncipe. Seu rosto era simplesmente... sei lá... muita coisa! E todo resto era... mais coisa ainda! Resumidamente: coisa demais para eu conseguir descrever.

– Não somente isso, o futuro desse Reino está em minhas mãos.

– Por isso não pode sair, não é? Tipo, achei que fosse uma lei, ou sei lá o que, mas você simplesmente não pode correr riscos, certo?

– Temos poucas leis vigentes em Dramian, então os costumes prevalecem e devem ser respeitados. Mas admiro que tenha entendido isso sem ter sido preciso desenhar – caçoou descontraído.

– Aff... – praguejei em um revirar de olhos.

– Aff?

– É tipo “Poupe-me de seus... desaforos” – desaforos é realmente uma palavra interessante para inserir no vocabulário.

– Esta expressão deve ser correspondente do que aqui dizemos: Nãh...

– Nãh... – reproduzi.

– Agora sim é oficialmente cidadã dramiana.

Eu deixei escapar um sorriso tímido, mesmo quando ele disse aquilo bem firme naquele jeitão sério.

– Aí que top, Gabri! – foi a vez dele de revirar os olhos – mas me conta uma coisa, eles devem te pressionar muito por um herdeiro, né?

– Antes de tudo me pressionam para encontrar uma Rainha.

– E como funciona o processo? Assim, só por curiosidade mesmo, porque tudo aqui é diferente.

– Pera lá. Já ouviu dizer que a curiosidade matou o gato? – Não discordei por já ter ouvido um ditado parecido. – Pois então, essa curiosidade espero que guarde para próxima aula.

– Mas de onde venho dizem que o pobre do gato tinha sete vidas...

– Disseram-me já ser a sétima vida do pobre do gato.

– Nãh... Você venceu! Deixa pra próxima aula mesmo... Que será?

– Segunda-feira, no mesmo horário.

– Certo. Estou liberada, professor Gabri?

– Qual sua dificuldade em chamar-me de Príncipe Gabren? Não acha que deve-me respeito?

– Foi mal. Só não estou acostumada com esse tipo de tratamento a alguém, apenas.

– Então trate de se adaptar, pois sou a autoridade máxima por aqui, deve-me completo respeito!

Foi rude em seu tom, bem mais que das outras vezes. O cara tava super pistola por nada. Completamente autoritário e isso não era uma novidade, ainda assim aquilo parecia ter vindo sem anúncio e me afetou mesmo quando eu insistia ter sido pouco para conseguir tal proeza. A submissão constrange, porque resume o submisso a nada.

Fiz o possível para não demonstrar o que realmente estava sentindo, até tentei dar a volta por cima.

– Lindíssimo, falou tudo! Eu vou ficar de boa, prometo, “Príncipe Gabren”. Posso me retirar agora? – Percebi que ele ficou meio perdido em minhas palavras, por isso adiantei em me corrigir.

– Ficar de boa significa que vou te respeitar.

Mas pelo silêncio que se seguiu, talvez ele estivesse perdido em suas próprias palavras, procurando em qual momento elas me maltrataram, só que o problema estava na forma de falar e não no que foi dito.

– É... Está liberada, mas peço perdão pela forma que me expressei, eu poderia ter sido menos arrogante. Não é dessa forma que costumo tratar uma dama.

– Tá tranquilo, “Príncipe Gabren”! Não sou uma dama. Fique à vontade para me tratar como bem entender, Vossa Majestade. – Gostaria de ser um pouquinho menos sarcástica, mas era mais forte do que eu.

– Aff... – Praguejou meio que negando com a cabeça e eu jurei ter visto o lado direito de sua boca repuxando em um projeto de sorriso.

– Continue assim e estará pronto para visitar o Rio de Janeiro, quando tiver uma rainha e herdeiros, claro. – Já me encaminhava até a saída da sala quando disse isso.

– Deixe-me que a conduza até à porta. – se apressou em dizer.

– Não sei aqui, mas no Brasil isso quer dizer que quer que eu volte, sabia disso? – Não sei em qual momento eu parei de me importar com o jeito arrogante dele.

– Aqui é apenas por cortesia, mas podemos unir o útil ao agradável.

– E eu voltar seria o útil ou o agradável?

Ao contrário dele eu não conseguia falar sem deixar escapar um sorriso tímido, porque eu sorria quando tava nervosa e sei lá por que, mas eu estava um pouco nervosa.

– Apenas essa noite não foi suficiente para eu definir. Pergunte-me de novo uma outra vez.

– Segunda-feira então... – Ao fazer essa afirmação, notei que já estávamos bem perto da porta principal.

Ele acenou com a cabeça confirmando o que eu tinha dito com uma expressão um pouco mais simpática e de um jeito bem mais aturável. Por um instante faltou um pouco minha lucidez e eu desejei secretamente ter mais vezes aquele cara sendo simpático e aturável. Mas o fantasma do príncipe arrogante ainda estava vivo em minha memória, lembrando que eu estava em detenção... Então não era pra ser uma coisa boa.

Capítulo 3



Sobre Geografia

Passei o fim de semana remoendo as informações daquela sexta-feira à noite no castelo. Uma das piores coisas em Dramian era o tempo que a gente tinha de sobra para sermos assombrado por nós mesmos. Até porque não tinha muito o que fazer, não tínhamos redes sociais pra tomar conta da vida dos outros ou expor nossas próprias vidas. Eu nem amigos tinha e consequentemente não tinha ninguém para visitar ou alguém para me convidar pra sair.

Tajana gostava de trabalhar e fazia hora extra na loja de vestidos aos fins de semana. Então eu estava sozinha em casa, com a TV exibindo um filme dramiano qualquer que eu nem tava assistindo.

A cada segundo que passava, me perdia mais em mim. Nos meus próprios questionamentos ou até em questionamentos que não eram meus.

Claro que a segunda-feira demorou a chegar, mas tento pensar que poderia ter demorado mais, e a semana, entretanto, passou voando, como se minhas expectativas para as aulas com o Gabren encurtassem o tempo.

Naquela semana ele focou em falar da Monarquia Dramiana, do sistema político e econômico.

Resumidamente, naquela monarquia as princesas/príncipes só se tornavam rainhas/reis quando se casavam, pois quando se casavam imediatamente assumiam o trono, um sistema completamente arcaico na minha opinião. Só que eu achava legal toda aquela fantasia sobre o amor na qual aquele modelo se baseava.

Uma coisa estranha era que ninguém recebia nenhum outro título de nobreza. Não tinha, por exemplo, nenhum duque ou qualquer outra variação.

E ainda tinha o fato estranhíssimo de que até o presente momento, nenhuma Rainha tinha parido mais de um filho. Até porque, além de Núbia Dramian – que nunca quis se casar de novo – nenhuma outra herdeira viveu muito tempo.

O sistema político que ele insistia em não dar nome. Era tipo uma democracia só que com algumas restrições. O povo participava das decisões políticas do Reino, elegiam os Representantes das Ilhas, tinham pleno direito de ir e vir e tudo mais. Mas era tipo ser adulto e ainda morar com os pais, aquilo de ter toda uma liberdade parcial vivendo sobre o regime “meu teto, minhas regras”.

Sei lá, foi mais ou menos isso que entendi de tudo o que ele falou.

Já o sistema econômico era uma troca interessante entre o povo e o governo. Uma troca que reforçava o sistema político “meu teto, minhas regras”. A economia girava em torno de um governo que oferecia proteção e trabalho, onde um povo completamente dependente retribuía entregando parte de seus ganhos ao governo. Gabren até falou que

eram ideias fundamentadas no feudalismo, mas como eu mal lembrava do que se tratava, apenas fingi que entendia a associação e contornei o assunto.

Isso era tudo o que eu tinha absorvido daquela semana, aliás. Além do fato de que Gabren não convivía com ninguém da sua idade, pois das poucas vezes que vi alguém diferente circulando naquele castelo, eram mulheres e homens acima dos 40 anos com cara de tubarão que me tratavam com total indiferença.

Ainda continuava a distância de um braço que Gabren sempre mantinha de mim, como se eu tivesse alguma doença contagiosa. Mesmo estando mil vezes menos engessado que quando o conheci, uma semana não tinha sido o suficiente para que eu pudesse estar na presença dele de verdade.

Passávamos 2 horas juntos por dia e se eu sentia a presença dele por 20 minutos era muito, no resto do tempo ele parecia focado em ser uma estátua, um mero corpo sem energia. O verdadeiro Gabren se apresentava como devaneios impulsivos: quando eu falava alguma coisa espontânea e ele quase que ria, ou quando ele era obrigado a responder uma pergunta que não tinha tido tempo de roteirizar uma resposta.

Naquela quinta-feira, entretanto, ele parecia de bom humor. Mais espontâneo que nunca estivera. Acreditava eu ser por causa de toda aquela movimentação para o tal baile que aconteceria no sábado. Baile o qual eu já tinha decidido não ir.

Eu estava meio cansada. Irritada também. Todo mundo só falava daquilo. Do tal aniversário da capital... E eu tava meio frustrada porque não teria ninguém com quem estar no Baile, já que Tajana tinha seus próprios amigos e era certo que eu ficaria deslocada. Sem contar que a louca queria que eu fosse ao baile com um vestido todo rosa com azul e estranho que ela tinha me com- prado. Enfim, era melhor ficar em casa chocando e odiando a vida.

Verdade que eu estava viajando totalmente quando Gabren abriu a porta do castelo, cumprindo o ritual de todos dias de me levar até a saída ao fim das aulas.

– Tenho notado certo distanciamento de sua parte. Esta rotina de aulas tem lhe cansado? Entendi aquela pergunta dele como uma tentativa muito da ruim de quebrar o silêncio.

– Ah! Dá pra levar... Tenho que admitir que você não é tão mau professor!

– Sou o melhor professor do Reino e sei que um dia você irá admitir isso. – Assumi uma pose de convencido que não sei de onde veio.

– Nem que me paguem.

Ele soltou projeto de riso bem frouxo de quem duvida e logo em seguida me respondeu. – Está apenas adiando o inevitável. Mas, antes que o assunto se torne uma deslembração, devo dizer que não me agrado com a rotina que se instaurou em nossas aulas. Por isso, gostaria que amanhã fizéssemos algo diferente.

– Tipo o que?

– Sei que a princípio sua detenção contemplaria apenas aulas de História do Reino, mas, caso esteja interessada, às sextas podemos estudar um pouco de geografia.

– Pelo amor de Deus, Gabri! Eu sou péssima de verdade em geografia. Teve uma vez que o professor lá do Brasil fez a turma desenhar o mapa do Brasil valendo 5 pontos, eu fui a única aluna que foi capaz de ganhar só um. Admiro sua boa intenção, mas geografia é uma coisa que não entra na minha cabeça.

– Não confia em mim como professor? Você também havia dito que não gostava de história ou de ler, entretanto se mostrou um tanto interessada em tudo isso.

– Mas com a geografia é diferente! Pensa num trauma da minha vida... Pode entrar, Geografia.

– E se eu te mostrar geografia?

– Como assim?

– Gostaria que conhecesse um lugar amanhã. Um lugar repleto de geografia. Caso não goste, nunca mais toco no assunto geografia novamente. Aceitaria?

– Ah... – Fiz um suspense enquanto ele me encarava com bastante expectativa no olhar. – Tá! Pode ser!

De alguma forma ele tinha me convencido. Talvez tenha sido aquele jeitinho de príncipe amigável ao qual eu pouco tinha sido apresentada antes. Ou a ideia dele me mostrar um lugar que fazia lembrar de um clichê romântico qualquer onde o cara leva a garota para um lugar que eventualmente se tornaria o lugar deles. Não que eu quisesse viver um romance com um príncipe engessado, na verdade eu não fazia a menor ideia do que eu queria.

– Boníssimo! Sairemos bem cedo amanhã, por isso esteja aqui antes das cinco da manhã.

– Tá louco! Por que tão cedo?

– Para que tenha a experiência completa. Ademais, peço que leve um traje de banho. Caso a meteorologia acerte, iremos precisar.

Ele tava era louco se achava que eu ia acordar cedo daquele jeito pra ter aula de geografia sei lá aonde (*e de biquíni???*). Não tenho disposição, nem roupa pra um evento como esse.

– Tenho aula às sete, então infelizmente não vai rolar. E tipo, apesar do seu convite ter sido realmente irrecusável, meu corpo e eu entramos em um consenso de que é mil vezes melhor eu estar dormindo nesse horário.

– Terá aula às sete... mas terá comigo, se desejar. Prometo que não irá se decepcionar e que esta será uma das experiências mais agradáveis de sua vida.

Por causa daquela promessa e da minha facilidade em ceder ao jeito cada vez menos engessado dele, no dia seguinte acordei às quatro da madrugada e cheguei ao castelo pouco antes das cinco.

Ridiculamente não consegui contar a Tajana que mudaria meu percurso naquele dia. Não faço a menor ideia porque, mas não achava que devia a ela alguma satisfação. Sei que lá pras cinco da manhã estávamos em um barco maneiro indo pra eu sei lá aonde.

Eu estava morrendo de sono, com um pouco de mau humor matinal e incomodada porque era uma manhã fria e escura. Estranhamente aquilo me incomodava mais do que estar andando de barco pela primeira vez na vida.

O pior é que eu estava usando meu maiô guerreiro de sempre, com um short jeans e óculos escuros. Look bem praiana passando frio. O que não me impedia de estar na borda do barco, encarando aquele breu, bebericando o café quente que Gabren tinha trazido pra mim e esperando a manta que ele tinha ido buscar.

Não demorou muito para que o príncipe chegasse e me envolvesse em uma manta. Parece romântico, mas foi bem constrangedor para nós dois, pois estranhamente aquele tinha sido o contato mais próximo que já tínhamos tido um com o outro até ali, e ele se afastou o mais rápido possível. Achei até que ele fosse correr em algum momento, mas me adiantei em falar alguma coisa antes que ele fizesse isso.

– Para onde estamos indo, posso saber?

– Ao meu Ilhéu favorito. – Falou como se eu soubesse o que era ilhéu.

– Ah... show! – Fingi que sabia o que era.

– Decerto acredito que gostará de lá. – Percebi sua tentativa inútil de puxar assunto uma vez que eu não fazia ideia como continuar aquele diálogo sem sentido.

– Vamos ver, né... – Meu tom de voz não saiu como o planejado, o que era pra ser ansiedade soou como se eu estivesse duvidando dele.

Eu quis explicar que não era aquela a intenção, mas perdi o timing do diálogo, então encarei a escuridão em silêncio e ele fez o mesmo.

Aquilo ali era prova de que não tínhamos a menor intimidade um com o outro. Era um silêncio ridículo que me fazia questionar o que eu estava fazendo ali. Presa o tempo inteiro no desprezo daquele príncipe que ainda fazia questão de estar a um braço de distância de mim. Essa ainda era a parte que mais me incomodava.

Aí eu olhei para ele que mantinha sua atenção totalmente dedicada àquela imensidão de mar. O semblante de sempre estava presente... certa ausência de luz reforçava o rosto menos iluminado que já pude reparar. Queria entender por que sempre aparentemente tão triste.

– Ainda está com frio? – Sobressaltei com o de repente de sua voz e dos seus olhos que flagraram os meus.

Gabren apertou os lábios, claramente segurando o riso que ele queria ter soltado por causa do susto que eu tomei.

– Deu uma melhorada. – Desviei o olhar totalmente envergonhada.

Outra dose de silêncio.

– O que é um Ilhéu? – Resolvi perguntar para ver se matava aquele silêncio de uma vez.

– Ilhéu é uma pequena Ilha, um rochedo no meio do mar. Dramian tem 16 Ilhas e apenas três delas não são Ilhéus. São as três únicas Ilhas habitadas: Dramí, Santoré e a Núbia.

– Chega devagar... Só fiz uma pergunta e você já começou a aula de geografia.

– Eu disse que sua aula começaria às sete.

– Ainda não são sete horas. – Afirmei meio sem certeza.

– Já passa um pouco das sete decerto, a julgar pelo sol que começa a raiar.

Não tinha reparado que o sol já estava dando o ar das graças e que o céu começava a assumir uma cor levemente alaranjada. E era simplesmente lindo, o vazio do mar, o sol nascendo no horizonte e algumas gaivotas (eu acho). Era o retrato perfeito de uma dessas obras que fazem você refletir sobre a sorte que tem de poder registrar na memória.

Acho que tava óbvio para quem quer que quisesse saber que eu estava completamente apaixonado por aquele momento. Pude notar de relance que o Gabri estava me olhando com um meio sorriso no rosto, e provavelmente constatava o óbvio.

– Lindo, não é? – Concordei de imediato. – Esse instante também pode ser chamado de Geografia Humana...

– Geografia humana... – praticamente degustei a palavra.

– A Geografia Humana se dedica a estudar as relações do homem com o meio físico.

– Estuda o comportamento mais relativo então... Mas acho que perderia toda graça se me explicassem o porquê sempre acho surreal de incrível o quanto o universo é maravilhoso em todo seu natural.

Ele pareceu sem ter o que falar de tanto que concordava comigo. Rolou aquela identificação que tu entende que rolou só por um olhar. E o mais louco de tudo é que o príncipe ficou completamente perdido em como seguir com aquele diálogo. Então eu continuei.

– E o mundo é realmente tão diverso, né? Tipo, esse momento aqui é lindo, mas para pra pensar em quantas versões do nascer do sol são possíveis. É tão diverso que ninguém nunca vai ver tudo, mas poder ver um quarto já seria muita coisa!

– É por isso que tenho vontade de conhecer o mundo... – Gabri meio que confessou, mas pareceu arrependido logo após dizer aquilo.

– Eu tenho pena daqueles que nunca sonharam com isso.

– Só de pensar nas infinitas possibilidades de ver o sol nascer, eu tenho vontade de abandonar o que predetermina meu presente... – Respirou fundo aparentemente tentando voltar a sua pose de sempre. – Deveras que não há lástima por ser quem sou, apenas é inevitável não desejar ser tantas outras coisas.

E eu estava um pouco assustada porque ele nunca tinha falado tanta coisa de si mesmo.

– Opa! É um prazer finalmente lhe conhecer! – Fiz uma reverência que complementava minha ironia. – Se puder manter o príncipe preso numa caixinha, serei grata.

Ele quase que riu. – Ser um príncipe define um pouco de quem sou, não há negativas quanto a isso.

– Meu parceiro, você não pode se camuflar o tempo inteiro só pra manter a pose de príncipe. É muito mais legal quando você é só o Gabren.

– Acertou meu nome finalmente. – Constatou o que nem eu tinha reparado.

– Não muda de assunto... – Fingi ser indiferente àquilo. – Só queria dizer que não te conheço direito, mas não acho que tu seja uma pessoa ruim. O problema é que você não me deixa ter certeza. Minhas estatísticas sobre seu nível de maldade e bondade mudam o tempo inteiro.

– E qual é a estatística atual?

– 72% bom, 18% de mim não é capaz de opinar, 10% mau.

– É uma estatística aceitável.

– E minhas estatísticas nunca falham. – Beberiquei o quase nada que ainda restava na minha xícara para disfarçar a dificuldade que eu tinha de olhar para ele por muito tempo.

Não voltamos a tocar nesse assunto, mas ele estava bem diferente, mesmo quando logo depois assumiu uma pose de professor e começou a falar bastante sobre Geografia.

E eu juro que eram coisas interessantes, no entanto minha mente fez questão de ignorar a maior parte delas. Então não lembro muito além de que o clima era tipo Tropical, mas algumas áreas eram predominantemente semiáridas por causa do deserto de não sei aonde.

Também prestei atenção quando ele disse que a Ilha de Núbia exportava bastante peixe e a Ilha de Santoré algo relacionado a Salinas e sei lá mais o que. Ah! Tinham lagos em Dramí e cachoeiras que eu já queria conhecer. Mas isso realmente foi o pouco que eu absorvi.

E sim, a viagem até o tal do Ilhéu demorou bastantinho. Durante o percurso conheci a versão ensolarada de Dramian que era quase um Rio 40°, tanto que abandonei a manta muito mais rápido do que eu imaginava. Mas não tinha menor coragem de ficar só de maiô na frente do Gabren. E super estava evitando contato visual com ele, porque o cara ficava bem gato naquela luz e eu nem sabia muito bem como lidar com aquilo.

O príncipe estava falando algo sobre a vegetação local quando eu o interrompi sem muita cerimônia.

– Que tal um intervalo? – Ele comprimiu os lábios e eu não entendi se havia sido uma negativa.

– Tá muito calor e eu estou começando a ficar com fome.

– Fizemos uma pausa para que você comesse não faz uma hora.

– É, mas eu não tenho moral nenhuma com meu estômago. Ele que manda e já tô meio com fome de novo... – Ele não pareceu ter se compadecido. – Só tô pedindo um

intervalinho de nada, por favor?

Antes que ele concordasse em discordar, minha salvação saiu da cabine. O piloto veio dizer que estávamos chegando e que ali era um ótimo lugar para nadar. E eu que nem sabia nadar vi uma esperança em não sei o que.

– Nesse caso, podemos aproveitar esta pausa para nadar... – Gabren sugeriu.

– Eu passo a parte de nadar, mas aceito a pausa.

Então o príncipe disse ao piloto para parar ali, ignorando total que eu tinha dito que não queria nadar. Mas óbvio que aquele rolê não girava em torno de mim, então o piloto logo retornou a cabine disposto a seguir as ordens que havia recebido.

– O dia está espetacular, o mar está calmo. Por que a recusa em dar um mergulho?

– Duas coisas: eu não sei nadar e não tenho nenhuma garantia de que não vai vir um tubarão do nada e me estraçalhar.

– Sou sua garantia de que não há tubarões por aqui. E temos boias de canudo.

– Olha, fica realmente tentador quando você resolve os empecilhos que eu coloco, mas por enquanto eu vou só comer. Tô sonhando com aquela pastinha de atum. Se eu mudar de ideia, te aviso.

– Use seu intervalo da forma que lhe convém. Irei me trocar, pois o calor que estou sentindo é deveras insuportável e preciso urgentemente dar um mergulho.

Então ele foi lá no quartinho que tinha no andar de baixo do barco e eu não esperava que ele realmente voltasse sem seu traje de príncipe – que era o que ele usava sempre. – Mas aí o Gabren voltou sem camisa e com uma bermuda de praia. E eu fiquei chocada a ponto de deixar um pouco da pastinha de atum cair no maiô.

A esperança era que ele não tivesse notado o bug gigantesco que tinha dado em meu sistema, mas o príncipe parecia bem pouco à vontade naquela roupa, tanto que partiu varado e se jogou na água pela popa do barco antes que eu tivesse mais tempo pra ficar secando ele.

Eu consegui limpar a pastinha do meu maiô e esse foi o menor dos meus problemas. A merda mesmo era aquela puta vontade de nadar que ficou quando vi o quanto ele era aparentemente super íntimo do mar. Nunca tinha visto aquele cara tão feliz nas duas semanas que tinha tido contato com ele.

Sério, eu também queria aquela felicidade que eu nunca tinha me dado o luxo de ter. Inúmeros pores do sol aplaudidos no Arpoador, mas nunca tinha ido além da beira de nenhuma praia. Zero intimidade com o mar.

Não sei em qual momento me rendi a boia de canudo, mas me acovardei assim que cheguei na popa o barco e encarei o mar.

– Esse negócio é realmente seguro? – Gritei de nervoso para o cara que vinha até mim nadando.

– Descobriremos assim que você saltar. – Ele pareceu brincar daquele jeito engessado dele, mas não teve a menor graça. – Vem logo, você ficará bem. Qualquer coisa

eu te resgato.

– Não sei se já posso confiar minha vida a você. A água tá muito fria?

– Está agradável. – Falou e mergulhou para o sentido oposto.

Pareceu meio afetado pelo que eu disse antes, mas não vou negar, fiquei feliz que ele saiu dali porque foi minha deixa pra tirar o short jeans, tapar o nariz e pular estranhamente no mar. E sim, a boia de canudo funcionava.

Aquele foi um dos momentos mais legais de toda minha existência. Meu coração estava estranhamente acelerado, a água salgada parecia me abraçar e o cara que emergiu perto de mim tornou tudo mais intenso.

Era um momento bem surreal, onde eu só sorria e ele com aquele projeto de riso no rosto longe de estar em seu modo engessado. Gabren estava de alguma forma leve e eu total atraída por aquela leveza.

Confesso que passou pela minha cabeça que eu tinha que beijar aquele cara. Mas ficou só na cabeça mesmo, porque por mais que uma demorada troca de olhares tivesse entregado uma vontade momentânea que parecia recíproca. Aquilo não deixava de ser uma vontade momentânea.

Culpei a novidade de estar tão abraçada pela água do mar e jurei que muito em breve aquele pensamento não faria o menor sentido.

Nadamos e conversamos sobre o mar, sobre a água que estava na temperatura ideal, sobre a estabilidade do tempo, sobre qualquer outra coisa que não tivesse a ver com a vontade que claramente a gente tava um do outro.

Tentei focar no fato dele ter revelado que não era bom nadador, mas óbvio que ele se virava como dava e sabia toda uma teoria, só que realmente não era bom naquilo como parecia ser em todo resto.

– Deveras que eu era um péssimo nadador, anos de prática e continuo sendo um tanto medíocre. Mas gosto do mar. Entretanto confesso que falta-me convivência.

Ele estava sentado na plataforma de salto e eu naquela vibe de tentar focar no que ele tava falando. Mas meu cérebro inútil tava pensando “ah, mas será que ele malha? Porque ele não é tão malhado, mas a pancinha dele também não é tão descarada”, “Dramian tem academia? Nunca reparei.”

– Tu pelo menos nada, já é alguma coisa. Eu nem isso sei. Tô aqui confiando minha vida a uma boia de canudo... – Pelo menos tava conseguindo manter uma conversa.

Me aproximei da plataforma e tentei subir, não foi tão fácil quanto calculei que seria. Gabren tentou me ajudar, mas meu orgulho recusou de imediato, não dei nem tempo pra ele encostar em mim. Inclusive tinha medo desse contato, porque eu quis beijar o cara mais cedo sem ele nunca ter encostado em mim, imagina se encostasse...

Então eu subi escrotamente na plataforma. Aquele momento foi um erro que eu tratei de ignorar logo em seguida quando me sentei ao lado do príncipe.

– Mermão... São que horas? Eu tô com fome.

Estou começando a acreditar que trouxe comida de menos para este dia.

Daquela vez eu tinha razão em estar com fome. Já passava das duas da tarde e aquele “intervalo” já durava muito mais do que deveria durar.

Então assim que chegamos no tal do Ilhéu, comemos um peixe bem gostoso que eu nunca tinha ouvido falar na vida, aliás nem lembro mais qual era o nome. Sei que a refeição foi feita no barco mesmo, porque fora dali só tinha mar e uma montanha superbaixa e com pedras que não era nem uma unha do resto de mata atlântica que deve existir no Brasil. Além disso, também tinha uma extensão de areia que era pouquíssima coisa.

– Só não entendo qual é a desse Ilhéu. Do jeito que você falou eu criei muita expectativa.

– Espere até as sete e verá o pôr do sol que valerá por todas as suas expectativas.

– E enquanto isso faremos o que? – questionei já deduzindo a resposta. – Mais aulas de geografia?

Gabren negou. – O que você deseja. Estou deveras cansado de sugerir algo a fazer. Toda vez uma recusa.

– Eu recuso, mas depois eu aceito e na maioria das vezes eu até gosto. Acho bem legal que você não é um babaca soberbo, sabe? Apesar de ser todo travado e de as vezes ser bem arrogante, é muito gente boa e me trata bem. O que é incrível porque eu sou superchata contigo e você segue pleno.

– Você não é chata por completo. Deveras que as vezes extrapola em seus questionamentos, entretanto admiro sua curiosidade e sua forma de vivenciar as situações, efetivamente se doa por inteiro. Isto te torna inteligente da forma que todos deveriam ser.

Meu coração pareceu ter sido amaciado e eu suspirei meio sem querer. Mas não aquele suspiro hollywoodiano exagerado, foi uma parada mais relax, eu só respirei de um jeito diferente, com um propósito diferente.

Gabren se intimidou logo em seguida, percebi que ele fazia uma autocensura e brigava com si mesmo por ter exposto tanto o que pensava de mim. Eu contrapartida tava meio encantada. Meu ponto fraco era elogiar meu cérebro e aquilo foi tipo isso.

O restante das horas passou voando e a gente apenas conversou de uma forma que nunca havíamos conversado. Ele acabou falando mais sobre o mundo dele, como se o elogio tivesse aberto uma brecha pela qual só eu podia entrar.

Gabren me contou seus gostos, as aventuras que já viveu conhecendo cada canto de Dramian, contou sobre alguns projetos que tinha para quando fosse Rei e aos poucos eu sabia tanto dele que era realmente um prazer poder conhecê-lo. Pela forma dele falar, o jeito de pensar muito mais no outro do que nele, o senso de justiça, o olhar totalmente humano. O cara era incrível sem se esforçar pra ser.

Então aos poucos eu também fui me soltando. Falei um pouco de mim e do Rio de Janeiro que muito sabia das minhas histórias. Da vez que fui ao Parque das Ruínas, do fato de só ter podido ver o Cristo Redentor de longe, do Pôr do sol do Arpoador e de tantas outras coisas nas quais não me aprofundei muito, pois eu tinha que ser cuidadosa, ainda

queria abandonar meu passado.

E o fim da tarde chegou quase as sete da noite, com certeza mais rápido do que imaginávamos e minha garganta até estava um pouco irritada pelo tanto que a gente tinha conversado.

O sol estava prestes a se pôr quando descemos do barco. Nem tinha reparado que a maré baixa havia formado uma extensão de areia que dividia o mar em dois. Nadamos até lá e ao chegar me deparei com uma vista privilegiada.

Nos sentamos bem no meio daquela extensão de areia. Não sei dizer se era a primeira vez que aquilo acontecia, mas já não havia mais um braço de distância entre nós e nossos ombros até se tocavam.

O céu assumia um tom azulado, com pouquíssimas nuvens e tentava combater o tom alaranjado dos últimos resquícios de sol. Deitei a cabeça do ombro do príncipe enquanto assistia aquele show de camarote. Era sim um pôr do sol que superava qualquer expectativa. Do tipo que te faz esquecer todos os outros que você já viu.

Até que o sol se foi e eu tratei de levantar a cabeça, pois não sabia se ele gostaria de tanto con- tato. Mas por parte dele não teve nenhum comentário a respeito daquilo, pareceu natural para o momento. Só que ficou um clima estranho depois. Conversamos bem pouco e nadamos de volta ao barco o mais rápido possível, porque a volta era longa e já passava das sete.

O frio tinha retornado, a brisa batia mais forte, então estávamos sentados à mesa na Cabine. Eu envolta a uma toalha comendo novamente, porque nadar dava fome. Ele também envolto a uma toalha, bebia alguma coisa com álcool, talvez um gim.

– Irá ao baile amanhã? – Gabren perguntou após dar uma golada na bebida e fazer uma cara estranha.

– Só se me implorarem! Mas acredite, ninguém vai me implorar. Além do mais, não tenho um vestido do século 19 decente para usar e seria bem inconveniente eu ser a única de calça e blusa, porque sem condições usar o vestido horrível que Tajana comprou pra mim.

– O que tem de tão errado com o vestido?

– É todo rosa com azul! Eu não gosto muito dessa combinação e não quero ir ao primeiro baile da minha vida assim! – Drama queen modo ativado.

– O baile não é nada muito glamuroso. Serve para as pessoas socializarem, festejarem e coisas mais. É sempre bem decoroso, claro. Mas não há forma melhor de fazer amizades e sei que está com dificuldade nesse quesito.

– É aí que tá o problema! As meninas só falavam do bendito vestido hoje no colégio. Teoricamente o baile pode até ser tudo isso que você falou, mas na prática, se eu for com aquele vestido, vou sair de lá com o total de zero amigos que já tenho.

– Inacreditável que após este dia agradabilíssimo e repleto de conhecimento, não tenha me considerado minimamente como um amigo. E eu nem te julgo pelo que veste... – Aquilo era sim um tom descontruído, longe de se parecer com o daquele príncipe

engessado que conheci.

– De fato tu é o mais próximo de amigo que estou tendo por aqui. Mas tem que se esforçar mais um pouquinho para chegar a ser considerado na minha lista de amizades. Hoje foi um grande passo.

– Tudo bem. Mas acredito que deva ser um esforço mútuo. Esforce-se para ir ao baile e eu serei cada vez mais amigável contigo.

– Olha, não crie expectativas. Talvez eu apareça nesse tal baile, mas não prometo nada. Ninguém me implorou pra ir ainda.

– Acredito que suas expectativas sejam mais exigentes que as minhas, mesmo assim admiro sua capacidade de sonhar.

– Deixa eu me iludir...

Sorria igual uma idiota por não saber muito bem como lidar com a situação de tê-lo tão descontraído, mas seu rosto, aos poucos, se engessava novamente, tornava a ter aquela seriedade. Ele parecia ter lembrado que não devia me apresentar tanto de si. Mas seu olhar incisivo analisava o mais profundo dos meus olhos e meu sorriso se esvaiu antes mesmo que eu pudesse sustentar a força que era aquele olhar no meu.

– Enfim, vamos ver, né. – Tentei contornar a situação.

Ele apenas concordou com o que eu disse e o silêncio desconfortável voltou. Então encontrei minha deixa para descer, tomar um banho e trocar aquela roupa molhada.

Feito isso, assim que saí do banheiro ele entrou. Só então caiu a fixa de que fiquei um tempão de biquíni perto dele e simplesmente não tive vergonha nenhuma. Misericórdia, o que é que tava acontecendo?

...

A volta pareceu mais rápida, pois chegamos antes das nove ao píer do castelo.

Gabren perguntou se eu queria comer alguma coisa, mas eu recusei bem contrariada. Ele insistiu, claramente por cordialidade, pois dava pra ver que o cara tava exausto e que precisava descansar, por isso eu não cedi a proposta dele.

Então ele me levou até a porta do castelo e eu ameacei me despedir de alguma outra forma, tipo acenando ou beijo no rosto, sentia que nosso grau de intimidade tinha crescido o suficiente para isso, mas como não conseguia lembrar qual dessas formas eles usavam em Dramian, acabei fazendo uso de um sorriso sem graça. Na verdade, eu tava era aérea demais e nem gosto de assu- mir isso.

– Agradeço imensamente por ter aceitado o convite de hoje. Foi um ótimo dia. Meu coração tremeu, juro.

– Eu que agradeço, já gosto bem mais de Geografia e já amo essa coisa de Ilhéu.

O meio sorriso de sempre. – Aguardo você no Baile amanhã. – Ele disse enquanto eu pegava minha bike.

– Não disse que viria, ninguém me implorou ainda... – Montei na bicicleta. – Até

segunda-fei- ra, excelentíssimo Príncipe Gabri.

– Até amanhã! – Pude ouvi-lo gritar assim que dei partida.

Capítulo 4



O Baile de Dramí

Acordei naquele sábado com Tajana me chamando afobada. Tentei abrir os olhos, mas a sonolência era bem mais forte que eu, tão forte que eu não conseguia assimilar a maior parte das palavras inconvenientes daquela mulher.

– Aff, Tajana... O que foi? – Me aconcheguei em um travesseiro atendendo a pedidos do meu corpo.

– O príncipe te mandou uma caixa! – Confesso que entender a afirmação me fez despertar de imediato.

Minha alma pareceu ter saltado da cama antes mesmo do meu corpo.

– Caixa? Que caixa? – Meus olhos vasculhavam té os cantos mais improváveis do meu quarto.

– Está lá na sala! Acredito que seja um vestido, pois tem o nome do Ateliê da Noemi, decerto só pode ser um vestido. – Tagarelava sem se permitir respirar. – Ela tem os modelos mais incríveis de todo Reino.

Eu corri até a sala movida por alguém que definitivamente não se pareceria com o eu que sempre fui. Quando avistei a caixa retangular, tratei de me acercar a ela e abrir apressada... Em cima do tecido dobrado do que parecia ser de um vestido, havia um bilhete assinado pelo príncipe.

“Venha ao baile hoje à noite, eu te imploro!” dizia o bilhete.

Era mais que qualquer coisa que eu já havia recebido de bom grado, extremamente bem mais do que eu achava poder merecer de qualquer ser vivo no mundo. Porque aquilo parecia significar bem mais do que jamais ousei acreditar que poderia significar para mim.

Eu tava tentando assimilar aquilo e aceitar aquele presente de boas, sem achar que eu não era merecedora daquele episódio da minha vida. Mas era fato que eu estava um pouco encantada pelo que estava escrito naquela fucking carta.

Não tinha nada a ver com o tal vestido, porque Tajana também tinha me dado um... Tinha a ver com as expectativas que o conjunto de tudo aquilo me tinha feito criar.

Porque de repente eu imaginava o sorriso secreto dele escrevendo aquela carta, imaginava ele mostrando aquele sorriso pessoalmente para mim da forma que nunca havia mostrado a ninguém. Imaginava ouvir as palavras que ele nunca tinha confidenciado nem para as pessoas por quem mais se afeiçoou na vida. Imaginava o mundo dele e a porta se abrindo cada vez mais para que somente eu pudesse entrar. Essa sim era a maior ilusão que eu já tinha criado na vida em meros 5 segundos. Era a ilusão de se sentir única da forma que nunca me deixei sentir.

...

Me olhava no espelho já maquiada e com o vestido. Ele definitivamente era o mais lindo que eu já tinha usado na vida. A cor era champanhe e decorava meu corpo fazendo do sexy extremamente sutil. O corpete tinha suas transparências escondidas pelas aplicações e tinha sua gola canoa toda moldada em renda. A verdade é que aquele vestido parecia estar em movimento o tempo inteiro, principalmente pela saia em tule cujos bordados davam a impressão de que um céu de estrelas dançava ali.

Eu só sabia as especificações do vestido porque a Tajana ficava: “PE-CULIAR! É CHAM-PA—NHE!... VÊ SÓ O DETALHE DESTAS APLICAÇÕES... PE-CULIAR! GOLA CANOA... TULE!” Algo assim que ela disse.

Mas puta merda, eu tava era gata naquele vestido e ele caiu perfeitamente em mim. Quer dizer, até tinha ficado um pouco longo, mas Tajana deu um jeito.

Apesar de eu não ter muito o que fazer com meu cabelo por ele ser curto, eu decidi manter suas ondulações naturais e fazer um coque meio desconstruído, até usei uma tiara de pérolas falsas que Tajana me emprestou e a maquiagem também foi obra de Tajana, porque eu era um desastre nisso, mas ela mandou bem, então não estava ruim.

O sapato, optei por uma sandália rasteira mesmo, não tava a fim de ficar me matando num salto, sendo que o vestido cobria meus pés.

Só confesso, estava nervosa, não conseguia decifrar o que significava tudo aquilo. Não conseguia entender o que o príncipe queria e ainda me iludia nas infinitas possibilidades. Parte de mim insistia em pensar que ele não estava só se esforçando para ser meu amigo e que aquilo ali era sim meu conto de fadas. Mas outra parte de mim era bem sensata e tava tipo: *mana, se toca! Nada a ver.*

– Está linda... – Tajana me olhava como se tentasse se enxergar em mim, coisa que nunca iria acontecer.

– Obrigada, Tajana. A tiara deu super certo.

Ela sorriu em resposta, só então notei que até ela já havia se aprontado para o baile, usava um vestido mil vezes mais simples que o meu, mas que não era de todo ruim.

Pouco depois saímos a caminho do baile e o percurso até o castelo não era muito longo, só era bem menos chato de fazer quando de bike e quando não havia ansiedade envolvida... Ao chegarmos, senti um friozinho na barriga esquisito, tipo o anúncio de uma novidade que eu cismava que estava prestes a acontecer.

Entramos e não sei se eu era alívio ou pressa. Provavelmente pressa. Pressa pra entender o que eu morria de medo de ter entendido errado.

Deixei Tajana de lado e fui atrás do príncipe por não pensar que talvez ele estivesse ocupado demais, por pensar que talvez estivesse esperando por mim. Percorri todo o salão, sem encontrar vestígios dele, então adentrei o corredor que levava à biblioteca, fui sem lembrar que corria riscos de me perder no labirinto que eram os corredores daquele castelo, pois estava mais preocupada em entender se ele só queria ser meu amigo. Eu só pensava em entender que ele deveria querer ser mais.

Eu mal conseguia controlar meus sentimentos que me vinham tão depressa. Porque tudo parecia ser sinal. Porque meu coração gritava comigo dizendo que a forma que ele me encarou na sexta não tinha sido normal e minha razão gritava de volta dizendo que ele só me encarou.

Quando o encontrei, cortei todos os meus devaneios. Gabren estava distraído, ao fim daquele corredor extenso o qual as portas de vidro limitavam o início de um jardim. Ele usava um traje um pouco mais sofisticado do que aqueles de sempre e diferente do comum tom pastel, agora usava um preto... O cabelo preso dele me fazia estranhar e com aquela pose séria de sempre e uma taça de qualquer coisa na mão, ele parecia um retrato. O retrato mais almejado por meu hall da fama.

– Eu não entendo! – disse antes mesmo que ele tivesse chance de colocar os olhos em mim – Qual é a sua?

Parei à uma distância segura e tive o prazer de ver sua expressão se desmontar completamente pela primeira vez. O olhar carrancudo, vi relaxar. Os lábios grossos, tentavam esconder palavras que não falavam. O rosto todo vi reagir a mim tão positivamente que eu negava ser real o que eu conseguia traduzir.

– A minha o que?

– Por que fez isso tudo por mim? Tipo... qual é sua intenção?

– Foi você quem disse que viria ao baile caso alguém implorasse por sua presença, além do fato de ter reclamado não ter um vestido que usaria neste baile. – Tentou retomar sua pose de sempre quando desviou os olhos de mim. – Só tentei ajudar e vejo que funcionou.

Aquilo passava longe de minhas expectativas. E se aquilo significava mais que o que ele havia dito, o príncipe conseguia mascarar bem suas intenções.

– E por que fez tanta questão que eu estivesse nesse baile?

Ele deu um gole em sua bebida, antes de novamente voltar seu olhar incisivo a mim.

– Aposto que todos os rapazes que tiveram a sorte de colocar os olhos em você não pensarão mais em outra... E as moças, essas tiveram vontade de voltar para casa no mesmo instante em que a viram, pois tenho certeza que seu brilho as ofuscou. – Não sei definir que tipo de tom de voz era aquele, mas parecia que lhe faltava ar e eu confesso que o meu ar faltava. – Provavelmente você será o assunto mais falado de toda Dramí amanhã e espero que isso resolva seu problema de socialização.

– Então é só sobre meu problema de socialização? – tentei não demonstrar decepção.

Outro gole dele na bebida e eu senti uma dose de esperança descer por minha garganta.

– O que mais poderia ser?

Seus olhos tornaram a me atacar, dez vezes mais cruéis do que qualquer comparativo que eu pudesse fazer. De firmes também eram obscuros, contavam uma história em silêncio que talvez eu nunca poderia ouvir. Não chegava a ser o olhar mais triste, mas com certeza não era sinônimo de felicidade. Mesmo assim, apesar de opressores, fisgavam meus olhos como se já fossem donos de toda minha alma.

O susto que tomei foi quando ele se aproximou de mim, estava tão longe em pensamentos que quase não entendi a rapidez daquela proximidade mesmo quando ele veio a passos lentos... Estávamos perto de uma forma que jamais havíamos estado, tão perto que agora tinha cheiro, tinha a energia que sempre faltou, coisas que minha mente decorava sem que eu pedisse.

E então um contato extremamente confidencial. Sua mão que esbarrou na minha, uma, duas, três vezes antes da minha mão acuada se render ao toque e ao carinho que seu polegar dedicou e que eu sem pensar simplesmente retribuí. Enquanto nossas mãos conversavam tão silenciosas, seus olhos pareciam gritar com os meus, mas fui eu quem abri a boca pra falar.

– Eu não sei jogar esse jogo, Gabren... – Minha voz um pouco trêmula.

– Quem aqui está jogando?

Soltei nossas mãos, antes que fosse irreversível o apego ao contato, mas era tarde demais, pois minha mão já anunciava a falta que eu quis evitar.

– Então o que estamos fazendo? – Me afastei tentando trazer de volta pelo menos um pouco da dignidade que sei que já existiu em mim.

– Queria saber explicar, mas não tenho conseguido entender e é sempre dessa forma quando se trata de ti. Não foi minha intenção ser tão invasivo, por isso peço desculpas por qualquer sensação de desconforto que eu possa ter lhe causado.

– Tudo bem. Não foi nada demais.

Mas foi demais! Foi muita coisa! E ele só tinha pegado na minha fucking mão.

Tentava assimilar suas palavras e entender suas entrelinhas em meio ao eco que fizeram seus passos enquanto ele dava uma última golada na bebida e deixava o copo em um armário do corredor.

– Vou voltar ao baile, me acompanha?

– Melhor não... – disse aérea. – Acho que vou voltar pra casa.

Quase ri da tentativa dele em disfarçar o desespero estampado em seu rosto.

– Não acha muito cedo?

– Gabri, eu não tenho nada a ver com esse baile, nem com essas pessoas, nem com essa roupa, falou?... Eu não sei nem o que eu tô fazendo aqui. Tipo, não faz o menor sentido.

– Eu te implorei. Me esforcei em nome da nossa... amizade. – Apressou a fala. – Acredito que esteja aqui porque também está se esforçando. Obviamente, não tenho direito de te obrigar a nada, mas acho justo que você ao menos faça-me companhia essa noite.

– Mas você é o príncipe, Gabri. Nem vai ter tempo para mim. Sem contar que você parece uma estátua na maior parte do tempo... – Brinquei, mas ele pareceu ter levado a sério. – É minha estátua preferida, se serve de consolo.

– E creio que mesmo que eu estivesse exposto em um museu, você não conseguiria

resistir aos meus encantos. – Estranhei quando do nada ele embarcou na minha.

– Que encantos? – Deixei escapar um sorriso que tentei maquiar com sarcasmo.

– Não consigo citar nenhum agora, mas tenho certeza que você conseguiria citar vários... – Ele projetou um meio sorriso em seus lábios e eu me perdi por alguns segundos.

– Estava considerando em te considerar como amigo. Mas já que Vossa Majestade claramente está tentando flertar comigo, tô vendo que terei que mudar de planos... – Por fora eu forcei imunidade àquele sorriso que veio sem anúncio depois do que eu disse, mas por dentro eu tava: puta merda, esse homem fica ainda mais maravilhoso sorrindo e eu acabei de flertar total com ele!

– Oras! Caso eu estivesse flertando com você, definitivamente seria mais cortês... – Gabren se aproximou novamente de mim e pegou uma das minhas mãos. – E lhe convidaria para dançar.

– Mas... – Soltei sua mão fingindo soberba. – Eu com certeza não cederia ao flerte do príncipe.

– Nem se eu implorasse?

Eu suspirei em meio a um riso inconformado. Sim, inconformado pela resposta que ele parecia sempre ter na ponta da língua.

– Não seria novidade, afinal você já usou essa tática antes.

– Resta saber o que viria acompanhado do meu pedido implorado dessa vez, pois talvez fosse essa a novidade.

– *Peculiar!* Se planeja me manter nesse baile, é bom que se adiante com sua novidade.

Eu estava mesmo ficando boa no dialeto, mas antes que eu pudesse curtir minha evolução como dramiana, o príncipe aproximou mais seu rosto do meu, deixando nossos lábios rentes o suficiente para que eu sentisse meu rosto inteiro esquentar.

– Eu te imploro que fique e dance comigo... – disse em um sussurro.

Senti um latejar de desejo em minha boca e em um impulso tentei unir nossos lábios em um beijo, mas ele se afastou antes que isso pudesse acontecer.

– Aff... – resfoleguei. – Que tipo de novidade é essa?

Eu não queria ter sido tão óbvia em minhas intenções, mas todo aquele diálogo aconteceu tão rápido que eu nem sabia mais disfarçar.

– Tenho ao menos o direito de guardar o melhor para depois da dança? – Felizmente ele parecia estar tão naquele clima quanto eu.

– Que dança? Aquela que ainda não concordei que aconteça?

– Deixaria esse pobre príncipe desolado no meio deste baile?

– Pobre sou eu. Certeza que vossa majestade é capaz de encontrar outro par em um estalar de dedos.

- Engano seu, qualquer outra diferente de ti não faria sentido estar em companhia.
- Pois eu nem sei dançar. – Confessei.
- Mas é boa em arrumar desculpas.
- Vai ver que isso não foi uma desculpa quando eu pisar no seu pé.
- Isso quer dizer que aceita meu pedido?
- Uma dança! – Dei ênfase no que disse quando usei meu indicador para representar o número um. – E aí eu vou embora.

Então adentramos no salão juntos e os olhares se voltaram imediatamente para nós. A banda tocava uma música clássica que provavelmente era tipo Beethoven só que diferente.

Abriu-se um espaço enorme quando o príncipe avançou até o centro, as pessoas o reverenciavam enquanto ele passava. Aquela recepção toda me inibiu, então eu fiquei pelos cantos como o restante das pessoas. O príncipe pareceu ordenar que a banda fizesse silêncio e o silêncio se fez.

– Povo dramiano! Espero que estejam se divertindo. – Ouvi metade das pessoas cochichando sobre ele e... sobre mim? – Hoje comemoramos o aniversário da capital. Mas creio que Dramí é presenteada todos os dias com o cuidado de vocês... Por isso, agradeço a presença de todos! Este baile é uma homenagem a vocês que fazem de Dramí a melhor possível!

Ele indicou que banda voltasse a tocar e que o povo voltasse para o meio do salão. Alguns dramianos cercaram ele, mas pude vê-lo me procurar de soslaio.

Não sabia o que pensar. Queria muito não estar ali, mas queria mais que tudo estar com ele. Só com ele. Eu não era muito de socializar, e não era timidez, era preguiça de todo aquele ritual que envolvia conhecer alguém novo. O ritual que não senti passar com o príncipe.

– Eduarda, né? – Tive um leve delay antes de assentir para a garota que eu lembrava de já ter visto no colégio.

Ela parecia ter as características mais marcantes de uma indígena brasileira. Os olhos escuros, a pele negra e o cabelo longo escorrido. Vestia um vestido de baile bem exagerado, vermelho e com brilho.

– Conheces o príncipe? – Continuou com seu sotaque fortíssimo. – Lhe vi chegar ao salão com ele.

– Conheço. Aliás, todos conhecem, não?

– Na verdade, o príncipe é um tanto reservado. E é no mínimo estranho no pouco tempo que estás aqui já ter tido algum contato com ele.

– Não se preocupe, isso tudo é por causa do meu sobrenome. Sou um estorvo nessa sociedade, como você já deve saber, por isso ele tem ficado no meu pé... Digo, em minha cola... Quer dizer, ele tá cuidando pra que eu não faça nenhuma besteira.

– Entendo... – Parecia desconfiada, mas deu a entender que deixou suas desconfianças

de lado quando continuou falando afobada. – Ah! Que indelicadeza a minha, mal apresentei-me e já lhe enchi de questionamentos. Meu nome é Liana Dolei.

– Prazer.

– Saiba que não importo-me com o que dizem de ti. Acredito que podemos aprender muito juntas, apesar do teu histórico familiar e do teu... jeito estrangeiro.

– Que bom. Eu também acredito que podemos aprender muito juntas, apesar de suas inconveniências e do seu jeito petulante.

Ela riu. Puta merda, eu ofendi a garota e ela tava rindo!

– Aí, como você é engraçada, Eduarda... – Parecia cansada com aquela sequência de risadas irritantes e se achou no direito de se apoiar em meus ombros. Acho que sua falta de noção tinha a ver com a bebida em sua mão. – Veja! – gritou estridente em meu ouvido. – É a Melissa e a Jordana... Vamos, lhe apresentarei a elas. – Acenava para as meninas por cima dos meus ombros.

– Não precisa, querida. – Tentei domar sua inconveniência, mas ela me puxou pela mão antes que eu pudesse me desvencilhar de seu primeiro contato.

Vergonhosamente atravessamos o salão atrás das tais Melissa e Jordana. Eram gêmeas, idênticas. Ambas donas de cabelos volumosos e cacheados, pele amarelada e olhos cor de mel... A única diferença que notei entre elas foi a cor de seus vestidos. Jordana era a de amarelo. Melissa a de azul. Ou seria o contrário?

Antes que eu pudesse tentar descobrir quem era quem. Fui surpreendida pela presença de um cara. Também era da escola. Fazíamos várias aulas juntos, mas ele nunca nem tinha me dado um oi.

– Olá, senhoritas. – Tinha o TOC de ajeitar o cabelo loiro, coisa que eu já tinha reparado no colégio (*não que eu ficasse secando esse cara, nada a ver, nem fazia meu tipo*).

As meninas se intimidaram com a presença dele, mas responderam ao cumprimento com uma reverência leve. Fiquei na dúvida se fazia o mesmo, mas acabei ficando na minha.

– Eduarda, estou certo? – Demorei a entender que ele estava falando comigo.

– Ah! Eu? Sim... Eduarda. Você? – Eu parecia uma primata tentando se comunicar.

– Kayke. – Passeou com o olhar por meu corpo sem o menor pudor. – Se me permite dizer, você está linda.

Quis dizer que não permitia que ele me fizesse algum elogio, mas fingi estar lisonjeada. Era estranho o tal do Kayke ter ignorado todas as outras meninas, principalmente a Melissa (ou Jordana, sei lá) que olhava pra ele com certo encantamento.

– Obrigada. – disse simplesmente.

– Me daria o prazer de uma dança? – Aquele Ken humano me surpreendeu com a pergunta.

– Agradeço o convite, mas terei que recusar. Não danço muito bem.

– Eu não me importo com sua dança, sua companhia já me bastaria.

As meninas me olhavam com certa expectativa, menos Melissa (ou Jordana) que tinha luto estampado no rosto. Mas algo nele me incomodava, apesar de ele não aparentar estar sendo des- respeitoso comigo, parecia que estava sendo, sei lá.

– Acredito que Melissa esteja mais preparada para estar em sua companhia. – Arrisquei dizer e pelo rosto iluminado da menina, acreditei ter acertado o nome da gêmea.

Ele dirigiu o olhar para a garota, talvez um pouco confuso, não sabendo ao certo quem ela era. Examinou-a dos pés à cabeça, como se ela fosse uma mercadoria e depois voltou novamente o olhar para mim.

– Melissa é uma bela moça, mas não se compara a você.

O luto voltou a invadir o rosto da garota que parecia tentar impedir um choro de lamentos.

– Pois eu não estou interessada.

– E qual a razão de seu desinteresse? – Sua pose esnobe tentava camuflar o menino mimado que começava a se irritar.

– Nada contra você, mas também nada a favor.

A chatinha da risada insuportável que eu já tinha esquecido o nome, não conteve uma risadinha.

– Sendo assim, acho melhor me retirar. – Kayke afirmou naquele tom gentil forçado.

– Acredito que seja mesmo o melhor a fazer. – Retruquei.

– Mas caso mude de ideia, estarei a sua espera. – Ele fez uma reverência unicamente dedicada a mim como despedida e então uma única para as outras três.

Assim que ele saiu a chatinha foi dizendo extravagante. – Você sabe mesmo como recusar uma dança!

– Kayke teve o que merecia, foi completamente indiscreto! – Jordana falou.

– Mas ela poderia ter sido um pouco menos indelicada. Não é todo dia que alguém como ele convida alguém como ela para dançar. – A gêmea oprimida cagou pela boca.

– Pois eu não devo nada a ninguém. Se me dão licença, vou buscar uma bebida.

No caminho para onde eu nem sabia que estava indo, avistei o príncipe e esbarrei propositalmente nele com o intuito de ser notada.

Nem um pouco madura, eu sei. Mas uma solução um tanto eficaz naquele caso. Eu segui a caminho da entrada principal do castelo e saí por lá disposta a fazer um drama.

Mal tinha chegado ao jardim da frente quando ouvi a voz de Gabren pedindo para que eu esperasse.

Olhei para trás, mas continuei andando a passos firmes. Ele foi rápido e correu até que me alcançou.

Me senti a própria drama queen.

– Para onde vai?

Parei pra responder à pergunta. – Pra casa.

– Disse que dançaria comigo.

– Você é o príncipe, não tem tempo pra essas futilidades e eu não sei se tenho jeito pra lidar com essas pessoas.

– Fizeram-lhe mal? Porque caso algu...

Eu o interrompi. – Não! Ninguém me tratou mal. Apenas me senti um tanto deslocada. – Ele ameaçou falar mais alguma coisa, mas eu continuei. – Não tem nada a ver com eles, acho que é comigo. No Rio de Janeiro também era assim, eu nunca me sentia confortável.

– Sente-se desconfortável em minha presença também?

O príncipe parecia tão receoso que se afastou um pouco de mim, mas eu encurtei a distância.

– Não, Gabren, você talvez seja a pessoa mais confortável por aqui.

– Pois agora já entendi tudo. Tendes a encontrar conforto em uma peça rara. Desculpe informá-la dessa forma, mas existe apenas um exemplar de mim. – E pela forma descontraída que ele falava também se sentia confortável estando comigo.

– Seria esta a lástima da minha vida?

Pausa para dizer que é um sonho poder usar “lástima” em um diálogo!

– Acredito que sim! – Me tomou em seus braços em um de repente. – Está fadada a querer estar em minha companhia pelo resto de sua vida.

Sua fala foi quase um sussurro e então com nossos corpos mais próximos do que jamais estiveram e uma de suas mãos provocando explosões em minha cintura enquanto sua outra mão na minha fazia meu braço inteiro formigar, era atestado de que foi de súbito que começamos a valsar.

A música estava distante, mas o cenário praticamente vazio era mais que perfeito. Apoiei minha cabeça em seu peito, deixando que o príncipe nos conduzisse, pois eu era uma mera plebeia que nunca nem tinha valsado na vida.

Não demorou muito para virarmos a atração do baile. *“Peculiar! O príncipe está dançando com ela”*, ouvi alguém cochichar. *“Oras! Mas o príncipe nunca dança”*, outra voz falou. As pessoas comentavam a cena como se não estivéssemos ouvindo, mas não consegui ignorar os comentários nem o fato do jardim agora estar com muito mais pessoas que antes.

– Gabren, – Encarei seu rosto que parecia estranhamente despreocupado. – Estão falando de nós.

– E que mal tem isso?

– Eu não me sinto bem sendo notada. – Me afastei dele e daquela dança.

– Tudo bem, daremos um jeito. Pode encontrar-me meia-noite no jardim da ala oeste?

– Poderia... se eu soubesse onde fica a ala oeste.

Ele riu. – É aquele jardim por trás das portas do corredor em que nos encontramos mais cedo.

– Ah sim! Tô ligada qual é. – Assim que ele demonstrou estar confuso com o que eu disse tratei de me corrigir. – Quer dizer que sei onde fica. Mas por que meia-noite? De acordo com cinderela é o horário ideal para o encanto se perder.

– Pois em Dramian, à meia-noite desse baile é quando o encanto começa. – Foi minha vez de ficar confusa. – Trata-se de uma tradição dramiana que quero que conheça. Infelizmente não poderei passar a noite inteira ao seu lado, mas espero que fique até meia-noite ou até meia-noite e meia se não for pedir muito.

– Fica tranquilo, Vossa Majestade. Pode ir com seus súditos, eu não vou a lugar algum, pois sou um poço de curiosidade.

O príncipe sorriu sem jeito, como quem pede desculpa, depois fez uma leve reverência a qual eu retribuí. Enquanto ele se afastava, soltei um suspiro sem querer, acho que finalmente estava me dando conta de que aquilo ali era um conto de fadas sim, mas parte de mim me lembrou em um súbito que eu não pertencia a nada daquilo.

Capítulo 5



O Festival dos Balões

O badalar da meia-noite do sino da igreja que geralmente me fazia acordar no susto, de repente se tornou o som mais reconfortante que ouvi na vida, junto a ele pareceu ter acontecido um apagão na Ilha.

Antes disso, eu não fiquei sozinha, a chatinha tornou a me assombrar juntamente da gêmea boa e da gêmea má. Confesso que não foi de todo ruim, fez a hora passar e eu interagi com outros dramianos do colégio. Só deu vontade de chorar quando as doidas me fizeram comer Gusteca, que era um prato típico de Dramí, e eu quase passei mal com aquele treco que parecia uma coxinha amassada com o mesmo recheio de pizza à portuguesa.

Tirando o fato de que as meninas tentaram a todo custo arrancar de mim que eu estava apaixonada pelo príncipe, era até legal ter alguma coisa próxima de amizade com aquelas chatas.

– PE-CU-LI-AR! – A mais chata de todas, Liana, não continha seus impulsos exagerados. – Vão dar início ao momento mais incrível do baile!

– Um apagão? – questionei confusa.

– O festival dos balões! – uma das gêmeas exclamou. – Trouxe sua carta?

– Que carta? – Eu era a única por fora. – Ninguém me falou nada sobre isso.

Ninguém me respondeu que fucking carta era aquela, afinal foi nessa hora que algo bem mais importante começou a acontecer. Algumas pessoas surgiram do além segurando uns balões iluminados por... LED? Sim, aquilo era LED ou uma espécie de pisca-pisca que enrolaram nos balões. Sei que eu ganhei um, assim como todo mundo ali, e o salão parecia um céu com todos aqueles balões iluminados que, só não flutuavam além, porque eram contidos por nós que ajudávamos a gravidade a contê-los.

Aí todos começaram a se encaminhar para a saída, tinha gente ajudando e tentando tornar o percurso mais prático para quem ia até o jardim da frente. Mas eu fui direção oposta mesmo não enxergando nada direito, tinha que encontrar o príncipe, talvez ele me explicasse tudo isso melhor. Já passava da meia-noite, então eu tinha que cumprir nosso combinado de mais cedo e ir até o tal jardim da ala oeste.

Os corredores que iluminados já engavam, no escuro faziam de tudo muito pior. Por onde eu passava a única luz era do meu balão, o que não me impediu de esbarrar em alguns móveis pelo caminho. Mas logo tombei com alguém, tombei com o melhor alguém possível.

– O que que tá acontecendo? – perguntei assim que certifiquei que era o Gabren.

– Imaginei que poderia estar perdida. Se puder vir comigo, prometo que você entenderá

do que se trata.

– É claro que vou com você, só esse balão de LED já me deixou bem satisfeita com esse baile.

Sua mão encontrou a minha, um contato que já era extremamente familiar. Não foquei muito no toque, mas foi assim que ele me guiou para o jardim da ala oeste e eu já estava encantada por toda aquela novidade.

– Ao que parece, ainda não conhece a tradição.

– Não mesmo. Tô totalmente por fora.

Ele foi até o banco do jardim aonde tinha amarrado seu balão, pegou uma lanterna daquelas grandes e acendeu, depois pegou um caderno e uma caneta.

– Primeiramente, você precisará de papel e caneta. – Estendeu a mão com os materiais para mim e eu peguei. – Tradicionalmente em todo baile de aniversário da capital, acontece o Festival dos Balões. Antigamente eram lanternas de papéis, mas era necessário fogo para que elas flutuassem, e dessa forma aconteciam muitas queimadas quando as lanternas caíam, então encontramos esse meio alternativo, já que a tecnologia nos permite isso.

“Hoje em dia usamos esses balões. Além disso, cada dramiano cola em seu balão uma carta desejando alguma coisa a si ou a alguém, e então solta o balão. Logo, logo, os balões no céu iluminarão toda Dramí.”

Eu não conseguia nem fazer perguntas. Estava perdida naquela mágica tão inédita para mim e no seu jeito ansioso de falar. Só que o meu maior desejo naquele momento eu tinha até medo de escrever, parecia fantasioso demais.

Gabren iluminava o caderno de longe, enquanto eu completamente relutante e sem dizer nada, escrevia aquele desejo no papel como uma prece silenciosa. Depois arranquei a folha e dobrei. Estendi a mão entregando minha confiança ao príncipe e ele quem colocou em meu balão.

Eu mal tinha colocado o caderno e a caneta de volta ao banco quando o príncipe apagou a lanterna e pegou seu balão que já tinha seu desejo colado. Após isso, ele parou frente a mim e me devolveu meu balão.

Com a iluminação singela dos balões pude ver um sorriso enfeitar seu rosto, o que me fez simplesmente sorrir junto. Príncipe Gabren se aproximou mais e sua mão antes livre, senti aquecer o percurso breve que fez do meu ombro até minha nuca. Era só sentido, pois o contato me fez instantaneamente fechar os olhos, completamente entregue a um simples toque.

Também senti quando seus lábios se aproximaram dos meus e quis chorar pelo beijo que não veio, pois eu era emoção demais. Era descontrole, era incompreensão, porque qualquer coisa que ele fazia parecia muito. Parecia demais.

– Diz a tradição que se você deseja algo a alguém em sua carta. Seu ar faltou em meio ao tom baixo de sua voz. – O desejo chega a esse alguém de alguma forma. A minha carta é sobre você e partiu do meu mais profundo ser, caso um dia caia em suas mãos, saiba que

não foi um desejo, foi uma promessa.

Abri meus olhos que lacrimejavam de uma forma estranha, e não resisti ligar a confusão de sentimentos ao meu coração que parecia gigante demais para caber no peito. Em seus olhos eu via o mesmo descontrole que parecia habitar em mim. O melhor descontrole que pode existir em nós, aquele que é bom e injustificável. Aquele que é a verdade absoluta mais secreta do mundo. Aquele descontrole que Príncipe Gabren e eu confirmamos em um encostar de lábios lento que logo se transformou em algo muito maior. Era um beijo, um beijo nosso. Um beijo que desenhava nós em cada pedaço daquele momento. Um beijo que nos fazia ser nós.

Não sei em qual momento soltei o balão, talvez tenha sido pouco antes de eu enlaçar meus braços no pescoço do meu Tarzan. É que foi tudo em um ímpeto, um improviso completamente natural. Quando aquele beijo findou, continuamos próximos, pois agora éramos donos de uma intimidade que parecia sempre ter existido.

Ainda ficamos um tempo na novidade do nosso beijo. Até que ele deu a ideia de observarmos o festival de balões e nos deitamos na grama presos no aconchego que os nossos corpos doavam um ao outro. Observei a beleza do céu dramiano, mas não tirava da cabeça a beleza que tinha sido beijar aqueles lábios.

– Assume, Príncipe Gabren. Acabo de me tornar o melhor beijo da sua vida. – Zombei pra não dizer que amava, porque queria dizer, juro. Eu já queria dizer eu te amo para aquele homão. De verdade. Eu queria mesmo. Queria gritar até. Era muito louco.

– Fácil assumir esse posto, você é a dona do meu único beijo, e de certo não poderia ter sido com outra, nem melhor do que foi. – Pareceu me presentear com suas palavras tímidas e, puta merda, era um puta presente.

– Caô! Tu tá me zoando! – Encarei seu rosto e pude ver que ele esperava por uma tradução. – Isso é sério? Fui seu primeiro beijo?

– Foi. – Nunca tinha visto sua expressão tão envergonhada. – Não sei como funciona no Rio de Janeiro, mas aqui o beijo compreende uma grande intimidade. Então para evitar qualquer mal-entendido, quero deixar claro que você é a única pessoa com quem eu já quis me comprometer e se houver consentimento de sua parte, espero selarmos um compromisso.

Respondi aquilo primeiramente com um beijo, para depois usar das palavras.

– Então quer dizer que Vossa Alteza me quer como sua futura Rainha? – não era deboche, falei meio zoando, meio tentando entender.

– Decerto que neste momento fantasio com isto. Mas compreenderei se houverem ressalvas de sua parte. – Ele tentava recuperar a confiança, mas parecia bastante preocupado.

– Não acha cedo demais para tanto? – Não queria fazer a chata receosa, mas também não queria acreditar que as coisas podiam acontecer tão rapidamente.

– Considero o cedo melhor do que ser tarde, mas entenderei caso escolha não se comprometer. A verdade é que eu sei dos meus sentimentos por você e esperarei seu tempo mesmo que ele dure uma eternidade.

– De qual filme de romance você saiu, em? – me apoiei em seu peito.

– Eu não sei. Mas caso estejamos vivendo um filme, quero fazer morada nele e nunca mais sair.

MEU DEUS DO CÉU! Sabe aquela sensação de ter o coração se retorcendo de paixão? Isso não era metade do que acontecia dentro de mim a cada palavra daquele cara.

– Queria saber dizer palavras tão apaixonantes. Mas só sei me encantar cada vez mais por cada palavra sua. – Selei nossos lábios e, pronto, eu tava fazendo papel de boba apaixonada.

– Não há nada mais... “*apaixonante*” do que ter seus olhos sorrindo tanto para mim.

– Mas quem diria, príncipe Gabren é um galanteador.

– E como sempre, você não resiste a nenhum dos meus galanteios.

– De fato não resisto, aliás já estou me preparando para quando você me pedir em casamento. Que não duvido que acontecerá semana que vem, ou amanhã, pois você tá caidinho por mim.

– Isso vai depender de quando nossas alianças ficarão prontas. Apenas isso é empecilho. – Era o famoso zoando e falando sério ou só zoando? Eis a questão.

– E como é que funciona o casamento aqui? Tipo “véu e grinalda, lua de mel, chuva de arroz e tudo depois”? – achei que ele não fosse entender a referência, mas me surpreendi quando ele soltou um riso.

– Gosta da Tribalistas, então?

– Gosto e acho até estranho você conhecer.

– Posso dizer que é um dos privilégios de ser príncipe. Mas a música fala basicamente tudo. O casamento aqui não é muito diferente disso. Dependendo do casal pode ser religioso ou não. Tem um baile depois...

– E qual a religião daqui?

– A maioria do povo pratica o Dromeismo, uma religião cristã cultural de Dramian, mas não temos uma religião absoluta. Temos apenas um templo em cada ilha onde qualquer um pode entrar e professar sua fé independente de suas crenças.

– Ecumenismo?

– Praticamente sim.

– Mas o casamento real segue os ritos do Dromeismo por obrigação?

– Eu sou Dromeista, então sempre imaginei que me casaria segundo meus preceitos religiosos, mas estou ciente que depende apenas de mim.

– Portanto que meu vestido seja um daqueles bem maravilhosos, juro não te encher o saco com essa parte.

Sim, mal tínhamos nos beijado e eu já tinha me colocado como futura noiva dele. Justamente porque eu estava completamente fora da minha realidade e a melhor parte era que só de olhar pro Gabren já dava pra saber que era recíproco.

– Então não é religiosa?

– Ah, não! Eu acredito em Deus, em anjos e em mais um monte de coisas. Mas não confio nas pessoas, sabe? Então tipo, já fui em várias igrejas diferentes e Jesus é realmente top, o que estraga é o fã clube. As pessoas que se julgam conhecedoras da verdade divina são as primeiras a serem babacas de alguma forma.

– Não vou dizer que no Dromeismo você encontrará uma exceção.

– É, eu sei, não tem religião perfeita. Até porque o ser humano é imperfeito e eu sei que a gente não tem que ir à igreja pelas pessoas, mas sim por Deus... Só que algumas situações são bem chatas.

Não demoramos muito mais nesse assunto. Aliás, sempre achei que religião é um assunto extremamente pessoal. O sagrado é relativo demais e deve ser respeitado. Religião pra mim não combina com opinião, combina com o amor sobretudo.

Então Gabren tratou de mudar de assunto, e que bom que ele fez isso. Ou não, né.

– Acho interessante seu aparente desprendimento, pois deveras que a realidade do Rio de Janeiro é completamente diferente da que vive aqui em Dramian. Não sente falta de ninguém?

– Ah! Eu sinto... sinto falta da... – Pensei bem ao falar o nome. – Nâna! Minha melhor amiga.

– Seriamente? Somente dela?

– Foram poucas as pessoas que deixei pra trás. Falei sério quando disse que não confio nas pessoas. Você é uma exceção à regra, inclusive. Nunca quis ter isso de me comprometer com ninguém, mesmo já tendo beijado vários outros caras. É um pouco estranho pra mim estar tão comprometida a você, mas parece bem natural.

Ele não conseguiu esconder um sorriso tímido.

– Fico feliz em ouvir isso. Confesso que tinha meus receios. Não quero que sintasse pressionada a estar na mesma página que eu.

– Pois esta é a última coisa com a qual você deve se preocupar. Acho que o que te dará mais trabalho é convencer o povo que vale a pena acreditar no futuro do nosso relacionamento.

– Sendo você uma legítima cidadã dramiana, eles não têm contra o que argumentar. Foi aí que eu me doí.

- Certo. Mas o que acontece quando alguém não dramiano entra nas Ilhas?
- Achei que esta era uma coisa da qual você sabia, pois seu histórico familiar carrega um caso desse.
- Carrega? – Gelei. – Ninguém nunca me contou sobre isso...
- Acho um equívoco que tenham escondido a verdade de você.
- Então me conta, ué... Por que minha família é tão cagada?
- Não me acho no direito de revelar.
- Te dou plenos direitos! Começou, termina. Então tu trate de me contar! Por favor, sério, Gabren, nunca te pedi nada...
- Tudo bem. Eu contarei. Lhe conheço o suficiente para saber que me perturbaria até que eu contasse. Mas deve prometer que não dirá a ninguém que soube disso por mim.

Depois que eu prometi, ele de deitado passou a sentar na grama. Fiz o mesmo, então Gabren logo começou a contar. – Sua avó quando completou a maioridade decidiu deixar a Ilha, e quando escolheu voltar, deu um jeito de burlar a única lei absoluta de Dramian e trouxe um não-dramiano para o Reino. Eles conseguiram esconder isso por vários anos, até que foram descobertos e ela banida para sempre... Sua mãe optou por ficar aqui, na época tinha sua idade e já estava grávida mesmo estando fora de um casamento, o que é malvisto aqui na Ilha. Foi quando ela optou por te entregar para seus avós que já moravam no Rio de Janeiro. E isso é tudo o que posso lhe contar.

- Puta merda!
- É por isso que seu sobrenome é tão manchado. Foi o único caso em todo Reino.
- Mas por que não aceitam estrangeiros?
- Puramente por controle populacional. Não é proibido que um dramiano se case com um estrangeiro fora do Reino. Só que o cônjuge não entraria aqui.
- Não tem nenhuma forma de mudar isso?
- Não por minha parte. É uma lei absoluta, só poderia tentar modificá-la caso me tornasse Rei.

Tentei disfarçar meu desconforto com aquela conversa, pois pela primeira vez tive medo que suspeitassem de alguma coisa. Eu não sabia a gravidade do que estava fazendo quando entrei nessa. Mas puta merda! Eu não era Eduarda Douge. Era Mariana, Mariana Silva. E não era cidadã dramiana, nem aqui, nem na China.

E tinha acabado de me dar conta de que se aquilo ali era um conto de fadas, aquele seria meu conflito.

Capítulo 6



Todos os segredos

Eu quis contar ao príncipe quem eu era de fato e explicar o que fazia ali. Mas ao mesmo tempo rezava para que acontecesse como nos filmes e alguém nos interrompesse antes que eu contasse algo a ele, para que não parecesse tão covarde não contar.

Em um estalar de milésimos, um flashback me atingiu. Estava no meu antigo colégio, conversando com a Duda, que estava com cara de quem tinha chorado a noite inteira, ela me contava alguma coisa sobre seu namorado estar planejando um intercâmbio após a formatura dele. Ela tinha medo de ficar sozinha e eu tentava não a amedrontar ainda mais com minhas experiências de uma vida de solidão.

– O que vai ser de mim, Nêna? – Lamentou e eu vi seus olhos encherem de lágrimas, mas ela não deixou que nenhuma escapasse. – Pra piorar, minha vó descobriu a existência dele e quer me mandar para aquele lugar pra morar com a Tajana.

– Mas por quê?

– Por quê? Não tá óbvio que eles querem foder minha vida? – Revirou os olhos. – Minha mãe me largou aqui com eles e agora eles querem me largar com ela. Eu nem sei quem é meu pai, cara! Isso tudo é tão ridículo! – Cuspia as palavras e pelo visto não queria que nada fizesse sentido, só estava botando para fora coisas que ela nunca tinha conseguido falar em voz alta.

– Bom, eu não sei o que te dizer...

Na verdade, eu sabia muito bem! Queria dizer a ela que não devia depositar todas as suas expectativas de futuro nas mãos de um homem. Queria dizer que ela deveria agir como uma mulher independente e que aquilo ali não era o fim do mundo. Mas não disse, porque meio que tomei as dores dela. Por mais superficial que aquilo parecesse, se doía nela, doía em mim.

– Acho que nem tenho nenhum conselho para te dar... – continuei. – quer dizer, não tenho nenhum que você possa aproveitar.

– Pelo amor de Deus, Mariana! Eu tô extremamente na fossa, *falou?* Qualquer merda que você falar vai parecer um puta conselho. Então, fala qualquer coisa. Eu preciso ouvir qualquer coisa.

– Ok! Se insiste... – Respirei fundo tentando organizar meus pensamentos. – Primeiramente, senta direito e guarda bem o que vou dizer, porque não vou gastar palavra à toa! – Ela imediatamente se ajeitou. – O Jhony diz que te ama, vocês estão juntos há dois fucking anos, se o que vocês têm é de verdade, pode ter certeza que isso tudo o que tá rolando só vai fortalecer vocês.

– Mas... – Tentou argumentar algo, mas eu não deixei.

– Mas nada! Eu falo, você escuta, *falou?* – Tentei controlar meu nível de exaltação.
– Na moral, Eduarda. Que saco! Você tem uma puta vida. Tem uma casa pra morar, tem uma porção de gente que se importa contigo, tem outras mil regalias, mas não dá o mínimo de valor a isso.

– Eu não tô a fim de ouvir mais um dos seus discursos de órfã de que eu tenho tudo e você não tem nada. Não é tão simples, Mariana! Quando você vai entender isso? Eu vivo em uma prisão, porque ter tudo é uma prisão! – Agora ela chorava. – Eles esperam coisas de mim, coisas que não tem nada a ver comigo, é prisão não querer decepcionar!

“E o Jhony é o amor da minha vida e eu não posso escolher ficar com ele, porque já escolhe-ram que ele não é certo para mim. Quer prisão maior que não ter escolha? E tem você, minha melhor amiga, as vezes é uma prisão ser sua amiga, porque sempre parece errado reclamar da vida para você, mesmo você sendo a única pessoa com quem posso reclamar.”

– Obrigada pela parte que me toca! – tive vontade de chorar, mas não era do tipo que chorava. – Não sabia que era uma prisão ser minha amiga.

– Você entendeu, Mariana. Não se faça de idiota. A verdade é que eu preferia ter sua vida. Não teriam cobranças. Isso sim é liberdade.

– Liberdade é só solidão! Daqui há dois meses vou fazer dezoito anos e não serei mais problema do governo. Não tenho pra onde ir, nem como me manter porque estou desempregada e minhas economias gastei todas naquele celular que o ladrão levou. Que liberdade é essa, onde a única escolha que me dão é a de fracassar?

– Não é bem assim, sabe que pode ficar lá em casa.

– Eles estão te mandando embora, Eduarda! Não tem mais sua casa, porque você não vai mais morar aqui! Vai para um universo paralelo que eu me recuso acreditar que realmente exista! – A vontade de chorar se intensificou, quase deixei que isso me dominasse.

– Dramian existe! E eu não vou entrar nessa discussão com você! – Rosnou. – E eu vou dar um jeito de ficar! Você vai ver!

– Você é a única pessoa que se importa comigo no mundo e vai embora e eu fico tentando arrumar mil soluções pra dar tudo certo pra nós duas, mas é disso aqui pra pior. Quanto antes a gente aceitar, mais fácil vai ser.

Ela limpou as lágrimas com as costas das mãos. – Não, Nêna! Eu me recuso a aceitar que só tenha esses destinos tortos pra nós duas!

Não falei nada, tentei me acalmar durante aquela ausência de palavras.

– Puta merda, Mariana do céu! Eu tenho a ideia perfeita! – Uma luz parecia ter se acendido em cima de sua cabeça. – E se trocássemos de lugar?

– Tu tá é louca! Você precisaria de mil cirurgias plásticas pra ficar com esse rostinho lindo aqui, rostinho esse que não estou disposta a perder.

– Não, ô sua idiota! Pera, deixa eu organizar melhor o que tô pensando. – Passou as

mãos pelo rosto uma, duas, três vezes. – É isso! Você vai pra Dramian no meu lugar...

– Eu não, sei nem se esse lugar existe mesmo.

– Cala a boca e me escuta. Você faz dezoito em janeiro, certo? – Eu assenti. – Eu só faço em março, por isso eles podem me obrigar a ir pra Dramian no começo do ano. Mas se eu fosse você, poderia sumir que ninguém ia encher o saco e eu poderia ir pra fora do país com o Jhony, porque seria maior de idade. E você, se você fosse eu, poderia morar com a Tajana num lugar completamente novo. Fazer dezoito anos não seria mais um problema, porque você teria onde morar...

– Isso não faz sentido nenhum. Até parece que Tajana não ia perceber que eu não sou você.

– Vai por mim, ela não me vê desde que eu nasci, só me conhece pela voz porque a gente falou algumas poucas vezes por telefone. E assim, por algum motivo que não sei, ela não pode receber fotografias, então ela não faz ideia de como estou.

Eduarda me convenceu que tinha a solução ideal e não era a primeira vez que isso tinha acontecido, afinal desde o quarto ano vivíamos a mais plena amizade. Éramos irmãs de coração e até parecidas fisicamente, mesmo quando nossos traços eram completamente diferentes e a cor da pele dela era um pouco mais clara que a minha.

Ela bem me conhecia, até mais que eu, e disse as palavras certas, parecendo ter certeza de que daria tudo certo. Então claro que eu acreditei que aquela loucura era minha única opção.

Minha melhor amiga me convenceu até de cortar meu cabelo que há anos não via uma tesoura, para que ficássemos ainda mais parecidas. Trocamos até as fotos do passaporte e identidade. Durante todo o processo de troca ela me fazia ter certeza de que minha felicidade morava ali naquele novo caminho e tudo o que eu precisava fazer era seguir.

Mas tudo mudou quando cada uma foi para um canto e eu não tinha mais a Duda para me convencer de que estávamos a caminho da felicidade.

Aquela lembrança ficou distante, porque o príncipe me chamou atenção com sua voz. Não sabia dizer quanto tempo fiquei presa naquilo tudo, mas sei que não tinha passado muito tempo, provavelmente menos que cinco segundos. A memória comprime a vida em instantes e havia feito de um dos momentos mais decisórios da minha vida o mais rápido dos instantes.

– Está tudo bem? – Os pensamentos ainda gritavam um pouco alto, mas consegui assimilar a pergunta.

– Tá de boas, essa história só mexeu um pouco comigo.

A verdade é que eu ainda era Mariana, estava ali no lugar de uma amiga que nunca quis estar em Dramian. Eu ainda era só uma recém-saída de um abrigo. Ainda era aquela garotinha que foi entregue pra adoção pouco depois que nasceu. Ainda fazia parte de mim o histórico de lares provisórios e abrigos. Ainda era assombrada pela memória daquela família que me adotou uma vez, mas me devolveu como se eu fosse uma simples mercadoria. Ainda era marcada por só ter apanhado em alguns lares, porque poderia ter sido muito pior, então que sorte a minha. A verdade era que por mais que eu tentasse ser a

Duda, toda minha história fazia de mim, a Nâna.

Então por quanto tempo eu teria que esconder esse segredo? Eu tentava fingir que meu passado não importava mais, tentava estar 100% em Dramian e aproveitar cada segundo do que parecia ser um conto de fadas. Mas é a isso que chamam de refúgio? Esse lugar que tanto me protege, mas que não me livra de todo o mal? Nem um asilo eterno me faria esquecer de mim. Nem todo amparo do mundo me tornaria outra pessoa. Então qual é o sentido?

– Gabren... – Não sabia bem o que dizer, então o abracei com força e ele retribuiu aquele abraço. – Obrigada por ter me contado.

Mas minha alma ainda se contradizia. Totalmente egoísta por não querer abrir mão de tudo o que parecia bom e ao mesmo tempo completamente abnegada, capaz de abrir mão de si.

Aquela parecia ser a minha decisão final. Eu estava disposta a desistir de quem eu era, de tentar me abandonar, só para ser a Eduarda pelo tempo que desse. Por ele? Não sei dizer. Mas decerto, aquilo era atestado de que viveríamos o perfeito clichê de uma relação que começa com segredos e termina da pior forma, porque sei que mentiras têm pernas curtas.

Só que eu já não pensava em me tornar rainha daquela história. Durante aquele abraço eu fazia uma jura silenciosa de que só queria viver aquele romance pelo tempo que fosse possível e se possível, que fosse muito tempo.

Ao fim daquele abraço ele me olhou nos olhos e eu notei quando ele percebeu que tinha algo de errado comigo, mas alguém chegou antes que sua voz me indagasse sobre aquilo.

– Príncipe Gabren. Senhorita Eduarda Douge. – O mordomo Eloi, fez uma reverência.
– Desculpe interrompê-los, mas as pessoas estão começando a notar a ausência de Vossa Alteza.

Ao contrário de mim, Gabren não maquiava suas emoções e continuava me questionando com seu olhar.

– Tudo bem, Eloi. Juntar-me-ei a todos em breve.

Respondeu sem olhar para o mordomo e eu tentei corresponder seus olhos incisivos quando percebi que Eloi saiu.

– Está mesmo tudo bem, Eduarda? – ele deu ênfase no nome, ou foi impressão minha porque quem deve teme? – Se eu soubesse que ficaria tão distante após essa conversa, não teria lhe contado.

– Cara, isso é mais forte que eu! Tem uns pensamentos confusos que insistem em me perturbar. Nada parece fazer sentido.

Ele encaixou suas mãos no contorno do meu rosto e acariciou minhas bochechas com seus polegares. Uma preliminar do beijo demorado com o qual me presenteou confundindo todos os sentidos do meu corpo. Enquanto minha boca se desenhava na dele, minhas mãos gritavam desesperadas por cada centímetro de seu corpo. Meus olhos, fechados, viam uma brisa boa entrar pela janela da minha alma, meus ouvidos até ouviam,

ouviam coisas que ninguém falava, nem admitia. Me iludiam fazendo ouvir dois corações na batida de um.

O auge da breiguice em minha vida e era completamente aceitável ser brega com aquele príncipe.

– Quando nada fizer sentido, pense em nós. Acredito que somos o que mais faz sentido no mundo.

– Ah é? – Consegui colocar um sorriso bobo no rosto. – Fala isso com base em que?

– No meu vasto conhecimento em assuntos do coração. – O canto esquerdo de sua boca repuxou em um sorriso.

– Os quais boa parte te ensinei, diga-se de passagem...

– Quanto a isso não lhe contradigo. É a mais pura verdade. Você é todo o conhecimento que meu coração já foi capaz de nutrir.

E se eu não fosse quem digo ser? Será que seu coração ainda me reconheceria como algo, Príncipe Gabren? Pensei antes de me render a mais um beijo.

...

Ao chegar em casa, Tajana reproduziu aquela típica cena dos pais que esperam a chegada de um filho infrator. Ela estava sentada na poltrona da sala, com os braços cruzados e a expressão mais emputecida que eu já a tinha visto com.

– O que foi que eu fiz de errado? – questionei de imediato.

Seu rosto carrancudo vi ser dominado por certo medo. Ela levou as mãos ao rosto e negou como quem estava extremamente decepcionada. Ela sabe! Minha mente me convenceu disso, porque é sério mesmo: quem deve, teme.

– Puta merda, Tajana. O que foi que eu fiz? – Já tinha planos de negar até a morte.

– Como foi que eu não pude notar? – falou consigo.

– No-Notar? – Aff, meu gaguejar com certeza me entregou.

– Você e o príncipe! Disseram-me tê-la visto dançar com ele no jardim! Mas, por favor, diga-me que foi apenas um mal-entendido e que você não estava na presença dele este tempo todo.

Um alívio me atingiu. Era sobre o príncipe, menos mal.

– Pois vá se acostumando com a ideia. Não é um mal-entendido.

– Isso não pode acontecer! – A mulher se descontrolou.

– Claro que pode! Eu estou apaixonada pelo príncipe e ele por mim! – disse sem paciência.

– Isso não pode... – Tentou repetir o que já havia dito com a mesma intensidade, mas parecia sem forças. – É tudo culpa minha!

– Culpa sua?

– Sim! Eu não deveria ter escondido a verdade de você.

– De qual verdade está falando?

– Vocês não podem ficar juntos, Eduarda.

– Tajana, me ajuda a te entender. Você não vai impor que não podemos viver esse romance sem me dar um motivo que faça algum sentido.

– Vocês são irmãos! – Praticamente urrou em uma espécie de súplica.

PUTA.

MERDA.

Seu corpo inteiro expressava sua dor em estar me contando aquilo. Era uma confissão raivosa, obrigada e imperdoável.

– Do que tu tá falando?

– Você é filha do Príncipe Dante. Dante e eu guardamos esse segredo o quanto pudemos, mas já não posso mais esconder esta verdade de ti. Gabren é seu irmão.

Putá merda, a Duda é uma princesa! Mano, se aquela maluca soubesse disso correria para cá o quanto antes! Aliás, só de saber quem é o pai ela ia surtar! Mas pera, se o tal do príncipe Dante tá morto, porque Tajana parecia estar falando dele como se ele ainda existisse?

Sem contar que... eca! Tajana tava pensando o que de mim? Ah não! Eu não ia sair como incestuosa nessa história.

– Mas eu não sou irmã dele não! – Saiu antes que eu pudesse me conter. – Porque... porque... eu... aff! – Ela ia falar algo, mas eu não podia deixar que ela continuasse pensando que cometi alguma espécie de incesto. – Eu não sou sua filha, falou? Não sou a Eduarda! É isto!

– Como assim você não é a Eduarda?

– Não sou! Eu e a Duda... bom, nós trocamos de lugar! Sou a Mariana, melhor amiga dela.

– Não pode ser! – Levou uma das mãos ao peito.

– Não só pode ser, como é!

– Como eu não reconheceria minha própria filha?

– Fala sério, Tajana. Em algum momento você me reconheceu como sua filha?

– Como veio parar aqui? – Desconversou.

– A história é um pouco longa...

A conversa com a Tajana foi longa, ela me fez mil perguntas, tentando entender como tínhamos conseguido sem ninguém perceber e eu contei a ela cada detalhe. Não oculte nada porque estava cansada de guardar aquele segredo.

– Ela gosta mesmo do garoto? – Pareceu ignorar tudo o que eu disse enquanto uma cara de enterro estampava seu rosto.

– Não, ela o ama! Assim, real mesmo, muito apaixonada. – disse com toda certeza do mundo.

– Como pode ter tanta certeza disto?

– Tajana, aos oito anos a Duda já não acreditava no amor e quando o Jhony apareceu ele se tornou a definição de amor para ela. Sua filha é o ser humano mais teimoso do universo, mas quando se trata dele, ela simplesmente cede. E o Jhony tem uma puta dificuldade de demonstrar os sentimentos, mas para ela, ele demonstra. Os dois para mim que não tive muito contato com

esse tipo de amor ao longo da vida, são a maior referência desse sentimento.

– Mas será que ela está mesmo bem?

– O sonho da Eduarda era ser livre. Acredito que agora ela esteja.

– E se a liberdade for só outro tipo de prisão?

– Do que você tá falando?

– Eu estou me enxergando nela. Eu fui o que ela é! Fomos criadas pela mesma pessoa. Sonhando com uma liberdade ilusória e o Príncipe Dante é minha eterna prisão. Quem garante que esse garoto não será a prisão dela?

– Ninguém pode garantir. Mas é fato que ela não é você. Então não é porque você tem um passado cagado com o tal do Príncipe Dante que ela também vai ter um com o Jhony.

– Que seja! De qualquer forma, eu não sei como lidar com isso tudo. Não sei o que fazer contigo! Quero minha filha aqui, mas ao mesmo tempo não acho que devo mandar-te embora.

Não estava entendendo nada daquilo. Por que Tajana não queria que eu fosse embora? Achei que ela seria a primeira a gritar “forasteira!” e depois ligar pro príncipe acabando com qualquer chance de uma vida com ele em Dramian.

– Sério? Não vai me expulsar? – eram perguntas com uma boa dose de ilusão de órfã que sempre desejava que fosse da vontade de alguém sua permanência.

– Mandar-te embora seria prejudicial a mim e ao nome da família que aos poucos estava se reerguendo.

– Entendi. Como sempre eu sou só um estorvo! – Não sei de onde deixei escapar aquela crise existencial, mas ela simplesmente foi mais forte que eu.

Quando caí em mim, já tinha corrido para meu quarto – que nem era meu, na verdade. – Já segurava as lágrimas, porque ainda considerava fraqueza chorar e eu não era fraca. Já sentia meu coração se manchando com um passado que eu nunca conseguiria deixar pra trás.

Jogada na cama, me senti sufocar, mesmo quando respirava muito bem. Era como se alguém muito pesado estivesse pulando em meu peito. Conhecia aquela sensação mais que

a mim, estive naquele lugar milhões de vezes, não era nenhuma novidade, mas doía como se fosse.

– Não a enxergo como um estorvo, Mariana. – Mal olhei na direção da voz de Tajana, estava ocupada demais travando uma luta contra minhas lágrimas que insistiam em querer dar sinal de vida. – Entretanto você não é minha filha e isso pegou-me desprevenida.

– Parabéns, Tajana! O que disse muda tudo! – ironizei.

– Como se sentiria em meu lugar? Acredito que eu tenha sido até compreensiva demais.

– Olha! – Me sentei raivosa. – Eu sei que você só não me botou pra fora dessa casa pra salvar a honra da sua família, e também sei que o problema é comigo! Esse fato foi só mais um gatilho.

De vez em quando as pessoas falam coisas que despertam os pesadelos que já vivi e dói bastante quando isso acontece. Tudo o que eu te peço é que respeite minha dor! Não precisa me consolar, nem nada. Só esquece que eu existo como o resto do mundo.

Tajana chegou mais perto mesmo quando eu a confrontava com o olhar.

– Eu tô falando sério! Vá embora! – Gritei? Por que eu estava gritando?

Então ela se sentou ao meu lado na cama e eu tive vontade de socá-la por estar tão perto de mim com toda aquela serenidade, mas não fiz nada, só continuei com aquela cara carrancuda sob a qual eu não tinha o menor controle.

– Ah, pronto! Mais uma pessoa com pena de mim! – continuei falando. – Não precisa sentir pena de mim, falou?

Meu sistema de autocontrole mental estava em crise, eu não tinha mais noção nenhuma do que estava dizendo, só queria não existir, porque de repente existir compreendia lidar com meus demônios internos e eu não queria ter que lidar com nada disso.

– Eu não sinto pena de você, mas sinto compaixão e sei que você precisa sim ser consolada!

Tajana ia me abraçar, dava pra prever pelos braços semiabertos e aquele olhar de empatia. Eu não queria aquele abraço, na verdade eu queria sim, só que sem querer. E quando fui ver eu queria tanto que fui eu quem a abracei de vez.

Eu queria que doesse menos ser eu. Queria saber ser mais que a dor de sempre. Mas aquela parte fazia parte de ser quem sou, não tinha poder de decisão sobre aquilo.

E então lágrimas, fazia anos que eu não chorava e por causa de um fucking abraço eu tava me debulhando em lágrimas. Achava aquilo tudo extremamente conflituoso, pois não queria estar vivendo aquele momento, mas que bem fazia a mim poder vive-lo.

Não lembro a última vez que tinha recebido aquele tipo de abraço cheio de consolo, mas sabia que o último daquele tinha vindo da Duda. Até então nunca nem tinha notado semelhanças entre Tajana e ela, mas estava ali naquele abraço o que as tornava extremamente parecidas. A sensação de ser família era a mesma.

– Obrigada, Tajana. – falei um tanto constrangida após voltar a minha condição normal.

– Não por isso. – Ela suspirou. – Só quero que entenda uma coisa, independente de tudo, a partir de agora, você deverá ser a Eduarda. E se vamos fazer isso, quero que façamos direito...

– Como assim?

– Não sei se é de seu conhecimento, mas ajudei a esconder meu pai por 18 anos e escondi um relacionamento com um príncipe também. Sou boa nisso e vou lhe ajudar a se manter no papel da Eduarda.

– E com isso pretende?

– Armar algum plano, pois ainda não consegui pensar em nada, mas sei que vou. Só estou lhe deixando de sobreaviso. Ninguém pode saber quem você de fato é.

– Ninguém mais saberá. Eu prometo. – Disse sem certeza alguma e por livre e espontânea pressão. – Mas o que acha que devo fazer sobre o Príncipe Gabren?

– Se você fosse a Mariana não veria problema algum, mas agora você é a Eduarda.

Irmãos não devem se relacionar.

– Quem mais sabe que a Duda é irmã dele?

– O Príncipe Dante e o Rei João Venci.

– O Rei João é aquele deixou o trono pro Gabren e nem vive mais aqui?

– Sim.

– E o príncipe Dante é aquele que se matou?

– Esta é uma suposição na qual me recuso acreditar!

– Mas acredita que esteja morto, certo?

– Não! Acredito que sua morte tenha sido forjada. Acredito que Dante deu um jeito de fugir.

– Fugir?

– Ser da realeza sempre fez dele um ser humano infeliz. Por mais que me magoe a hipótese de ele nunca ter me contado seus planos de fuga, não acredito que ele tenha sido capaz de tirar a própria vida.

– Para uma hipótese, você parece bem convicta quanto a ela...

– Tenho minhas razões para acreditar em tamanha conspiração.

– E quais razões seriam essas?

– Pois não é de sua conta, afinal isto nada interfere em sua vida.

– Claro que interfere. Quero mesmo viver um romance com o Príncipe Gabren, mas preciso ter certeza de que não vai acontecer de um belo dia esse tal de Dante surgir do quinto dos infernos pra me acusar de estar sendo incestuosa.

Tajana tentou argumentar, mas parecia que faltavam palavras para dizer seja lá o que ela queria dizer. Por isso, ela só ameaçava falar.

– Tudo bem! – falou por fim se dando por vencida. – Te conto minhas razões.

– Fique à vontade.

Ela ficou meio introspectiva antes de começar a falar com todo aquele ar misterioso.

– Um ano após o anúncio oficial da morte de Dante recebi uma carta. Nela havia apenas uma frase, uma confidência qualquer, pois Dante sempre foi um exímio poeta. Tentei entender o sentido daquilo e alimentei a expectativa dele estar vivo e tentando se comunicar...

– Eita. Que doidera. E ficou por isso mesmo? Ou você conseguiu descobrir mais coisas?

– Não consegui descobrir nada. Não havia nem nome, nem endereço de quem enviou. Procurei por algum código ou algo assim, mas não encontrei nada. E todo ano, no mesmo dia eu recebo a mesma carta. Só que aos poucos perdi as esperanças de encontrar algum sentido. Tudo o que sei é que é a caligrafia dele. Decerto ele quer que eu saiba que está

vivo, no entanto não quer que eu vá atrás dele.

– Ah! Mas ele quer sim! A gente vai achar esse príncipe, deve ter algum código escondido nessas cartas e a gente precisa decifrar!

– A gente? – falou como se eu estivesse me metendo aonde não devia.

– Sim, a gente! Você teve vários anos para desvendar essas cartas e não conseguiu! Precisa da minha ajuda e sei que não vai admitir. Por isso, te ofereço meus serviços de detetive.

Tajana ainda tentou argumentar comigo, dizendo que não queria mexer naquela história. Mas eu caguei na cabeça dela e insisti que a gente podia fazer alguma coisa.

No fundo dava pra ver que ela tinha era medo de descobrir aonde ele estava. Aquele medo que todo mundo vai sentir pelo menos uma vez na vida. O medo de reencontrar alguém e a pessoa não ser mais da forma que ainda se lembra.

– De acordo! – Se deu por vencida. – Se for capaz de desvendar essas cartas, prometo que lhe recompensarei de alguma forma.

– Não! Eu te devo isso. Você tá numa confusão e tanto por minha causa. Nada mais justo do que eu tentar arrumar sua confusão.

Dito isso, Tajana deu um sorriso bem sem graça e depois disse que iria buscar as cartas. E assim ela fez. Quando me entregou as cartas eu fui completamente com fome ao pote, mas logo percebi que se tratava de uma única frase que se repetia, mas sem sentido algum.

“A metade mais infinita que já conheci”

Era uma declaração de amor apaixonada, mas era só. Não sabia nem por onde começar a investigar aquilo.

– Quando exatamente elas chegaram? Tipo, que época específica do ano?

– Sempre no dia 26 de dezembro. Mas não consigo enxergar alguma coincidência.

– Mas óbvio que não é coincidência! Tem certeza que não há nada de importante que vocês tenham feito em algum 26 de dezembro?

– Não sei dizer, vivemos muitos momentos importantes e eu sou péssima com datas.

Mas aquela parecia ser a solução do problema. Não precisava nem ser muito inteligente para se ligar num detalhe desse. Tajana tinha que ser muito burra para não ter chegado à uma conclusão tão óbvia. A questão era algo contido nas entrelinhas das palavras escritas naquelas cartas. Talvez não fosse sobre o que estava escrito, e sim sobre o dia que as cartas chegavam.

– Tô me sentindo a própria Sherlock Holmes! – Praticamente saltei da cama, exaltada além da conta. – Tajana! 26 de dezembro é um dia após o Natal, aonde vocês foram nesse dia? Tenta lembrar!

– Eu não tenho certeza, mas se pensarmos pelo fato de que foram enviadas neste dia especificamente, há uma grande probabilidade de ter alguma relação com a data. Mas eu já disse, faz muito tempo e nós dois vivemos muita coisa, eu não me lembro de tudo. O

tempo me permitiu esquecer muitas coisas que jurei me esforçar para nunca mais lembrar.

Ela abaixou os olhos, encarando o nada, estava buscando alguma lembrança em seu interior, dava para notar. Quando ela voltou o olhar para mim, percebi seus olhos marejados, sua expressão extremamente melancólica, porém soube de imediato que ela tinha lembrado de alguma coisa.

– Acho que sei onde ele está.

Capítulo 7



Coroa de Papel

Domingo seguiu sem grandes emoções, porque Tajana seguia firme em não me revelar o mistério e porque não tinha muito o que fazer em Dramí. Passei o dia intercalando entre assistir filmes dramianos ou a programação de domingo de alguns canais da TV que me interessavam.

Também acabei assistindo alguns boletins de notícias. Em Dramian não haviam noticiários com hora fixa que passavam todos os dias, o que tinham eram esses boletins, que passavam intercalados às pouquíssimas propagandas, e davam algumas notícias esporádicas e sem muita importância, que na maioria das vezes falavam sobre a previsão do tempo.

O auge naquele domingo foi aquela notícia sobre a rua interditada porque tinha um buraco que estavam reparando.

Apesar do sistema televisivo ser tão estranho, o lado audiovisual de Dramian era muito bem feito como todo o resto das coisas de lá, mas não era capaz de me distrair totalmente a ponto de evitar alguns pensamentos que insistiam em estar na minha cabeça.

Eu achei que seria fácil ignorar quem eu era e continuar mentindo para o Gabren, mas passei o domingo inteiro dominada por um remorso pesadíssimo, pensando em mil saídas que eu sabia que não existiam. Também pensava na conversa que eu não tinha tido coragem de ter com ele e nas coisas duras que ele nunca me falou. Imaginava diálogos infundáveis onde Príncipe Gabren era extremamente cruel comigo quando descobria quem eu de fato era.

E a chegada da segunda-feira também não foi capaz de tirar o sentimento de culpa da minha cabeça. Não contar a verdade parecia a atitude mais egoísta que eu já tinha tomado na vida e aquilo me consumia tortuosamente como se meu caráter estivesse manchado.

Não prestei atenção em nada do que os professores falavam, simplesmente não conseguia. Estava nas aulas sem ali de fato estar. E até minhas supostas novas amigas notaram certo distanciamento da minha parte. A chata da Liana passou todos os tempos de aula tentando arrancar de mim o que tinha acontecido. A gêmea boa até me deu um chocolate com um bilhete escrito “*fica bem*”.

Provavelmente na cabeça delas as coisas entre Gabren e eu não tinham dado certo. Era quase isso, pois minha mente já antecipava o fato de que as coisas não dariam certo depois que ele soubesse.

O mais estranho de tudo era saber que mais tarde eu estaria com Gabren e mais uma vez teria que mentir, mesmo sabendo que estaria desrespeitando a cultura dele de alguma forma.

Não sei ao certo em qual momento do dia tomei aquela decisão, mas depois das aulas

fui direto para o castelo mais que disposta a dizer a verdade a ele. Porque eu não aguentava mais, mesmo tendo achado que aguentaria muito mais tempo.

Adentrei o castelo sem aviso, explorei os corredores em busca dele com uma pressa descomunal, não o encontrei no andar de baixo e por isso subi as escadas. Estava sem fôlego, não sabia se por causa do desespero em revelar a verdade ou pelo percurso rápido que fiz até ali.

Não sabia por onde começar a procurar, visto que tinham diversas portas nos dois lados dos longos corredores. Foi quando escutei a voz mais perfeita que já havia ouvido, cantando uma música que parecia ser dedicada a mim.

“Se um dia eu te encontrar do jeito que sonhei. Quem sabe ser seu par perfeito... E te amar do jeito que eu imaginei”

Segui a voz que cantava “Aliança – Tribalistas” enquanto me lembrava das razões pelas quais não havia contado a verdade ainda. Lembrava da necessidade de estar com Gabren, lembrava que tinha medo de não poder estar mais. Só que a verdade que já doía, talvez doesse mais se eu adiasse mais. O preço de dizer a verdade era até caro, mas ainda parecia mais barato do que nunca contar e ele simplesmente acabar descobrindo.

“Ao virar a esquina, atrás de uma cortina me perder no escuro com você. Fogo na fogueira. Seu beijo e o desejo em seu olhar... as flores no altar...”

Ele desafinava enquanto eu seguia aquela voz de cantor de chuveiro. Sentia cada letra da canção, com o coração mais apertado que nunca.

Todo aquele show acontecia por detrás das paredes de um dos últimos quartos do corredor. O único quarto que estava com a porta aberta.

Parei ao lado da porta sem coragem nenhuma de entrar. Foi quando ele começou o refrão da música.

“Véu e grinalda, lua de mel, chuva de arroz e tudo depois... Dama de honra pega o buquê. Ninguém mais feliz que eu e você...”

Tomei coragem e dei uma espiada, quase entrei cantando junto, como em um musical.

MAS PUTA MERDA.

GABREN.

ESTAVA.

SEM CAMISA.

Tive uma reação meio exagerada, até porque eu já o tinha visto daquela forma no barco naquele dia, mas as coisas estavam diferentes de alguma forma. Talvez pelo fato de que eu já tinha beijado ele.

Seu corpo semivestido me... me deixou um pouco afetada, devo dizer. A única peça de roupa que ele usava era uma de suas calças e tinha uma toalha envolvendo seu cabelo. Me encostei no batente da porta sem o menor controle, para admirá-lo melhor. Ele retirou a toalha do cabelo (no melhor estilo comercial de shampoo) enquanto continuava meio cantarolando meio que resmungando a melodia, talvez por não saber ao certo o restante da

letra.

Só quando começou a pentear o cabelo notou minha presença. Quer dizer, se assustou com minha presença e eu também acabei me assustando com minha própria presença sendo notada.

– Céus! – Suspirou pesado. – Desde quando está aí?

– Eu? – E tinha outra pessoa? – Ähn... não assisti ao show inteiro, se quer saber. Mas a parte que você tirou a toalha do cabelo foi épica.

– Pois acredite se quiser, mas este foi somente o ensaio. – Se aproximou de mim com aquela cara impagável de homem apaixonado. – Não esperava público tão cedo, mesmo assim acredito que tenha sido satisfatório para você.

– Foi super satisfatório, pode ter certeza! – Já havia perdido total o domínio das palavras. – Se esse foi só o ensaio, nem sei se estou totalmente preparada para o show.

Gabren parou frente a mim, encarou bem meus olhos, mas parecia ter mudado de atitude durante o percurso até ali, não estava mais tão apaixonado. Pois quem antes parecia estar flertando comigo, agora parecia ter se distanciado de alguma forma.

– O que faz aqui tão cedo? – Ele parecia evitar qualquer contato além de nossos olhos.

– Eu... – E minha atitude também mudou. Pois lembrei porquê estava ali e de repente já não queria mais estar. – Preciso te contar uma coisa, Gabren!

– Precisa?

– Preciso muito! Antes que eu acabe mudando de ideia...

– Pois então diga.

– Eu... – Tentei continuar aquela sentença, mas com ele me encarando com aquela cara indecifrável ficava difícil. – Ah! Puta merda! Difícil falar isso com você me olhando assim, na moral!

– Assim como?

– Sei lá, com essa cara estranha que não faço ideia do que esconde.

– Seria mais fácil se eu simplesmente virasse de costas?

– Acho que ajudaria.

Então Gabren se virou e eu tentei encontrar as palavras certas para finalmente dizer.

– Eu não... não sou a Eduarda! – Resfoleguei mantendo os olhos fortemente fechados. – Meu nome é Mariana, sou a melhor amiga dela e nós trocamos de lugar. Isso muda muita coisa, eu sei! Mas não muda o que sinto por você, mesmo que você decida me expulsar do seu Reino.

Permaneci com os olhos fechados, não tinha coragem para ver a reação dele, mal conseguia ouvir o que acontecia ao redor, até porque parecíamos imersos em um silêncio. Era como se ele nem estivesse mais ali, mas logo descobri que Gabren não tinha ido a lugar algum, pois senti seus lábios tocarem os meus sem pudor algum e senti seus braços

acordando cada partícula do meu corpo ao me envolverem.

Não entendi o que tava rolando. Também não tentei entender. Apenas correspondi aos seus atos e me entreguei a mais um dos nossos beijos. O desnudo de seu abdômen era a novidade a qual tentei explorar o quanto pude, era o que trazia uma chama diferente para aquele momento. Uma puta chama que me fazia querer tirar aquele fucking uniforme horroroso que me vestia.

Ele desceu os lábios até meu pescoço, deixando beijos pelo caminho. – Não... me odeia? – perguntei entre um suspiro.

Gabren não me respondeu, apenas me beijou de novo e eu embarquei na dele ainda sem entender muita coisa, meu corpo não me deixava tentar entender. Só que do nada ele pareceu ter congelado a cena com os olhos cravados nos meus e as mãos encaixadas em minha nuca.

– Apenas uma constatação: Não acredito que te odiar possa ser possível... – sua voz parecia sofrida, cheia de um desejo que eu entendia muito bem.

– Mesmo depois do que te contei?

– Principalmente depois do que me contou, porque você nunca me enganou. Sempre soube quem de fato você era. Temos políticas rigorosas de imigração aqui em Dramian e vocês deixaram rastros. Sei toda sua história, Mariana... – Ouvir aquilo tudo me chocou, mas a maior novidade ainda era a voz dele me chamando pelo nome. – É por saber da sua história que resolvi tentar te proteger. Por isso estava cuidando do seu caso pessoalmente, eu só não contava que me apaixonaria por você.

“Minha maior frustração, no entanto, era saber que você ainda me guardava esse segredo. Mas agora, após ter me revelado a verdade, pude ter certeza que você é a pessoa mais extraordinária que já conheci.”

– Ok... – Me afastei dele meio cambaleante. – Isso é muita coisa pra eu digerir, e eu tenho certeza que o título de pessoa mais extraordinária não é meu. Tipo, não fiz mais do que minha obrigação.

– O título é seu e você não tem direito de decidir sobre isso...

– Mas, Gabren, isso é meio que irrelevante agora! Porque... puta merda! Isso que está me dizendo... é muita coisa!

– Muita coisa em qual sentido?

– No sentido de que... de que... eu não sei o que pensar! Só sentir!

– E como está se sentindo?

– Eu sei lá como traduzir o que estou sentindo, Gabren! Você fugiu do meu roteiro, ok? Eu tinha imaginado vários xingamentos para essa cena e guardas me jogando em um camburão, mas aí tu me beijou e me disse essas coisas! Não faço a menor ideia de como reagir!

Ele colocou um meio sorriso no rosto, depois mordeu o lábio inferior parecendo tentar segurar um sorriso que queria vir maior.

– É um absurdo... – praguejou com certo carinho na voz. – Como pode ser tão linda?

– Gabren! Foca na nossa situação, por favor? E essa que usou é muito clichê!

– Ah, é clichê? – Tornou a se aproximar. – Quão clichê é?

– Tão clichê quanto se eu dissesse que você é incrivelmente maravilhoso em todos os sentidos. – Saltou em forma de palavras não sei de onde.

– O importante é que ser clichê não torna isso menos verdade.

– Nãh! Como pode ser tão... aff! – Quis beijá-lo e beijei bem rapidamente, mas precisava focar no que realmente estava em pauta. – O que a gente faz agora?

– O que acha de jantarmos? – Parecia totalmente inferente a toda aquela história que nos assombrava.

– Como consegue pensar em comer com tudo isso que tá acontecendo?

– Surpreende-me que você não esteja com fome. No entanto eu estou faminto e não tenho uma solução a longo prazo para nosso problema, por isso considero desnecessário ficarmos presos a isso e esquecermos que temos uma vida para viver.

Do batente da porta o príncipe voltou ao interior do quarto, vestiu uma camisa social e mais um do que acredito ser um blazer. Eu apenas contemplei aquela cena, completamente encantada com o ar sedutor dele ao se vestir, um jeito natural que morava nele sem que ele sequer precisasse se esforçar, mas logo me dei conta de que o assunto continuava pendente.

– Saiba que não te contei a história toda e não vai ser tão simples viver a vida quando descobrir os segredos que sei sobre sua família.

– Não há nenhuma verdade sobre este assunto que eu não saiba e prefiro que não falemos sobre isso. – Veio até a mim novamente, me envolveu e deixou um beijo demorado no topo da minha cabeça. – Aceita meu convite para jantar?

– Aceito, claro que aceito. – Desvencilhei-me dele a contragosto. – Mas antes você precisa saber de uma coisa! Não quero mais esconder segredos de você.

– Não acredito que seja possível que você tenha algum segredo que diga respeito a mim que eu já não saiba.

– A verdadeira Eduarda é sua irmã! – Fui impetuosa, eu sei.

– E você acaba de revelar algo que eu já sabia, Mariana.

– Mas e que seu pai tá vivo, ou pode estar? Duvido que dessa você saiba. – Assumo que minha sede em revelar algum segredo que realmente fosse segredo para ele fazia de mim um pouco insensível, mesmo quando seu desconforto era aparente. Acho até que nunca fui tão escrota com alguém em toda minha vida.

– Ele está vivo. – afirmou com veemência. – E antes que surjam mais revelações de sua

parte: Eu sei onde Dante está, foi ele quem me contou sobre Eduarda e foi por saber de Eduarda que sei que você não é ela. Mais alguma coisa?

– Você tem contato com ele?

– Mariana... – Gabren estava extremamente desconfortável e escrevia isso em um rosto carrancudo onde os olhos pareciam pesar, mesmo assim, lá estava eu, completamente movida pela minha curiosidade. – Ele sumiu por oito anos e, após isso, fez com que todos acreditassem que tinha cometido um atentado a própria vida. Eu chorava sua ausência há anos quando recebi a maldita carta onde ele me contava toda a história.

“Cresci sem minha mãe porque não tive escolha, e sem meu pai, por puro capricho da parte dele. Acha mesmo que após tudo o que sofri gratuitamente ainda iria querer algum contato com ele?”

Tive medo de respondê-lo com meus pensamentos porque sabia que ele sofria por aquilo mais do que aparentava sofrer. Por trás de tanto rancor, eu via nele o que morava em mim. Aquele sentimento de abandono.

– Por que não ter contato? Ele é seu pai... por mais que ele tenha sumido ou sei lá o que, escolheu te revelar a verdade. Provavelmente se arrependeu do que fez.

– Nem tão simplesmente...

– Gabren, não mete o louco! Tenta ser mais empático... porque tipo, eu nasci numa penitenciária de segurança máxima porque minha mãe matou meu pai e tive que tentar entender a mulher que me entregou pra adoção sem remorso, porque ela era a mesma mulher, cria da favela, que sofria violência doméstica há anos.

“Nunca vou saber ao certo todos os motivos dela, mas faz parte do que sou não a odiar por isso. E ela nunca nem se arrependeu, muito pelo contrário, vivi um tempão na ilusão dela voltar e me procurar e invés disso ela refez a vida sem nunca nem cogitar que eu fizesse parte disso.”

Meus olhos encheram de lágrimas só em ter tocado naquele assunto, não pelo que foi revelado, porque o que doía eram as mil lembranças que decorriam disso. Eu cheguei a conhecer minha mãe e não foi nada agradável. Essa ainda era a parte de mim que sempre acabava me matando.

Mesmo assim, eu não chorei, não ali, não por isso. Apenas prendi meus olhos nos dele, tentando expor o que estava sangrando em minha alma. Pude ver em seu mais profundo ser que ele entendia o que eu estava sentido mais do que eu imaginava, por isso não estranhei quando ele me abraçou fortemente.

– Queria que todos tivessem um coração tão bom quanto o seu... – falou baixinho. – Queria que fôssemos imunes a contaminação negativa que viver compreende.

– Teu coração é ainda melhor que o meu. Mas o que a vida fez à gente é mais uma coisa que nos une. Não é à toa que você é a primeira pessoa com quem já consegui falar sobre isso. Eu nunca falo, tipo, nunca mesmo. Sempre tive medo de como as pessoas reagiriam ao meu passado. Medo de que achem que estou me vitimizando.

– Você conheceu sua mãe?

Sentamos em um banco no corredor e eu não sei quando aquilo se tornou sobre mim... Mas imersa nas minhas lembranças mais assombrosas, contei a ele que a referência mais próxima que tive de mãe se chamava Lindalva e era uma das responsáveis por um dos abrigos onde fiquei mais tempo. Contei que Dona Linda quem me ajudou a chegar na minha mãe biológica. Contei que a história não teve um final feliz, porque minha “mãe” não tinha interesse, pois tinha feito a vida e preferia me manter longe.

Senti parte de um peso sair das minhas costas, até então somente eu e Dona Linda sabíamos dessa história e de uma hora para outra, alguém tinha me transmitido segurança o bastante para que eu pudesse dividir esse peso.

Ele não me julgava com o olhar como eu temia, em momento nenhum me olhava de alguma forma estranha. Ele simplesmente ouvia. Ele era alguém tão disposto a me ouvir que eu não conseguia parar de falar. Logo eu que, há alguns meses, pouco usava das palavras. Talvez por isso eu não tivesse jeito com as palavras e na maioria das vezes só abria a boca pra ser inconveniente e falar merda.

– Não sei se devo achar estranho estar me sentido tão privilegiado em ter você compartilhando parte da sua vida comigo... – Ele por outro lado, tinha muito jeito com as palavras.

Talvez a vida contemporânea esteja roubando momentos assim de nós. Tanta gente falando e ninguém se ouvindo. Em um mundo onde vidas se compartilham tão superficialmente o tempo inteiro, sempre me pareceu que não sobrava espaço para que eu pudesse me compartilhar com alguém. E eu também nunca quis me compartilhar de forma superficial, talvez por isso as redes sociais nunca me soaram muito interessantes.

Finalmente tinha encontrado sentido em contar sobre mim a alguém e não sei dizer se essa deveria ser a maior novidade da minha vida.

Esse romance que eu estava vivendo era tudo o que eu nunca tinha ousado desejar... Parecia impossível demais para alguém como eu que mal sabia o que quer.

Gabren já era minha visão de futuro, isso sim estava começando a me assustar.

– Como é possível eu já estar tão apegada a nós?

– Eu não esperava nada diferente. Sempre me iludi imaginando que quando eu encontrasse a pessoa saberia antes mesmo do meu coração. Com você eu simplesmente sei. Você é toda minha ilusão nesse mundo que eu sempre soube que não valia a pena ser tão real.

Gabren me envolveu, tentando encurtar o pouco da distância que ainda havia e deixou um beijo demorado no topo da minha cabeça.

– Você é muito poeta, na moral... – falei para ganhar tempo, porque não sabia ao certo como corresponder àquela declaração de amor. – Príncipe... beija bem... poeta... cantor... mais alguma habilidade especial que eu ainda não tenha conhecido?

– Com o tempo você descobrirá que sou um cara extremamente habilidoso. – o jeito que ele disse aquilo foi sexy de uma forma completamente espontânea, e eu nem sabia como corresponder. Só sei que tudo o que ele quisesse, eu daria em dobro. – No entanto,

por hora, quero mostrar uma coisa a você.

Hm... kkk bjs!

Vi que minhas expectativas foram muito além da realidade quando ele praticamente correu até o quarto e voltou com uma espécie de Discman – aquele dispositivo famosíssimo e super inovador dos anos 90.

– Está mesmo me julgando pelo meu Discman? – Eu ri da pergunta porque não esperava que ele fosse notar isso.

– Não, é só estranho, porque tô mais acostumada com dispositivos mais... evoluídos, digamos assim. Do tipo que usam a internet, que aqui não tem.

– Temos internet... – falava enquanto mexia naquele treco. – Mas usamos para outros fins, de qualquer forma, esse Discman foi um presente do meu avô e ele insiste em me mandar CDs que compra pelos lugares que passa durante suas viagens. Mas eu gosto mesmo é desse dos Tribalistas. Foi o primeiro e o melhor. Veio do Rio.

– Ele te mandou CDs de presente?

– Eu ganhei esse Discman no meu aniversário de 13 anos... – Conectava dois headphones nas entradas de uma extensão que o treco tinha. – Desde então todo ano ele me dá um CD. Se tornou uma tradição entre a gente e aqui em Dramian é comum ter um desses. Obviamente há alguns muito mais modernos no mercado, com músicas em plataforma digital, no entanto tenho certo apego por esse e por CDs.

– Sem redes sociais, mas com plataformas digitais?

– Temos certa relutância a ceder ao digital, apesar de sermos bem evoluídos nesse quesito. Há uma espécie de medo em nos tornarmos como boa parte do mundo, justificando alguns caprichos com o argumento de ser necessidade.

– Tudo bem, senhor Discman, já entendi. E o que vamos ouvir?

Gabren colocou um headphone em mim e o outro em si. Mexeu no dispositivo redondo que estava em suas mãos e uma música começou a tocar.

Logo percebi que se tratava de “É Você”. Quis chorar assim que Marisa Monte começou a cantar? Quis! Mal sabia ele que eu era graduada em Tribalistas – não porque eu era super fã ou coisa parecida, mas porque eventualmente acabava ouvindo bastante as músicas deles. – Tinha um gosto familiar. A sensação que dava era de estar em casa de um forma que eu nunca havia podido estar.

O começo da música foi apenas apreciado por nós dois, enquanto ele sorria daquela forma única para mim e eu simplesmente morria de amores continuando viva para apreciar aquele momento.

A música era praticamente uma oração e ele aos poucos começou a cantar mesmo quando os fones altos me impediam de ouvir sua voz. Então eu também cantava, porque sabia que ele não ia me ouvir desafinar e errar a letra.

“É você

Só você

Que invadiu o centro do espelho

Nós dois na biblioteca e no saguão

Ninguém mais

Deita no meu leito e se demora

Na vida só resta seguir

Um risco, um passo, um gesto rio afora

Na vida só resta seguir

Um ritmo, um pacto e o resto rio afora”

Ao fim da música um beijo completou nossa cena de filme. Retiramos os fones e eu tentei quebrar o clima esquisito que ficou depois disso.

– Então quer dizer que sou eu e só eu... – Usei de tom amistoso, sem pressão nenhuma, mas com um pouco de pressão sim.

– É você e só você!

Se ele disse é porque é verdade.

...

Já tínhamos jantado e já estávamos na biblioteca porque o príncipe não estava disposto a abrir mão das aulas de História do Reino. Então eu estava tentando me concentrar naquele livro imenso que ele me deu para ler já fazia um tempo, mas não tinha saído nem da primeira página.

– Aff... – resmunguei. – Não consigo me concentrar!

Mergulhei meu rosto no livro completamente desanimada, mas relativamente buscando meios alternativos de absorver o conhecimento.

Logo senti sua mão invadir suavemente meu cabelo e fazer um carinho necessário.

– O que tanto lhe desconcentra? Não era óbvio?

Meu mundo estava de cabeça para baixo. Eu tava super apaixonada por um príncipe, o que era recíproco, mas ser quem sou me tirava o direito de estar ali com ele, mesmo assim, ele estava me acobertando. Só que até quando? E se fosse amanhã ou depois de amanhã? Se alguém descobrisse? Quais seriam as consequências para mim? E para ele? Deus! Quando foi que as coisas saíram do meu controle?

Virei o rosto para poder olhá-lo. – Ainda pergunta?

– Qual a dificuldade de simplesmente aproveitar enquanto podemos adiar pensar nesses assuntos?

– Adiar o inevitável? – Revirei os olhos e levantei a cabeça me ajeitando na cadeira. – Estamos apaixonados? Creio eu que sim. Show... que incrível, mas esse fucking livro diz: “A linhagem se perpetua quando tornam-se majestade, em laços deverão se unir, para que haja sempre dois.” Eu nunca vou poder ser essa pessoa para você, então o que estamos fazendo? Fingindo que temos alguma saída?

Ele pareceu ter ignorado o que eu disse quando foi até a gaveta de uma estante e retirou de lá uma tesoura. Depois passou por uma das estantes e pegou de lá um dos exemplares de um livro de álgebra. Quando voltou a se sentar, arrancou a capa daquele livro sem piedade e calmamente começou a recortar.

– Qual é, Gabren? – começava a desenvolver certa raiva por sua indiferença – Tô falando na moral contigo e você age como se eu nem estivesse aqui. E ainda rasga um livro assim, sem piedade!

E ele cortando aquele maldito papel na maior calma do mundo.

– Ah, então é assim? Vai ficar nessa?

– Céus! – Riu com certa irritação. – Tem como você esperar? Já estou acabando.

– Acabando o que, cara? Do nada você começou a cortar papel.

– É para enfeitar o momento. – Se levantou novamente e foi até a mesma gaveta de onde tirou a tesoura.

Tirou de lá uma cola daquelas de isopor, eu acho. E voltou à mesa, dessa vez se sentou ao meu lado. Passou a cola em seu papel recortado colando as pontas do que eu já conseguia identificar o que era: uma coroa de papel. Gabren segurou sua arte com as duas mãos e estendeu dando a entender que queria colocar em mim.

– Posso te coroar como rainha?

– Com uma coroa de papel? – Tentava conter o sorriso fácil que insistia em se exhibir.

– Obviamente. Como prova de que esse amor se alimenta das coisas mais simples. – Se virou bem com as palavras, como sempre. – e... como promessa de que você é a única pessoa que desejo que faça de mim um rei, pois em meu coração já foi coroada rainha faz tempo.

– Incrível a capacidade que você tem de me fazer esquecer minhas paranoias com suas palavras.

– Então aceita ser minha rainha?

– Meu amor! Tu ainda tem alguma dúvida que sim? Pode me coroar, fica à vontade... – me inclinei para ele que tentou equilibrar a coroa em minha cabeça.

– Pronto.

– E aí, como estou? – voltei com a cabeça devagar, tentando manter a coroa firme ali.

– Está extremamente parecida com minha rainha.

– Pois duvido que ela seja tão linda quanto eu.

– Não duvide. Ela é a mais linda de todo reino.

– Bom mesmo que seja! Você merece alguém a altura da sua beleza. – Selamos os lábios e em meio a isso segurei a coroa que ameaçou cair.

– Prometo arrumar uma forma de poder te coroar com uma coroa de verdade e fazer de você

a mais legítima das rainhas.

– Sabe de uma coisa? Pouco me importo. Nós dois é muito aquele tipo de coisa que tinha que ser, sabe? E só de poder viver momentos como esse já vale muito mais que qualquer outra coisa.

– Só não quero que continue ocupando sua mente com tantos empecilhos...

– Você já fez a mágica, Gabren. Se um dia alguma coisa foi empecilho, em não me lembro.

...

Já ouviram falar em vida de princesa? Eu sempre imaginei um puta conto de fadas, com direito a fada madrinha e tudo... sempre falam do antes, daquela parada do príncipe intocável e da donzela indefesa. Falam do romancezinho água com açúcar que eu até gosto. Mas querem saber de uma coisa? Eu até sentia que estava vivendo uma vida de princesa, mas não tinha nada a ver com qualquer coisa que já tenham me falado.

Cavalgadas contemplando a natureza? Esquece. Até dava uns rolés de bike com meu príncipe favorito, mas nada de montar a cavalo. Em Dramian o cavalo era quase um cachorro de estimação, ninguém montava a cavalo. No máximo levava pra passear. Aliás, a maior parte das espécies de animais em Dramian eram muito bem tratadas. Menos os peixes e os frangos, a maior parte da culinária dramiana era baseada nisso.

Fato estranho: gado era lenda. Não existia em Dramian. Consequentemente carne bovina era mito.

Jantares luxuosos? Esquece. Fui convidada várias vezes para jantar, a comida era muito boa, porém, nada de louça de ouro ou exagero de comida. Era tudo simples porque em Dramian tinha aquela parada de que realeza era encontrar riqueza nas coisas simples. Tudo bem que o busto de Gabren em ouro que decorava a sala de jantar contradizia isso, mas eu fingi que fazia sentido. Afinal, que cultura não se contradiz o tempo inteiro?

Bailes? Esquece. Até aconteciam, mas não em todo fim de semana, nem todo mês, como acho que deveria ser... Gabren disse que só aconteciam quatro vezes ao ano: no aniversário da capital, no aniversário de Dramian, no Natal e no Ano Novo.

Vestidos luxuosos? Só quando tinha baile, ou seja... esquece! Na maioria das vezes quando eu encontrava com Gabren estava usando aquele uniforme horroroso do colégio.

Religião? Ainda era um papo estranho, porque eu não estava acostumada aquilo de ecumenismo e porque não tinha sido criada naquela cultura, então estranhava boa parte dos preceitos religiosos deles.

Ah! E um detalhe peculiar. Gabren insistia em se manter casto e isso fazia de mim mais virgem do que eu jamais havia sido. Não sei dizer exatamente por que, mas isso me incomodava. Parecia uma ideia idiota se guardar para um casamento que nunca ia acontecer, mesmo quando ambos sabíamos o que sentíamos um pelo outro.

Ele se justificava dizendo que a castidade não tinha a ver com o casamento, que tinha a ver com uma filosofia besta de que “quando os corpos se conhecem antes da hora a

mente se engana com o que nunca conheceu.” Fazia um pouco de sentido, mas ainda circulava pela minha mente que aquilo era um namorinho de criança e que faltava o *sex appeal*.

Ao mesmo tempo que eu tentava digerir o que tanto me soava esquisito, também buscava na mente os parâmetros que transformavam um “namoro de criança” em um “namoro de adulto”. Me perdia nas possibilidades de mil tipos de relacionamentos que nunca tive. Me dedicava a ex- plorar as milhares de experiências que nunca vivi. E no fim das contas, não via o sexo como razão determinante de um relacionamento adulto.

Então essa parte continuava uma verdadeira incógnita. Ainda era uma parte do relacionamen- to na qual eu queria estar, ou não: credo, que delícia, digo, que absurdo.

Outro tópico, por favor!

Ah sim! O famoso: Príncipe Encantado! Isso posso dizer que eu tinha. Por quanto tempo esse encanto duraria? Eu não faço a menor ideia.

A verdade é que a vida em Dramian era uma loucura. Era algo fora de minha compreensão. Eu precisaria de muitos anos naquele lugar para entender tudo.

Sabia que tudo o que eu sabia até ali não era nem o começo. Mas também sabia que não ficaria por muito tempo. Meio muito triste, né? Porque tava rolando certa necessidade de ficar!

Pela primeira vez na vida, senti que invés de apenas observar o tempo passar, dessa vez eu corria ao lado dele. Os 28 dias do mês de fevereiro, já eram poucos, mais pareceram ser menos ainda quando fui obrigada a me deparar com o começo de março.

De repente o tempo havia criado asas e voado mais alto do que eu podia alcançar, mas eu desejava ter mais dele... completamente gananciosa, tinha muito mais que merecia, me aproveitava disso e queria mais. Uma ganância exigida por um sentimento que eu nem lembrava mais como era não existir. E eu implorava que o tempo fosse mais devagar.

Cheguei a Dramian no segundo dia de fevereiro, uma sexta-feira como todas outras. Exatamente uma semana depois, em outra sexta-feira como qualquer outra, conheci a majestade do meu coração. Um mês depois de tudo, coincidentemente, em outra sexta-feira, mais uma coisa aconteceu.

02 de março de 2018, não era só uma data. Era sentença! E eu? Estava condenada.

Gabren e eu estávamos deitados no gramado bem cuidado do nosso jardim preferido – aquele mesmo da ala oeste –. Era oficialmente meu último dia de detenção e a última aula havia sido sobre as atualidades no Reino. Assunto que não era muito relevante para mim naquele momento porque tudo no que eu pensava era que na outra semana não seria obrigação aparecer no castelo. E a verdade é que eu queria ficar, morar, mas continuava me achando na obrigação de ter algum motivo que camuflasse isso.

Enquanto ele falava alguma coisa aleatória sobre a posição das estrelas, eu tentava entender porque eu gostava tanto do contorno marcado do seu rosto, ou porque parecia tão fascinante para mim quando ele pressionava os lábios ao fim de uma sentença muito

longa. Tentava entender porque ele era tantos detalhes em uma pessoa só e porque eu dava tanta atenção a isso.

Preferia focar apenas em seus detalhes, esquecer minhas paranoias, viver um romance comum de duas páginas, a ter que revelar o caos e nos sentenciar à loucura após termos nos acomodado a tantos momentos de certa paz.

Por isso eu hesitava em revelar o que tanto estava me incomodando. Precisava que ele notasse que tinha algo errado, que eu estava em um recuo longo demais e não conseguia voltar dali sozinha, se ele ao menos me buscasse dentro de mim, talvez pudéssemos, sei lá, encarar mais essa juntos.

– ... falar sobre as estrelas faria mais sentido se você estivesse me ouvindo... – Não sei dizer quando ele reparou que eu não estava dando a mínima para todo aquele papo de estrelas, mas que bom que ele tinha reparado que eu não estava muito ali.

Olhei no fundo dos seus olhos completamente sem saber o que dizer, mesmo quando tinha muito a falar.

– Está um tanto distante desde que chegou. Tentei ignorar, mas não é possível. O que há de errado? – perguntou pouco depois de notar que eu não sabia muito bem o que dizer.

– A Duda ligou! – Fui direto ao ponto, mas não consegui continuar quando vi seu rosto reagir aos seus pensamentos que acredito terem sido negativos.

Um período de silêncio que ele quebrou. – E ela está bem? Aconteceu alguma coisa?

– Não sei ao certo. Mas acredito que tenham descoberto sobre nós. No pouco que conversamos, ela disse estar sob tutela do Rei João Venci.

Eu sabia o impacto que aquela revelação poderia causar, mesmo assim não conseguia fazê-la em rodeios. Quando Gabren arregalou os olhos, pareceu encarar seu interior como se estivesse vendo um fantasma. Não dizia nada e seu silêncio me incomodava. Eu sabia o quanto aquilo tudo era grave, mas ao mesmo tempo eu esperava que ele soubesse o que fazer, porque de certa forma, ele parecia sempre saber.

Por fim, ele se recompôs e sentou-se no gramado. – O que exatamente Eduarda disse ao telefone?

Também me sentei. – Ela tinha pressa, dava pra saber, pois dizia várias vezes praticamente as mesmas coisas rapidamente e não estava interessada em me contar detalhes.

– Tem certeza que era ela?

– Conheço bem aquela voz e por que ela mentiria sobre isso?

Ele levou as mãos ao rosto regido por preocupação e bufou várias vezes.

– Contou a Tajana?

– Não. Ela já tinha saído pro trabalho quando o telefone tocou.

– Ótimo. – Ficou de pé.

– Ótimo? Como assim ótimo? – Levantei confrontando-o.

– Porque ela sabe do que meu avô é capaz. Agiria por impulso e nesse momento precisamos ser... impassíveis.

– Eu não faço a menor ideia do que seja impassível, Gabren, mas dado o contexto, isso pode significar ficar de boas com tudo isso e eu não vou ficar, principalmente depois do que acabou de dizer sobre ele.

– Você não o conhece. Com ele temos que agir friamente, pois é dessa forma que ele age.

– Tá me dizendo que ele é o cara mal? Tipo, ele é o vilão dessa história?

– Não é um vilão. É só... extremamente protetor... – Seu rosto escancarava o esforço que ele fazia para aparentar estar calmo. – De qualquer forma, não se preocupe. Cuidarei disso.

– Não acho que seja tão simples. Dessa vez é muito grave! Quanto tempo temos até que eu seja deportada?

Seu rosto foi estampado por um luto imediato. – Você não será deportada... eu não permitirei. Já esperava recebê-lo no castelo por estas datas, só não me foi revelado que ele viria acompanhando da verdade que nos assombra. – Riu de nervoso, acho. – Mesmo assim, está tudo sob controle.

Não parecia estar.

– Gabren... – Cerquei seu rosto com minhas mãos tentando fazer com que ele mantesse o foco todo em mim. – Quanto tempo tenho aqui?

– Não há necessidade de fazer este cálculo. Você não vai a lugar algum... – Desvencilhou-se do meu contato.

– Não se iluda com isso... tu sabe mais que ninguém que vai ser inevitável. Só me diz quanto tempo eu tenho e o que vai me acontecer daqui para frente... quero ao menos estar preparada.

Vi algumas lágrimas se formando em seus olhos e o mesmo me ocorreu. Tentei engolir o choro e esquecer que existia a possibilidade de um futuro sem ele. Fiz o que pude para conter as lágrimas e sei que ele também. Não chorávamos então, não ainda.

– Eu acredito que... – Sua voz meio que embargou. – Assim que João Venci colocar os pés em Dramian, se ele souber mesmo de tudo, como imagino que saiba. Exigirá sua deportação e você irá sem escândalos. Será como se nunca estivesse estado aqui... Tajana terá escolha de ficar, pois tem acordo com o Reino. Eduarda não sei o que será feito dela. É uma incógnita, mas acredito que meu avô seguirá por um caminho que considere justo.

“Só não posso te garantir sobre o que te acontecerá ao voltar para o Rio de Janeiro. E eu juro!”

Queria poder saber e assegurar que tudo vai ficar bem, mas estou de mãos e pés atados. Não esperava por isso agora.”

– Eu vou me virar, Gabren. Sério, não precisa se preocupar comigo. Eu me virei sozinha a vida toda. Dessa vez é só um pouquinho diferente e mesmo eu não fazendo ideia

como vou fazer, eu sei que vou me virar...

– Não está certo isso! – Deixou escapar uma lágrima que limpou rapidamente. – Encontrei minha rainha e a única coroa com a qual posso coroá-la é feita de papel...

– Sabíamos disso desde o princípio, mas foi mais forte que nós, simplesmente permitimos que isso acontecesse. E tá de boas! Se somos réus nesse tribunal, estamos mais que condenados, e a droga da nossa sentença é viver em celas separadas. Porque mesmo que a realidade de ser um príncipe nesse reino e uma órfã no Rio de Janeiro sejam extremamente diferentes, são da mesma forma prisões. Uma é prisão de segurança máxima e a outra é quase uma selva.

– Somos inocentes, agimos em nome do amor.

– Matar por amor, não deixa de ser homicídio.

– Ninguém aqui matou ninguém... – Disse simples, escapando das minhas analogias. – Não faz o menor sentido sermos condenados por amar demais.

Seus olhos foram derrotados pelas lágrimas, era um choro lento e melancólico, um choro de quem sente falta antecipadamente. Gabren estava fraco, completamente vulnerável e não parecia se envergonhar disso. Longe de ser aquele príncipe engessado que conheci, era modesto o suficiente para se entregar as suas incapacidades, por isso assumia em lágrimas sua falta de poder sobre aquilo que mais tinha vontade de ter domínio.

Também chorei, como se o choro dele tivesse contagiado o meu. Depois nos abraçamos completamente despedaçados... Sentia o futuro redesenhando aquilo tudo que desenhei com ele naquele mês. Senti meus pés me conduzindo para o caminho mais sombrio da estrada. Assisti enquanto a coroa de papel se encharcava com nossas lágrimas e virava meros fragmentos de coisa alguma. Porque o choro não molhava apenas nossos rostos, manchava nossa história, gritava pelo fim de um romance proibido.

Ele me beijou em desespero, o beijo mais infeliz que podia me conceder. Não tinha sentido algum, porquê era movido pela preocupação de delimitar um final trágico.

Escutei alguém pigarrear. – Senhor? – Era o mordomo que parecia um tanto desconfortável com a situação. – Me senti no direito de avisá-lo que o Rei João Venci acaba de adentrar os recintos do castelo, assim como a Senhorita Eduarda Douge, e está a sua procura. Também me senti no direito de despistá-lo para que a Senhorita Mariana – ele sabia quem eu realmente era? – ... pudesse escapar em paz, adiando o inevitável.

– Obrigado, Eloi. – Gabren disse firme, apesar do rosto estampado de preocupação e lágrimas.

– É sempre um prazer, Senhor. Espero ter cumprido com maestria a função que me concedestes. – E se retirou.

Mas como assim “função que me concedestes”?

– Como Eloi sabe quem sou? – perguntei de imediato.

– Conteí a ele. Eloi tinha que saber para poder me avisar quando esse momento chegasse.

– Então sabia que o circo estava prestes a ser armado, não sabia?

– Sabia. No entanto fiz o possível para consertar tudo isso e fazer-te ficar, mas parece que meu poder é imaginário... governo um Reino inteiro, mas sou mero expectador da minha vida.

– Então sabia que eles estavam vindo? Sabia de tudo o que te contei?

– Não sabia da ligação, muito menos de Eduarda. Mas conheço meu avô, talvez mais do que a mim, ele não viria se não suspeitasse de algo. Apenas acreditei que suas razões se tratariam somente de suposições.

– Podia ter me contado que ele estava por vir...

– Há tanta coisa que queria poder ter te contado e que simplesmente não posso, principalmente agora. – Suspirou meio sem norte. – Você precisa ir, estamos ficando sem tempo!

– E para onde vou?

– Eloi te mostrará. Por hora a levarei até a saída lateral desse jardim e espero que ele já esteja lá a sua espera.

– E você? Como vai fazer?

– Sei muito bem como lidar com meu avô e farei o possível para te manter aqui.

Então ele me conduziu até a tal saída lateral e nos beijamos brevemente em despedida, mas parecia um sacrifício ter que sair de perto dele.

Tudo acontecia tão rápido que eu pouco tinha entendido a dimensão do que estava acontecendo. Aquele momento era uma incógnita, eu só queria me despedir dele e falar tudo o que eu não tinha dito ainda, porque tinha muito medo do que viria a seguir e da possibilidade de nunca mais vê-lo.

– Você é um príncipe, mas não é invencível, ok? – falei apressada. – Não mete o louco, porque tu não é um herói e eu não sou uma donzela em perigo. Se nada der certo, a culpa não foi sua e... não entre nessa de achar que isso é um conto de fadas, porque talvez a mocinha nem fique com o mocinho.

Recebi um silêncio frustrante como troco, mas sabia que era só porque ele estava tentando organizar como contra argumentar sobre o que eu tinha dito.

– Eu sei disso, mas porque não ser um herói? Saiba que não te quero como donzela em perigo nessa história, quero que seja heroína, junto a mim e tão soberana quanto eu, da forma que você já é. Mesmo que a mocinha não fique com o mocinho, já valerá saber que ninguém desistiu sem lutar. Eu te amo demais para deixar que pense que estou lutando nessa guerra sem você.

Ele disse que me ama? Não tive tempo de confirmar, Eloi apareceu e eu tive que ir.

Gabren se referiu aquele cenário como guerra e aquilo me assustou bastante. Em um país como Dramian, metaforizar usando guerra era um tanto espantoso.

Naquele momento eu queria estar focando apenas no eu te amo fora do roteiro, mas estava a mil pensando em muito mais.

Capítulo 8



Sobre príncipes e princesas

Dramian, 03 de março 2018 às 21h52min – Príncipe Gabren

Desconheço adjetivo capaz de descrever tamanha insatisfação com minha vida. Não gostava de estar daquela forma, mesmo quando pensava que já havia sido deveras privilegiado pelo pouco tempo que pude desfrutar de um amor como aquele. No entanto, me considerava merecedor de mais tempo daquela experiência.

Nem em meus sonhos mais improváveis eu seria capaz de imaginar aquele utópico momento em que adentrei o escritório do meu avô sem aviso e completamente disposto a me humilhar para que fosse permitido que Mariana permanecesse em Dramian.

– Oras, passo uns dias longe e perdes todo respeito por mim.

– Desculpe-me, não era minha intenção desrespeitar-te, apenas considero uma urgência o que vim tratar contigo. – Fui ignorado por completo pelo senhor que voltou a atenção para os papéis que estavam em sua mesa.

Senti-me quando menino. Em tempos onde era educado por ele. Todas as vezes em que o desrespeitava, meu avô me lançava aquele olhar de desdém e eu sabia que teria que refazer aquele momento da forma que ele considerava correta.

Por isso saí do escritório, tentei me acalmar. Não resolveria nada se continuasse agindo tão impulsivamente. Dessa vez bati antes e aguardei que ele autorizasse minha entrada no recinto. Assim que fui autorizado, entrei e fiz uma reverência.

– Rei João Venci, podemos conversar?

Reprovou minha atitude com o olhar novamente. Mas dessa vez eu não sabia exatamente o que aquilo significava.

– Não me é memorável que tenha marcado um horário para esta conversa. Estou enganado quanto a isso?

Neguei um tanto constrangido. – Perdoe-me caso tenha sido indiscreto...

Meu avô impediu que eu continuasse. – Indiscreto por qual razão? Pela forma audaciosa que adentrou? Ou pela peripécia em ter se apaixonado por uma intrusa?

Não respondi nada, abaixei a cabeça para ele, pois não tinha a menor coragem de enfrentá-lo.

Os anos haviam se passado, no entanto eu continuava parcamente submisso a ele.

– Como pôde envergonhar-nos de tal forma? Anos de educação para tornar-se um Rei digno e preferes desafiar nossas leis. Nunca imaginaria tamanha tirania vinda de você!

Quis interromper aquele depósito de julgamentos que ele arremessava contra mim,

mas aguardei até que não houvesse mais palavras da parte dele.

Por toda minha vida fui privado de muitas coisas, moldado nas mãos daquele homem que me escondia de mim. Cresci neste modelo onde tudo se resumia a ser um “Rei digno”, era sempre sobre isso.

Apesar de tudo, não considerava meu avô má pessoa, entretanto o medo era sua cegueira. Educou-me a vida toda de uma forma que tinha pleno controle sobre mim. Isso provavelmente amenizava o medo que ele tinha de me perder, mas ninguém havia me preparado para ser a única pessoa que restava na família daquele homem.

Meu avô não abstinha-se de sua autoridade nunca. A soberba era sua principal aliada. Deveras o impedia de sentir remorso. Por isso ele tocava em minhas feridas sem pestanejar, sabia que o sentimento de culpa era meu ponto fraco. Usava do fato de que o perfeccionista que sou se culparia eternamente por qualquer que fosse a falha. E eu tinha falhado, mas pela primeira vez, parecia ter sido necessário.

– Nossas leis devem ser revistas! – arremessei minhas palavras contra ele, interrompendo outra dose de julgamentos. – Será assim tão ruim ter a presença de estrangeiros aqui? Dramian começou como refúgio, todos eram estrangeiros quando chegaram aqui! Pense em quanta gente podemos ajudar! Temos recurso para isto, então por que continuamos desta forma?

Meu avô atacou-me com o olhar e sinalizou com uma das mãos para que eu parasse. Parei por puro instinto de obediência.

– Decerto nutro altas expectativas quanto a ti! No entanto este tipo de argumentação foi extremamente inferior ao que você é capaz. Notoriamente você não consegue administrar o fato de ser um príncipe e de estar apaixonado. Conheces a História do Reino mais do que muitos! Ainda assim tens a coragem de sugerir algo assim.

– Estou apaixonado. No entanto, percebo que foges do meu argumento. Culpa o fato de estar apaixonado, pois não consegue contra-argumentar! Deveras conheço a História do Reino e por conhecê-la tão bem, acho um despautério que ainda sejamos tão assombrados por um passado de equívocos.

– E quais são suas ideias? Deixar que um bando de estrangeiros invada nossas terras e nos escravize ao seu modelo capitalista de vida?

– Não estou dizendo que devemos abrir as portas para quem quer que queira entrar. Apenas acho necessária certa flexibilidade. Por isso insisto que seja feita uma assembleia com esta temática.

– Antes ou depois do julgamento da sua amada? Irá negar que este desejo repentino de abrir as portas do Reino tem a ver com esta alheia?

– Obviamente não irei negar! Tem tudo a ver com tê-la conhecido. Isto mudou a visão de mundo que sempre me inibiram de ter...

Assumir aquilo foi um súbito. Uma verdade que eu guardava até de mim. Desconhecia a pessoa que havia me tornado após conhecer Mariana, ainda assim era como se eu finalmente fosse a pessoa que sempre fui.

– Deixei esse Reino com um príncipe promissor no poder e quando retorno me deparo com um calhorda apaixonado. Ao menos acredito que ainda posso confiar na justiça do nosso Reino, que decerto julgará a favor das nossas leis.

– Não será necessário haver um julgamento. – insisti.

– Tua falta de decência me enoja. Como podes se achar em posição para determinar algo? Basta que eu leve este caso a público e você será imediatamente deposto.

– E quem irá assumir? O Rei que renunciou? Ou a princesa que mal conhece seus direitos na linha de sucessão?

– Do que está falando? – Notei seu desconcerto imediato.

– Sei de toda história, sei quem ela é. Se eventualmente eu for deposto, Eduarda Douge terá plenos direitos de assumir, e caso isso aconteça não medirei esforços para colocá-la no poder.

“E é por isso que você não atentará contra mim, devo imaginar. Acredito que não será tão estúpido a ponto de sugerir que eu seja deposto e eu também não deixarei que isso aconteça tão facilmente. Preparei-me a vida inteira para tornar-me um Rei digno e serei.”

– Tamanha estupidez a sua se acha que pode desafiar-me dessa forma.

– A verdade o assusta tanto a ponto de parecer-te um desafio?

Meu avô silenciou. Decerto aquele senhor pensava em alguma saída daquele lugar em que eu o havia encurralado. Mas a adrenalina ainda corria por minhas veias. Minhas mãos tremiam no êxtase de ter podido enfrentá-lo pela primeira vez. Aquela era a sensação de poder que eu nunca havia tido.

– Eis o que será feito: – retomou a fala após uns instantes. – A garota será levada a julgamento com os representantes, no entanto manteremos em sigilo o fato de você saber a respeito da verdade que a condena. Dou-te plenos poderes para lutar pela permanência dela em júri. Não haverá interferência de minha parte.

– Já disse que não haverá julgamento. Eu não permitirei.

– Isto não está a seu alcance, francamente, nem ao meu. O caso já foi levado aos representantes e todos pressionam por uma audiência emergencial.

– Levou o caso a eles antes de falar comigo!?

Meu sangue ferveu. Fulo da vida por ver se esvaírem minhas esperanças de um desfecho positivo.

– Eles souberam antes de mim. Por qual razão acha que estou aqui? Não retornaria tão cedo se ninguém tivesse me comunicado sobre essa falácia.

– Então quem?

– Uma das maiores envolvidas nessa história: Eduarda Douge. Ela foi a responsável por denunciar esse caso de estrangeirismo.

Perdi todas as palavras.

Que grande decepção aquilo seria para Mariana. Ela que vivia falando de sua melhor amiga, quando descobrisse a respeito daquilo, decerto deixaria de concebê-la como tal.

– Confesso que não esperava uma atitude tão nobre da parte dela. – Meu avô continuou falando sem me dar tempo para processar aquela novidade. – Esta garota herdou todos os problemas da mãe. É uma traidora! E uma confissão como essa não vem gratuitamente. Ainda nos falta descobrir qual o preço dela.

– Por isso trouxeram-na para cá?

– Será interrogada diretamente por mim. Preciso certificar-me de que desconhece sua descendência e preciso identificar por qual razão resolveu revelar este esquema. A menos, claro, que o príncipe queira assumir esta responsabilidade.

– Opto por deixar esta responsabilidade contigo. – Mesmo quando obviamente não tinha muita escolha.

– Sensato, enfim. No entanto, clamarei aos céus para que a venda seja retirada de seus olhos antes deste julgamento e que note que esta alheia não serve para conduzir-te ao trono.

– O único com venda nos olhos é você! Está há anos cego pelo teu medo. Inclusive acho desnecessário dissertar sobre o quão contraditório é seu estilo de vida, qualquer um que preste o mínimo de atenção enxergará o mesmo que eu: você é medíocre! E nunca mais ouse se referir a Mariana desta forma.

– Ou fará o que comigo, Príncipe Gabren? Despejara outra meia dúzia de hipocrisias contra mim? Tua figura não me apresenta risco algum. Não espere de mim resignação. Pouco importa-me como conduzirá a situação com sua... amada. – desdenhou com esforço. – Ao contrário de você, me preocupo com este Reino. Posso suportar um Rei falho como você no poder, no entanto, não consigo suportar a possibilidade deste Reino ser governado pela espúria que é Eduarda Douge.

Não o respondi com palavras a isso. Recuei meus pensamentos completamente introspectivo.

Quem eu queria enganar? Tinha medo da minha vida inteira ter sido em vão. Decerto o povo preferiria uma herdeira mulher, como sempre foi o costume. Ademais, consideravam-me um atraso. Nenhuma herdeira tinha chegado em idade tão avançada quanto a minha sem tornar-se Rainha.

As pessoas pouco se importavam com o fato de eu ter passado a vida estudando para tornar-me Rei. Eles ainda me enxergavam como um príncipe despreparado por eu ainda não ter encontrado uma Rainha.

Esta era a outra questão que eu tentaria alterar: a obrigatoriedade de serem dois no poder. Na maior parte dos tempos Reis e Rainhas governaram sozinhos. Então se eu estava pronto, por que ainda era um mero príncipe?

Naquele momento, no entanto, essas questões por mais importantes que fossem, não eram tão mais importantes quanto todo o restante. Me retirei sem dizer mais nada e entreguei-me à melancolia dos meus aposentos. Até deixei escapar algumas lágrimas, pois era desesperador estar sentindo tantas coisas diferentes.

Eu amava Mariana, com todo o meu coração. Um sentimento que eu experimentava pela primeira vez em toda minha existência e tudo o que eu tinha naquele momento eram fragmentos de lembranças que me assombravam sem o menor pudor.

...

*Rio de Janeiro, 02 de março 2018 às 23h34min – **Eduarda Douge***

Tinha alguma coisa muito diferente naquela manhã. Claro que todo dia eu morria um pouco. Um dia eu me suicidava, no outro, a vida me apunhalava tantas vezes que eu terminava o dia aos pedaços. Mas só naquela manhã percebi que, mesmo morta por dentro, não estava pronta para matar alguém.

Por isso eu odiava meu reflexo no espelho. Há tempos eu não sabia a quem pertencia aquele corpo. Eu estava ali o tempo todo, mas eu não era ninguém na maior parte do tempo.

– Por Deus, há duas horas está trancada neste quarto se aprontando! – A voz do moço que estava do outro lado da porta interrompeu minha melancolia. – Dessa forma iremos perder o voo.

– Já tô indo! – gritei de dentro do quarto.

– Disse o mesmo há uma hora...

Caminhei a passos firmes até a porta e a abri no melhor estilo adolescente rebelde.

– Prontíssima, Vossa Alteza! – Coloquei a ironia em cada letra das minhas palavras.

Ele riu daquele jeito imbecil que já estava me emputecendo. – Está equivocada ao usar tal pronome de tratamento comigo visto que sou um mero estagiário de relações políticas.

Dei de ombros e recebi silêncio como resposta. Na verdade, quem falou foi seu rosto irritantemente bonito, com aqueles olhos irritantemente azuis que me julgavam sem piedade.

– Tu não tava me apressando, moço? Podemos ir ou tá difícil? – Fugi daquela chateação maravilhosa que era o rosto dele.

– Kayke. Me chamo Kayke.

– É um prazer imenso conhecê-lo, moço. – Adicionei uma reverência no auge do meu sarcasmo.

– Igualmente, moça. Fico feliz por termos finalmente nos apresentado de forma

adequada. –

Ele sorriu de um jeito que ignorava totalmente meu mau humor. Eu insisti em continuar com o rosto emburrado. Era a marca registrada do meu luto eterno, era meu epitáfio que gritava o tempo todo: *“aqui jaz Eduarda Douge, uma bela merda”*.

...

Queria estar sozinha naquele avião, queria um momento onde eu pudesse continuar minha melancolia mental, queria me odiar em paz, mas Kayke não saía da minha cola. Inferno. Então eu tinha razões pra reclamar e isso era tudo o que eu fazia desde que o avião tinha decolado.

– ... sério. Isso é perseguição! Não tinha necessidade de você estar tão perto de mim no avião. Não tem como eu fugir daqui, mano.

– Apenas sigo ordens. Ademais, não compreendo por qual razão minha presença lhe incomoda tanto. Não me preocupo com uma possível fuga, tanto que estava a dormir, mas a moça resolveu começar a reclamar e desde então nunca mais parou.

– Tu não tava dormindo nada.

– Estava sim, mas você quem precisa de algumas horas de sono. Talvez dormindo tuas palavras cessem.

– Deixou a educação em casa, moço? – No auge do tédio, provoquei quem já estava meio pistola.

– Deixei a educação no sono tranquilo que eu estava tendo antes de ser acordado por tua petulância. – ele falava as coisas ainda de olhos fechados, com os braços cruzados e o rosto totalmente sério.

– Ai, nossa. O moço ficou mal-humorado.

– Teu mau humor deve ter me contagiado! Terei de me tratar quando estiver livre de você.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Minha fragilidade tava bem ali, como sempre. Verdade que eu sempre fui a rainha do drama, fazia meu show sempre que podia, era sentimental ao extremo, isso nunca foi segredo. Eu nunca tive o menor controle sobre minhas emoções. Qualquer merda ofensiva que alguém me dissesse era razão para eu cair no choro.

– Desculpe pela praga que sou. – Tentei disfarçar a voz embargada, mas sim, eu estava prestes a chorar.

Para meu emocional, seja lá o que ele tinha dito, era como ele tivesse me xingado de 20 coisas diferentes.

Eu mordia meu lábio inferior com força tentando me controlar pra não chorar, mas algumas lágrimas caíram pesadíssimas, talvez um fungada tenha saído sem que eu pudesse controlar, mas eu tentava ao máximo fazer com que ele não soubesse que eu era chorona assim.

– Está chorando?

Kayke já estava com os olhos abertíssimos e totalmente sem jeito.

– Para de me olhar! – Solucei. – Eu tô bem, tá bom? Ótima, inclusive!

Tentei limpar as lágrimas, porém mais lágrimas tomaram meu rosto, mesmo assim eu tentava reverter a situação.

– Isso tudo por causa do que eu disse?

Dei de ombros, porque eu não fazia ideia se foi pelo que ele disse. Na verdade, eu mal lembrava o que, de tão ofensivo, ele tinha dito. Talvez fosse ainda por tudo o que estava rolando e o conjunto da obra, sei lá. Só sei que eu estava chorando.

– Desculpe-me, mas não acredito que minhas palavras tenham surtido tal efeito.

– Você... – Funguei. – Foi bem idiota!

Confesso que aquela acusação não tinha muita coisa a ver. Eu só queria culpar alguém que não fosse eu, pra variar.

– Você também e eu não estou me debulhando em lágrimas por isso. Não respondi àquilo. Nem tinha muito o que dizer.

– Desculpe-me... – ele disse em seguida. – Confesso não ser a melhor pessoa quando com sono.

– Tirou um lenço de algum lugar. Sério mesmo, de onde surgiu aquele lenço? Não era relevante, a parte relevante foi ele ter me dado.

Me senti a própria dama do século XIX sendo amparada pelo cavalheiro salvador da pátria. Foi quase uma amostra grátis do famoso Deus me livre, mas quem me dera.

Limpei as lágrimas um pouco muito envergonhada pela situação. Nada a ver tá chorando assim na frente de um cara que eu muito mal conhecia.

– Olha... – Tentei encontrar uma justificativa para aquela cena toda, mas eu simplesmente não tinha. – Eu sou assim mesmo, tá? Ultimamente eu tô muito emocionalmente instável. Minha cabeça tá a mil com isso tudo que tá acontecendo, eu acho... não sei, é tudo muito louco. E tá óbvio que isso aqui não tem a ver com o que tu disse, acho que só não estou pronta para ser odiada pela minha melhor amiga. Essa possibilidade tá me deixando louca.

– Deve ser realmente conflitante. E caso descontar tudo isso em mim for fazer-te sentir melhor, eu não me importo em tê-la me fazendo de capacho. Fique à vontade para despejar toda essa carga em mim. – Passou a mão pelo cabelo. – Porém deixe isso para amanhã. Pois hoje tudo o que lhe peço é que em troca deste grande favor, você conceda-me algumas horas de sono.

O jeitinho que ele falou isso soou esquisitamente amorzinho pra mim, tanto que eu tava meio que sorrindo quando ele terminou de falar.

– Ok! É justo! Sabia que tanta boa vontade não viria de graça! Foi mal aí por ter estragado seu sono de beleza.

Ele soltou um riso frouxo, se ajeitou na poltrona e tornou a fechar os olhos, prontíssimo pra dormir e lindíssimo de uma forma insuportável. É sério, o cara era lindo, parecia que tinha feito harmonização facial ou sei lá o que. E não era só porque ele era loiro de olhos azuis, ele tinha o charme do Sam Claflin e, merda, eu sou muito apaixonada no Sam Claflin.

Eu só notei que eu tava tipo, super analisando o cara, quando ele abriu os olhos e me flagrou olhando. Preciso nem dizer que eu não sabia onde enfiar a cara, né?

– Tem alguma coisa suja na sua bochecha. – Me virei como pude pra sair daquela situação constrangedora.

Amei que ele acreditou total no que eu disse e passou logo as mãos pelas bochechas.

– Saiu? – Quase ri quando notei que seu rosto tinha corado.

– Aham. – disse apenas e depois me aconcheguei na minha poltrona pra tentar disfarçar que eu ainda tava meio envergonhada pelo acontecido.

– Acredito que agora meu rosto esteja mais agradável para ser contemplado pelos teus olhos.

– Eu não tava te... contemplando, cara. Tava realmente sujo seu rosto. Da próxima vez, vê se lava esse rosto direito.

– Com toda razão, tenho de estar preparado para uma próxima contemplação. Afinal, passaremos muito tempo juntos por esses dias, nunca se sabe quando você atacará novamente.

– Aff! Você não ia dormir?

Kayke riu antes de soltar mais uma provocação. – Agora estou um pouco ansioso para dormir, não sei se estou preparado para mais uma sessão de contemplação de sua parte.

– Aaaaah! Mais que saco! – Bati a cabeça contra a poltrona macia totalmente indignada por estar vivendo aquele momento. Foi o auge pra eu admitir de uma vez. – Você é bonito, merda! Não é todo dia que tenho contato com um cara bonito assim... então eu tava te olhando mesmo. E daí?

– Tudo bem. Minha vez agora. – E pronto, o cara passeou com aqueles olhos plenos por todo meu rosto e eu tipo, congelada na posição sentada na poltrona.

– Já entendi! É super desconfortável. Não vou fazer de novo.

– E eu compreendo sua necessidade em ter me contemplado, caso tenha avistado em meu rosto a mesma beleza que avistei no teu.

– Ai que brega. Tu é bem gato, mas tá viajando se acha que eu vou cair nessa.

– Não compreendi ao certo o que disse... o que significaria dizer que estou viajando nesse caso? E quando chamou-me de gato, foi xingamento ou algum tipo de elogio? – As vezes esquecia que alguns termos que eu usava não existiam em Dramian.

– Gato quer dizer que tu é bonito e quando eu disse que tu tava viajando quis dizer que estava meio que... se iludindo, sei lá. No fim das contas tudo se resume à: só esse rostinho

bonito e algumas palavras fofas não serão capazes de me conquistar. Não estou aberta a esse tipo de coisa no momento. Muita coisa na cabeça já.

– Apenas estava retribuindo um elogio. Desculpe-me se fui petulante e se pareceu que eu estava de segundas intenções... – Ele não evitou soltar aquele riso frouxo e continuou.
– Deveras que eu estava sim de segundas intenções, mas agora que sei que não sou correspondido, fingirei que nunca passou pela minha mente que seria agradável beijar seus lábios.

Deu muita vontade de dizer: meu querido, é só vir que a gente vai!

Mas eu fui consciente de uma forma que eu não era fazendo tempo. O beijo ficou só na vontade, infelizmente. Mas poupei meu psicológico de mais uma insanidade minha.

Depois disso eu calei minha boca, então a viagem seguiu em silêncio. Não sei em que momento eu apaguei, talvez tenha sido depois do lanche, só sei que quando acordei já estávamos chegando.

Pousamos no aeroporto da capital e eu fui levada direto ao castelo ainda com Kayke de guarda-costas, trocando pouquíssimas palavras com ele como mecanismo de defesa.

Quando cheguei, só tinha uma palavra para definir aquele castelo: foda! Era tipo o Museu Imperial lá de Petrópolis. Mas não tive muito tempo pra ficar explorando o ambiente, pois logo me deparei com uma figura idosa com cara de pouquíssimos amigos, que parecia extremamente interessada em me matar.

– Eduarda Douge, estava esperando por você!

Sentia a amargura daquele homem mesmo ele estando relativamente longe de mim. Até entendia mais aquele termo “fuzilando com olhar”. Ele veio a mim a passos lentos, usava uma bengala e uma de suas pernas parecia um pouco prejudicada, apesar disso mantinha uma postura que o deixava longe do estereótipo de velhinho indefeso. Sua pose era de pura soberba, principalmente quando parou de frente pra mim e estendeu uma das mãos aparentemente a contragosto.

– Sou o Rei João Venci. Seja muito bem-vinda!

Apertei a mão do homem puramente porque ele me intimidava em níveis que eu não conseguia entender.

– Obrigada. – Foi a única coisa que consegui dizer diante de tanta intimidação.

– Kayke Dalcin, por hoje está dispensado, mas espero que esteja aqui às sete pela manhã, ou teremos sérios problemas para resolver.

Notei Kayke expondo totalmente que tava se cagando de medo, mas ele fez uma leve reverência e se retirou antes mesmo que eu pudesse implorar com os olhos para que ele não me deixasse sozinha com aquele homem.

– Parece deveras assustada, Senhorita. Não compreendo o que tem a temer. – Ah pronto, o cara lançou um sorriso puramente psicopata. – Mande preparar o melhor quarto para você.

Quando ele começou a me conduzir até o quarto eu já tava fazendo mil orações tipo:

“Ai, Deus! Que esse homem não me estupe, amém!”

– Era o quarto da minha filha... – Agora o cara tava nostálgico o que era um pouco menos pior que antes. – Espero que não se incomode, pois ainda guardamos alguns pertences dela por lá.

– Tá bem.

– Poderia ter lhe colocado em um aposento de hóspedes, entretanto, acredito que mereça o melhor, visto que está cooperando com o Reino com obstinação.

E eu não lembrava em que parte do meu cérebro eu tinha guardado o significado de obstinação.

– Agradeço por estar sendo tão... receptivo comigo.

– Não tem de que.

Paramos em frente a uma porta no início do corredor logo que subimos as escadas.

– É aqui. Fique à vontade. Só lhe faço uma única restrição: Não deve deixar esse quarto caso sua presença não seja requisitada. As refeições serão trazidas a você nos horários adequados e há um banheiro privativo em seu aposento que atenderá suas necessidades.

– Não vou sair. – disse por livre e espontânea pressão.

– Sabia que entenderia.

Abriu a porta para que eu entrasse, e eu já super conformada que aquele quarto era, na verdade, minha cela, mas pelo menos era uma cela cinco estrelas... era um puta quarto grande, com uma cama que cabiam umas quatro de mim, tinha tv, pelo menos, e era do tipo digital, então eu não morreria de tédio, nem ficaria incomodada com um sistema antigo de televisão. Tinha até um livreiro abarrotado de livros, talvez no auge do tédio eu lesse alguns... Já o banheiro era do tamanho do meu quarto na casa dos meus avós e tinha uma banheira mara onde eu poderia morar.

Enfim, era um ótimo lugar para se estar antes de ser assassinada.

Capítulo 9



Soluções

Dramí, 04 de março 2018 às 12h45min – Mariana Silva

Eu olhava pela janela e não conseguia achar incrível minha capacidade de associar local a pessoa. Não tinha espaço para estudar a complexidade envolvida no processo de associação que a mente era capaz de fazer... estava simplesmente ocupada demais desenhando minhas lembranças na extensão de areia que dava pra ver daquela janela. Era Gabren e eu novamente lá na praia de Dramí.

Podia escutar os risos fáceis e sem razão extraordinária. Quase sentia meus pés descalços se esforçando para domar o abraço dos grãos de areia. Faltava-me ar enquanto corria rindo de Gabren que insistia naquele pique e pega doido que fazia de nós duas crianças.

Diminuí o ritmo e logo parei levando as mãos aos joelhos, completamente ofegante – Aí, na moral... eu sou mega sedentária. – falei enquanto me sentava na areia. – Essa brincadeira já deu pra mim. É um dos clichês que mais quis viver na vida, mas correr na praia dando risada definitivamente não é tão romântico quanto imaginei.

Eu nunca tinha me deparado com uma versão tão descontraída de Gabren até então. Seu cabelo estava completamente desgrenhado e ele tinha deixado de lado aquele visual de príncipe sério... seu terno tinha ficado em um canto da areia, juntamente com suas botinas. Além disso, ele também tinha dobrado a barra de sua calça, assim como fez com a manga de sua camisa social, a qual até abriu alguns botões.

Era uma das melhores versões que tive dele e, mesmo quando eu não estava lá a coisa mais linda do mundo, sentia como se estivesse vivendo a melhor versão de mim. Porque eu já tinha tirado metade daquele uniforme horroroso de escola – fazendo restar apenas a saia pregada e aquela camiseta branca –, mas tinha Gabren me olhando como se eu fosse o ser humano mais lindo do mundo. Então eu simplesmente me sentia como o ser humano mais lindo do mundo.

– Nesse caso... – Gabren se sentou ao meu lado. – considero melhor optarmos por outra brincadeira...

Pareceu ter dito aquilo de forma sensual e confirmou minha suposição quando me roubou um selinho e ativou os sentidos mais secretos do meu ser.

– E que tipo de brincadeira seria essa?

– Não sabe? – perguntou em um tom amistoso e eu neguei. – Chama-se: “estar em minha presença” e definitivamente é a melhor brincadeira já inventada em toda a história do universo.

– Já brinquei algumas vezes disso e ainda não sei dizer se é lá grandes coisas... – debochei quase que em um flerte.

– Claramente você é orgulhosa demais para admitir que já não tem vontade de conhecer um mundo onde esta brincadeira não exista.

Era final de inverno em Dramian, o clima já não estava mais tão frio, a primavera começava a anunciar sua chegada, talvez por isso o sol estivesse tão presente naquele fim de tarde. Tão presente que me fazia reparar no brilho que trazia a pele de Gabren, que naquela luz assumia um tom caramelizado.

Gabren tinha aparecido de surpresa na saída do colégio em um dia qualquer da semana que eu nem lembrava qual era... terça? Quarta? Isso não era tão importante. Admiro quem consegue guardar datas, mas eu simplesmente focava em guardar outros detalhes... como o sorriso indomável que ele me lançou quando me viu sair pelos portões do colégio ou sua timidez ao notar que os olhos de todos se voltaram para nós e também sua capacidade de resiliência após momentos de timidez.

Foi uma tarde onde acabamos envoltos pelo mar. Com roupas e beijos molhados, e a música indie que não tocava, mas parecia trilha sonora enquanto a gente assistia ao pôr do sol tendo nossas silhuetas fotografadas pelo mundo.

Putá merda. Só desejava mais dias como aquele e menos dias como estes. Desejava que o céu não estivesse tão zangado para que fosse mais fácil descansar em minhas lembranças. Desejava um mar menos agitado que me fizesse voltar a calma de dias perfeitos. Desejava não olhar de uma janela... desejava algo menos distante.

– Já acordada? – Liana (aquela criatura chata que conheci no Baile de Dramí) me arrancou de meus devaneios.

Foi na casa dela aonde fui parar. Ao que parece, ela não estava apenas sendo espontânea ao vir falar comigo no Baile de Dramí. Ela foi o jeito que o príncipe encontrou de não ficar sozinha naquele baile.

Ainda soava estranho para mim saber que Liana simplesmente tinha um vínculo com o Reino que ainda não tinha ficado claro qual. E saber que Gabren confiava tanto nela era no mínimo estranho... Não que isso estivesse despertando alguma espécie de ciúmes em mim. Nunca fiz o tipo ciumenta, aliás... mas sei lá, não entendi a proximidade, assim como não entendia o motivo de eu ainda estar ali depois de quase dois dias cheinhos de nada para fazer.

Minhas paranóias prendiam minha atenção a visão que a janela me proporcionava, tanto que esqueci o que Liana havia perguntado, por isso respondi lamentando. – Estou exausta!

– Em uma situação como a sua, é extremamente compreensível essa sensação de exaustão... – parecia temerosa, era visível que ela se esforçava para dosar suas palavras.

– Aí, Liana. Na moral mesmo, quanto tempo mais ficarei presa aqui? – dessa vez me voltei a ela, meu tom de voz não escondia o quanto eu tava meio puta.

– Eu... não sei. – Pareceu se esconder atrás de seus ombros, porque talvez eu tenha sido um pouco rude quando a confrontei, e confesso que toda vez que me dirigia a ela não rolava essa coisa chamada paciência.

Acho até que por isso nos falávamos bem pouco. Era bem mais vantagem maratona uma série dramiana a ter que falar com ela. Porque era um ciclo vicioso, ela falava um “a” e já me dava um troço que não sei explicar, não conseguia tratá-la bem depois que descobri que ela era amiguinha do Reino. Também não conseguia ser grata da forma que acho que deveria ser... e ficava mal por isso depois. Até culpei a TPM por um tempo, mesmo estando longe do meu período menstrual.

Mas tá bom! Admito! Era ridículo!

Completamente incoerente! Mas eu estava com ciúmes por não saber. Não era ciúmes por posse, eu acho... Só tinha bastante raiva momentânea da Liana porque ela teve um passado com o Gabren que ele nunca nem mencionou pra mim. E era bem estranho ele ter me escondido isso, mesmo sabendo que talvez ele só nunca tenha achado relevante me contar, apesar dele ter tido quase um mês para me contar as coisas.

A parte mais difícil era admitir o inadmissível! Talvez não tivesse razão para eu ter ciúmes, e mesmo assim, eu era regida por algo que me afastava de qualquer razão.

– Tu nunca sabe de nada! Eu não aguento mais! – Precisava gritar? Não. Mas alguém gritou em mim e não era eu.

– Eduar... digo, Mariana! Tratar-me desta forma não fará da situação menos labiríntica.

– Aff... – resmunguei em um revirar de olhos.

– Não me venha com suas expressões brasileiras! Sei que provavelmente não sou a melhor companhia no momento, porém mereço respeito!

– Desculpa, as vezes eu apenas surto, mas é só porque eu estou de saco cheio disso tudo. Não sei se reparou, mas minha vida não é tão fantasiosa quanto a sua de cidadã livre! Quando acho que as coisas vão dar certo, a vida me dá uma banda.

– Nossa, deve ser malíssimo ter tua vida! – ironizou. – Desculpe-me nunca ter notado que teus pêames são imensamente maiores que os meus. Deve ser realmente horrível ter o Príncipe Gabren completamente apaixonado por ti.

Soltou a afronta assim do nada e parecia que tinha acabado de cuspir tudo o que tinha guardado por um bom tempo.

– Não coloca o Gabren na conversa só porque você sabe que não tem motivos para reclamar.

– Ah! Te cale, pois não sabes o mínimo a respeito de mim. Deve achar que é magnífico ser órfã em Dramian, ou que ser uma cidadã dramiana me isenta de qualquer tipo de sofrimento... mas não é assim que ocorre! – Colocou no rosto a pior feição com a qual já a tinha visto, um luto que lembrava um pouco o meu.

- É órfã? – Senti empatia demais para ignorar aquela revelação.
- Ainda não deu pra notar que sou sozinha?
- Sei lá... pensei que... seus pais estavam viajando ou... não sei... esse lugar me parece perfeito demais para ter órfãos.
- Pois existem. Por razões diversas... eu, por exemplo, fui abortada assim que nasci...
- disse cabisbaixa.

Não entendi muito bem aquela afirmação. Porque em meu conceito de aborto, não há nascimento.

- Como assim? – Nem disfarcei meu espanto. – O que vocês acreditam ser aborto?
- Não está claro? É o ato absurdo de... abandono, digamos assim. Quando dois seres humanos abdicam de suas obrigações como genitores, entregando estas obrigações ao Reino. No Brasil tem outra denominação?
- Minha querida, se acha que colocar uma criança para adoção é um absurdo, não queira saber os significados de aborto na minha terra.
- Existem denominações piores que essa para aborto? – perguntou como se eu tivesse contado a maior novidade do mundo.
- Definitivamente. Mas acabo de te considerar inocente demais para descobrir estas denominações... – Antes que ela insistisse no assunto, continuei. – Conhece quais foram as razões para ter sido... abortada? – Minha curiosidade me tornava inconveniente, como sempre.
- Vagamente. Não sei se sabe, mas aqui em Dramian, somos culturalmente instruídos a nos privar de certos prazeres até termos maturidade suficiente para lidar com as possíveis consequências resultantes destes prazeres. Mesmo assim, o Reino oferece a todo cidadão diversas medidas que previnem gravidez, pois acreditam que esta é uma das formas de se obter controle social...

“Apesar de tudo isso, algumas vezes, homens e mulheres abortam... alguns porque não se consideram aptos a obrigação de criar, outros por simples capricho. A verdade é que quando os dois genitores decidem abortar, não importa... quando não há nenhum cidadão interessado na fila de adoção, viramos propriedade do governo e consequentemente filhos dele.”

- E como é ser filha do governo aqui? – Continuava insistente em minha indiscrição.
- Eu vim da Ilha vizinha, Santoré... é também uma das mais pobres. Gosto de pensar que meus pais não tinham condições de me criar e por isso me entregaram para o governo. Nunca fui adotada por nenhum cidadão, por isso morei em um lar provisório com outras cinco crianças por dezoito anos da minha vida. Após isso, fui realocada e considerada apta a morar sozinha. Ganhei esta casa e todo mês ganho uma bolsa-auxílio, que ganharei até completar a maioridade aos 23 anos, que eles consideram tempo suficiente para termos encontrado um lugar no mundo...
- Caô! – a interrompi. – Sem condições reclamar disso.

– Não costumo reclamar. Sou muito grata a tudo o que o Reino já me deu, mas... não é tão simples assim. Caso aos 23 anos não tenhamos encontrado um jeito de retribuir ao Reino todos os bens nos dados até aqui, somos praticamente descartados.

– Pera aí! Tu ganha as paradas todas, mas depois tu tem que dar tudo de volta?

– Não exatamente. Ao alcançar a maioridade um órfão deve obrigatoriamente ter encontrado um emprego. Então, eu, por exemplo, que fui realocada aos dezoito anos, quando alcançar a maioridade, durante cinco anos terei um desconto mensal em cima do salário, para cobrir minhas “despesas” com o Reino.

“Mas há pessoas que só são realocadas aos 22 anos e têm pouquíssimo tempo para se especializar, arrumar um emprego... apesar de terem apenas um ano de dívida para com o Reino, não recebem a menor assistência quando alcançam a maioridade desempregados e ficam inadimplentes, a maior parte destes acabam vivendo na miséria. É um sistema com diversas falhas, mas estamos há tanto tempo sem um Rei, que pouco podemos fazer para consertar isto.”

– E o Gabren também não pode fazer nada para mudar isso, né?

– O Príncipe Gabren é cheio de ideias... não faltam nele boas intenções, mas ele é meramente um príncipe, com poderes extremamente superficiais. Por isso, a tal “Eduarda” na visão popular se tornou alvo de certa esperança.

“Gabren nunca deu confiança pra ninguém, sempre foi muito fechado, correto demais para compreender a espontaneidade que exige se apaixonar. Então aos poucos as pessoas passaram a desacreditar que teríamos uma Rainha, muitos achavam até que Gabren representaria o fim deste Reino. Quando o boato de que ele poderia estar de flerte contigo correu... muita gente apostou em vocês.”

Engoli em seco, porque eu nunca tinha parado pra pensar diretamente na repercussão do meu relacionamento com o príncipe.

– Então é real que eu sou mesmo a primeira paixão da vida dele?

– Decerto considero estranho você ter conseguido despertar essa pessoa no Gabren, pois provavelmente nem ele sabia que existia. Ele sempre se escondeu por trás dessa imagem de príncipe, nem é de falar muito sobre si. E até finge não se importar com tudo isso... Mas também é pessoa órfã, também foi abandonado, também foi mal criado... Ele hesita admitir, mas João Venci nunca o criou da forma que deveria. Todo histórico de vida dele o levou a não se permitir ser, entende? Mas unicamente contigo ele se é.

Engoli em seco mais uma vez, dessa vez porque também nunca tinha parado para pensar no tanto que eu estava significando na vida de Gabren naquele momento.

– Estou completamente chocada em 2018. Na boa, eu jurava aqui nas minhas paranóias que vocês já tinham tido alguma coisa.

– Deveras está equivocada, sou a última pessoa com quem deve se preocupar. Gabren e eu nunca seremos nada além de confidentes.

– Aí que ótimo! – soltei sem o menor pudor. – Mas assim, de verdade, Liana, vejo que você sente falta de ter família e acredito que um dia terá essa oportunidade... Tu nem é tão

chata assim para acabar sozinha nesse mundo. – Ela soltou um riso tímido e eu continuei. – Prometo que vou manejar na minha capacidade de considerar sua dor menor que a minha. Aliás, acho que compartilhamos uma dor bem parecida e também sei que apenas você pode medir o tamanho do próprio sofrimento... e por mais insuportável que você seja, é uma boa pessoa.

– Você consegue ser cruel na mesma proporção que consegue ser gentil.

– Ei! Eu sou gentil na maior parte do tempo! E foi mal ter sido tão grossa com você esse tempo todo... é que talvez eu tenha ficado com um pouquinho de ciúmes e não tenha sabido lidar com isso.

– Gabren disse que faríamos isso juntos, mas ele tá lá e eu tô aqui sem informação nenhuma. Então minha cabeça tá a mil e pode parecer muito cedo pra isso, mas eu meio que já sinto falta dele. – Agora eu lamentava. – Tanta falta, mano...

– Também sinto sua falta. – a voz grave de quem entrou pela porta era impossível não reconhecer.

Meus pés correram até ele muito antes de mim e meus braços o abraçaram antecipando o desejo de todo meu corpo.

Ele também me envolveu e deixou um beijo no topo da minha cabeça, mas de alguma forma eu conseguia enxergar no desenho de seu corpo que tinha algo de errado com ele. Talvez com nós dois.

– Liana, poderia nos deixar a sós? – perguntou baixo, em um tom educado e logo ouvi a garota sair pela porta.

– O que está acontecendo? – Me afastei um pouco dele para poder focar no que realmente deveria ser discutido.

– Preciso de sua ajuda para pensar em uma forma de você não ser levada a julgamento. Acredito que duas mentes pensam melhor que uma.

– E qual é a palavrinha mágica? – brinquei, mas ele não pareceu entender.

– Palavrinha mágica?

– Sim! – Soltei um riso. – Por fa... – deixei pra que ele completasse.

– Quer que eu te peça por favor para que você me ajude a te ajudar a não ser deportada? – Também riu.

– Óbvio. Você não vai achar outra Mariana como essa aqui em nenhum outro lugar no mundo. Quer que eu te ajude a me ajudar a não me deportarem? Peça por favor e me dá um beijo, porque já estou ridiculamente com saudades.

Gabren me abraçou e deixou um beijo em meu pescoço, para falar baixinho no pé do meu ouvido. – Por favor... me ajuda a te fazer ficar.

E fui eu quem tomei a iniciativa de um beijo que era necessário, mas foi ele quem tornou uma chama aquilo que antes era só uma faísca.

Me sentia estranhamente segura para ir a qualquer lugar que ele quisesse me conduzir

naquele momento e isso era assustador. Era muito como pular de paraquedas. Confiava nele o suficiente para saber que o paraquedas iria abrir quando eu precisasse, mas ninguém podia me garantir um pouso realmente seguro.

Por isso queria criar laços com Gabren. Ser para ele muito mais do que sempre fui para qual-quer outro. Queria ser legítima como a lei dramiana explicitamente dizia. Eu queria ser dramiana... Queria viver em uma outra realidade onde isso fosse simplesmente possível.

Se eu ao menos pudesse viver como Eduarda... Sem ter que pensar nas coisas que o passado dela guardava, claro.

Uma ideia me atingiu como um flash. E eu recuei de um beijo que me remeteu uma reflexão um tanto esclarecedora.

– Gabren! – exclamei por estar completamente ansiosa para expor o que tinha me vindo a mente. – O que exatamente diz aquela lei sobre assumir o trono? Negócio sobre laços e sei lá mais o que.

Ele meio sem entender, praticamente recitou o trecho da lei. – “A linhagem se perpetua quando tornam-se majestade, em laços deverão se unir, para que haja sempre dois. Legítimo sangue deverá correr em suas veias, para que Dramian seja eternizada em sua história.”

– É isso! – exclamei novamente me afobando mais ainda. – Tipo, não fala nada sobre casamento. Fala sobre laços!

– Deveras que sim. Mas ainda não consegui entender de que forma isso ajudaria.

– A Duda! Vocês são irmãos, isso é um laço de alguma forma! E ambos têm sangue legítimo... e seriam dois no poder! – Gabren parecia se esforçar para digerir o que eu dizia. – Entende que Eduarda pode te tornar Rei?

– Entendo. Esta brecha na lei deveras parece uma boa opção. No entanto, Eduarda se tornaria Rainha e eu não sei se é seguro configurar a ela tamanha responsabilidade.

– Eu sei que é de um reino que estamos falando, e sei que a Duda não tá preparada nem pra descobrir a verdade sobre a vida dela. Duvido muito que saberá lidar com o fato de ter que se tornar uma Rainha. – Tentei organizar bem meus pensamentos antes de continuar. – Mas... ela não precisa governar, sabe? Seria tipo como uma manobra. Acredito que como Rei você terá muito mais poder do que tem agora, não só pra tentar mudar o rumo da nossa história, porque você estudou muito para ser o Rei de Dramian e você vai poder provar pra todo mundo que não precisa de uma rainha para isso.

– Talvez você esteja certa, mas lhe ver falando assim me faz discordar completamente. Você é minha rainha e eu preciso de você. E acataria sua ideia sem pestanejar, no entanto, tenho minhas razões para não confiar em Eduarda.

– E que razões são essas? Posso saber?

– Foi ela quem vos delatou. – Desviou o olhar do meu, talvez por não querer ver minha reação.

– Foi através dela que eu soube de vocês e, não satisfeita, após este mês que se passou

retornou contato, desta vez recorreu ao Conselho.

– Como assim? – Estava bem preocupada por saber daquilo, mesmo assim precisava entender melhor o que estava acontecendo.

– Pouco depois que você chegou, Eduarda entrou em contato pelo telefone do castelo, exigiu falar diretamente comigo e revelou a mim todos os detalhes do esquema de vocês. Eu disse a ela que tentaria resolver a situação. Não sei quais eram as expectativas dela ao fazer isso, mas acredito que não foram supridas, pois de alguma forma ela conseguiu entrar em contato com o Conselho e disse-lhes a verdade. Por isso estamos aonde estamos.

– Merda! – praguejei.

– É compreensível que isso lhe descontente.

– Gabren, você não tá entendendo! A Duda ter feito isso significa que algo deu muito errado pra ela. – Pesei a respiração por pura frustração. – A gente tinha combinado que se algo desse errado para qualquer uma das duas, contaríamos toda a verdade... Aff! Não posso acreditar que o Jhony tenha feito cagada com ela!

– Jhony?

– Sim! O namorado dela... o cara com quem ela fugiu pra um intercâmbio... Mas isso não vem ao caso agora, porque tudo o que você precisa entender é que a Duda é confiável e que ela pode te tornar Rei e que como Rei você... não sei direito o que você faria, mas tenho certeza que você sabe!

– Como Rei eu evocaria a antiga Lei do Refúgio, dessa forma, futuramente você e muitas outras pessoas ao redor do mundo poderiam se tornar legitimamente dramianos.

Sorriu daquele jeito. Do melhor jeito possível. E naquele sorriso eu soube que ele confiava tanto em mim que ia mesmo seguir com a minha sugestão.

Liana se juntou a nós um pouco depois e passamos o resto do dia nos aprofundando na minha ideia. Eles tentaram me explicar bem basicamente como poderíamos nos virar com toda aquela parte teórica de legislação. Só que não era nada simples, o conselho poderia vetar, por isso estudamos todos os cenários possíveis e preparamos alternativas caso o plano inicial desse errado.

Uma das alternativas era ameaçar levar o caso a público evidenciando a brecha na lei, pois de acordo com Gabren, os representantes sempre faziam o possível para encerrar um caso sem ter que abrir um plebiscito. Afinal, apenas o povo poderia reverter uma sentença constituída por um plebiscito, inclusive era por isso que a tal daquela lei absoluta estava vigente há tanto tempo.

Gabren como príncipe não podia mudar nada, pois naquela política, somente a figura do Rei tinha plenos poderes para reabrir um caso e levá-lo novamente a público. Então era bom para os representantes evitar plebiscitos.

Mais cedo Liana tinha ido à biblioteca e trazido uma penca de livros que julgou serem necessários. Leu alguns deles conosco, mas já passava da meia noite quando decidiu dormir e nos deixou sozinhos. Juntos, continuamos nos afogando nas leis dramianas, devorávamos um livro atrás do outro, planejando mil estratégias.

Era bom me sentir parte daquilo e finalmente enxergar uma luz no fim do túnel. Era bom estar fazendo uma coisa que parecia ser realmente grandiosa. E era bom ser com o Gabren, porque era incrivelmente bom olhar de soslaio e enxergar nele um Rei. O Rei que toda vez que me olhava, fazia eu me sentir Rainha.

Não sabia mais que horas eram, com certeza já passava das duas da madrugada. Eu estava morrendo de sono, a adrenalina não tinha sido capaz de roubar meu sono. Gabren também estava bem cansado, bocejava toda hora e ficava esfregando o rosto. Tomamos café, mas não fez efeito nenhum. O dia tinha sido realmente longo e meu cérebro não estava mais disposto a absorver nenhuma informação já fazia um tempo.

Nós dois estávamos sentados no sofá. Eu sentada de lado e ele de frente, meus pés estavam apoiados nas pernas dele, que estava com um livro nas mãos, lendo baixinho o capítulo de um livro – já embaralhando algumas palavras. – Eu cochilei algumas vezes, mas estava acordada na hora que Gabren deixou o livro de lado, se virou de frente pra mim e me encarou com os olhos caídos de cansaço. Logo depois deu um sorriso preguiçoso que parecia agradecer por eu ainda estar ali e continuou só me encarando.

Meu peito esquentou de um jeito tão único que eu não quis nem tentar entender como ele conseguia despertar uma sensação tão forte apenas com um olhar, e de alguma forma aquilo me encorajou a chegar mais perto dele, que só tirou os olhos de mim após eu o abraçar com pernas e braços, apoiar minha cabeça em seu ombro e deixar um breve beijo em seu pescoço.

Senti quando ele suspirou e parecia poesia a forma que sua mão acariciava meu cabelo. Nossos corpos nunca tinham conversado tanto quanto naquele momento. Talvez por isso a ausência de palavras – elas não eram necessárias.

Talvez se não estivéssemos tão cansados, se o cenário não fosse a sala da casa da Liana, se o tempo estivesse a nosso favor... talvez nossos corpos teriam conversado de várias outras formas. Mas, ainda naquele abraço, nos deitamos. E em algum momento depois daquilo, simplesmente dormimos.

Capítulo 10



Tempestade

Dramí, 04 de março 2018 às 07h34min – Eduarda Douge

Foi minha primeira noite naquele lugar e eu tinha sido acordada por um temporal daqueles que parecia massacrar Dramian. Fazia uma hora que eu tinha começado a tentar ler um livro qualquer que peguei no livreiro, mas além de estar escuro – porque a energia do castelo tinha caído – parecia que tinham esquecido da minha existência... e o ruído que o vento fazia na janela me assustava bastante.

Talvez por isso quando Kayke entrou pela porta eu corri e o abracei com uma força desnecessária de quem buscava conforto. Relaxei bastante quando ele retribuiu o abraço. Por um instante até acreditei que o temporal tinha acabado.

– Está tudo bem com você? – Afastou o abraço apoiando as mãos em meus ombros.

Enquanto eu respondia a pergunta dele apenas concordando com a cabeça, notei uma preocupação excessiva que só foi possível reparar quando ele meio que relaxou depois que viu que eu tava realmente bem.

– Ótimo! Eu deveria ter chegado às sete, mas algumas árvores caíram pelas ruas, foi deveras complicado transitar perante a esta tempestade... – se explicava apressado. – Por favor, não me delate ao Rei João Venci, não posso perder este estágio, tem muita coisa em jogo.

Só então reparei que ele tava bem ofegante e encharcado pela chuva. Tinha até molhado um pouco minha roupa. Deu um pouco de pena dele.

– Cara, fica tranquilo... eu lembro de ter te visto chegar às seis e cinquenta e nove. Quem disser o contrário está delirando.

Ele soltou um suspiro pesadíssimo, super aliviado. – Estou muito grato a ti de forma que mal sei expressar.

– Tá de boas...

Eu tentei quebrar o gelo que ficou, por isso busquei em um dos armários uma toalha. Meio óbvio que não adiantaria muito na situação dele, mas já era alguma coisa.

Kayke tentava se secar com a toalha e eu lá, secando o cara totalmente com o olhar. Quem me dera ter um celular para poder desviar minha atenção... talvez assim eu ficasse menos bobona descontrolada que não sabia se portar perto de um cara gato. Mas como eu não sabia parar de olhar pro cara, já até antecipava o momento em que ele me flagraria “contemplando” e soltaria alguma piada sobre isso.

Mas ele estava meio que perdido demais, completamente longe dali. Se secava de um jeito total automático.

– Moço...? – Mas ele nem me ouviu. – Kayke? – falei um pouco mais alto e finalmente

obtive atenção. – Está tudo bem com você?

– Não muito. – Repuxou um dos cantos dos lábios. – Entretanto, encontrarei um meio de fazer com que fique tudo bem.

Pensei em perguntar a razão, mas achei que era o óbvio – o cara tava por um fio no job dele, todo encharcado de chuva e na companhia de alguém que provavelmente ele não queria estar.

– Você trouxe outra roupa? – perguntei pra puxar assunto, mas ele só negou com a cabeça. – Então eu posso te emprestar alguma minha.

Ele riu, um riso muito do frouxo, mas já tinha valido só por ter feito sumir a cara de enterro que tava antes.

– Eu tô falando sério...

– Duvido que tenhas alguma roupa que sirva em mim.

– Pra sua sorte, eu tenho sim roupas que cabem em você. Claro que não tem nada a ver com essa roupa que tu tá usando agora, mas é o que tá tendo... a menos que você seja super íntimo de qualquer outra pessoa que more aqui e possa te emprestar alguma roupa. O que não dá é tu passar o dia comigo com essas roupas molhadas.

– E quem é que a contou que irei passar o dia contigo?

– Já aceitei que você é meu babá... ou tem algum outro motivo para você aparecer no meu quarto/prisão à essa hora de manhã?

– Eu não me definiria como babá, mas não há outro motivo.

– Então vai aceitar minhas roupas ou não?

– Não acredito que eu tenha outra alternativa, uma vez que não me dou bem com o outro morador desta casa para quem poderia pedir roupas emprestadas. Quis saber mais sobre essa treta, mas me segurei pra não encher o cara de perguntas que ele provavelmente não estava nem um pouco a fim de responder.

Fui até minha mala e com muita dor no coração peguei duas peças as quais eu era super apegada, mas que provavelmente eram as únicas que caberiam nele. Aquela t-shirt do Guns n' Roses que eu tinha malocado do meu ex e a calça de moletom que eu também tinha malocado do mesmo babaca.

– Devem servir. – Entreguei ao Kayke sem dar mais explicações e ele também não me cobrou nenhuma naquele momento.

Quando ele foi pro banheiro, eu praticamente me joguei na cama total nervosa porque talvez eu não estivesse nem um pouco pronta para ver aquelas roupas em outro alguém. Eu ainda não tinha superado o ex, obviamente que não. Aquelas roupas deixavam claro o tamanho do meu apego, então eu tava meio que arrependida de não ter dado a ele quaisquer outras peças de roupa que não fossem aquelas.

– O que significava “*guins ene rôzes*”?

Essa pergunta me fez sair da dor de cotovelo direto para uma crise risos, nem levantei

da cama ou olhei para ele, só ri, porque sei lá, o jeito que ele falava Guns n' Roses era diferente.

– O que é tão engraçado?

– Fala de novo! Por favor! – Contive os risos e me sentei na cama esperando realmente que ele falasse.

Ele era mais alto que o ex, então o moletom tinha ficado meio curto, mas a camisa tava ok e eu me surpreendi por estar pensando nisso, invés de ter ficado total na bad.

– Trata-se de alguma bufonaria, de certo... – Não conseguia disfarçar que tava super sem graça com a situação.

– Bufona... quem?

– Usou desta veste para ser zombeteira comigo...

– Ah! É tipo como dizer que tô zoando com você, né? – Ele não concordou, nem discordou. – Não é pelo que está escrito e sim pela forma que você falou. Tá escrito “arma e rosas” só que em inglês e se pronuncia Guns n' Roses... é uma banda bem famosa no resto do mundo...

– Desconheço tal banda. Mas esta situação só evidencia minha forte necessidade de aprender outro idioma, visto que só falo português, espanhol, mandarim e italiano...

– Só? Pior eu que falo português e sou extremamente fluente em falar palavrão em espanhol.

– Orgulhe-se de seus feitos. Por mais irrelevantes que eles pareçam ser, nunca se sabe quando precisará xingar alguém em espanhol.

– Po... nem fala. Usei uma vez e foi uma ótima experiência. – Me entreguei novamente a cama quando deitei. – Eu tô com fome... tem alguma ideia de quando vão trazer o café?

– Nenhuma. Mas posso procurar me informar.

– Não precisa, deve ter algo a ver com o temporal.

Ele não respondeu e eu tava pensando no quanto tava estranha aquela situação. Nós dois sozinhos num quarto, ele com a roupa do meu ex, um temporal lá fora e a única coisa que eu sabia a respeito dele era que era um poliglota, mas não parecia conhecer nem o básico de inglês.

– Tem alguma outra coisa na qual posso te ajudar? – Pela distância do seu tom de voz, ele permanecia no mesmo lugar de antes, parado na porta do banheiro.

– Tu não acha estranho? – falei, mas não esperei que ele me respondesse. – Você poderia ser um louco e o ‘Rei’tardado te coloca de meu babá. Você vai passar um dia inteirinho preso comigo neste quarto... é muita irresponsabilidade.

– Na verdade, apenas guardarei a porta e deverei ficar a sua disposição em caso de alguma necessidade extrema... Perdão se minha presença nesse recinto te causou desconforto. De forma alguma ficaria aqui contra sua vontade... Devo me retirar, certamente.

Me sentei na cama novamente e bem a tempo de ver que ele ia em direção a porta totalmente envergonhado.

– Não precisa sair. Me expressei mal... Não é que ter você aqui me incomode. É só que eu tava sem assunto e não queria que ficássemos quietos. O som do temporal me incomoda demais e eu só queria... ah! Sei lá.

– Compreendo, em partes. Mas de qualquer forma, o que disse lembrou-me das minhas verdadeiras obrigações para contigo. E a menos que tenha alguma coisa na qual eu possa te ajudar, não é correto que eu fique no mesmo recinto que você.

– Mas eu preciso da sua ajuda com isso do temporal.

– De que forma eu poderia ajudá-la, visto que não tenho o mínimo poder para alterar um fenômeno da natureza?

– Pode me ajudar... é... não sei... me distraindo de alguma forma?

– Alguma forma em mente?

Meu cérebro imediatamente digeriu aquela pergunta adicionando uma dose pesadíssima de duplo sentido. Mas eu tentei ser o mais racional possível quando pensei em uma alternativa mil vezes mais coerente para aquele momento.

– A gente pode... jogar UNO!

Kayke parecia total sem entender e eu tratei de explicar bem superficialmente que UNO era um jogo de cartas no qual eu era tão viciada que andava com a mistura dos meus três baralhos para tudo o que era lugar.

– Nunca ouvi a respeito, entretanto a forma com que falou sobre me deixou deveras curioso para jogar.

– Então vamos jogar!

Peguei o baralho na minha mala de mão e tentei explicar a ele as regras do jeito que eu sabia. Nos sentamos no chão do quarto, distribuí as cartas e começamos a jogar. A energia do castelo voltou pouco depois da primeira partida – que tinha sido feita a luz de velas. – Ganhei as primeiras partidas obviamente, mas aos poucos ele foi pegando o jeito, e ganhou de mim algumas vezes.

Conversamos bastante durante aquele jogo. Os assuntos fluíam, mal paramos para comer quando a comida chegou. Passamos o dia jogando UNO e conversando.

E aqui vão alguns fatos sobre ele: filho único de pais casados e estáveis. O pai era representante do reino, a avó também havia sido e o destino era que ele também fosse. Tava no último ano da escola, e já teria se formado se fosse bom aluno, mas era total o tipo de filho que não correspondia as expectativas dos pais. Queria ser alguma coisa, mas não era coisa alguma, porque era coisa demais e eu me identifiquei demais com esse último fato sobre ele.

– ...UNO! – Kayke interrompeu o assunto quando gritou, mas depois continuou. – Não é que eu não queira ser um Representante do Reino...

Eu troquei a cor do jogo para amarelo e por sorte não era a carta que ele tinha em mãos,

mas ele comprou uma carta amarela e jogou. Como eu estava atenta, vi que ele não chamou UNO, então o desafiei. Depois que ele comprou duas cartas, retomou o assunto.

– Apenas não me encontrei nesta realidade e assusta-me a possibilidade de que eu nunca me encontre.

– Tenho essa mesma sensação, sabe? – Comprei na rodada e não era uma carta com a cor do jogo. – Parece que não vou me encontrar em nada. Nunca soube ao certo o que fazer da vida.

O assunto travou quando ele comprou e jogou um +4, gritando UNO.

– Como pode ser tão frio? Não tem pena de mim? – dramatizei.

– Pena nenhuma. Três jogos atrás, se lembro-me bem, fez-me comprar 12 cartas!

– A vingança nunca é plena, mata a alma e envenena...

Kayke deu de ombros, jogou sua última carta e ganhou a partida. Estávamos nos organizando para iniciar uma nova partida quando Dona Mercedes bateu à porta – a empregada desde cedo parecia atender somente a nós.

– Com toda licença... Só vim trazer as vestes do Senhor Dalcin que já estão devidamente secas.

Ela estava com as roupas nas mãos, dobradinhas e aparentemente passadas. Kayke levantou rapidamente, foi até ela, pegou as roupas, agradeceu total educado e eu também agradei de onde eu estava.

– A senhorita já está faminta? – Respondi a ela que talvez sim, mas que a fome não era urgente e ela continuou. – O jantar será servido logo. Senhor Dalcin ficará para o jantar?

A pergunta pareceu ter pegado o moço de surpresa, mas ele respondeu prontamente. – Na verdade, minha mãe me espera para o jantar.

– Decerto. Mande lembranças minhas à Dona Iméria...

– Certamente.

Mercedes saiu pela porta e Kayke se aproximou de mim meio sem jeito.

– Não precisa me olhar com essa cara. Ninguém vai exigir que você passe 24 horas comigo.

Então, sim, eu vou ficar bem jantando sozinha e sim, pode usar o banheiro para se trocar.

– Grato pela compreensão. Prometo que volto amanhã às sete, e jogaremos UNO até não poder mais...

– Tenho uma ideia melhor. Por que você não traz um jogo comum aqui de Dramian?

Pois foi o que ele fez. No dia seguinte, o estagiário apareceu no meu quarto com o jogo das três ilhas. No jogo, cada um escolhia uma das ilhas dramianas e aos poucos construíamos nosso próprio império, ganhava quem conseguia prosperar mais.

Escolhi a Ilha Santoré e provei, até para mim, que era uma ótima administradora, pois ganhei o jogo.

Por fim, tínhamos passado a manhã inteira focados naquele jogo e quando acabamos ficamos meio sem rumo. Nem sei em que momento achei que estávamos no nível de intimidade adequado pra eu usar a perna dele de travesseiro.

Mas eu precisava deitar em algum lugar porque minha coluna estava doendo de ficar sentada no chão jogando e sem nenhum lugar para apoiar as costas.

Ele também nem reclamou da minha atitude, fez total oposto, ficou em silêncio. E eu me senti estranha porque nem tinha o que dizer, por isso sustentei aquele silêncio estranho o quanto pude, mas quando eu pensei em dizer alguma coisa, Kayke disse antes.

– Definitivamente você não me deve explicações, mas na falta de assunto mais adequado, parte de mim insiste em querer saber a quem pertenciam as vestes que me emprestou ontem.

– Só te conto se me contar sua treta com o outro morador daqui.

– Treta?

– É! Você disse que não se dava bem com o outro morador daqui e eu não perguntei o que aconteceu antes porque achei que não fosse da minha conta. Mas já que tu tá interessado em algo da minha vida que claramente não é da tua conta, acho justo você me contar.

– Ah, isso... Decerto! Não há muito o que revelar a respeito. Mas se quer saber, eu e o Príncipe Gabren crescemos juntos, ele era como um irmão mais velho, mas desde que assumiu o trono, tornou-se outro, um rapaz completamente solitário, nunca mais deu espaço a nossa amizade, principalmente depois que me envolvi com a pessoa por quem ele se interessava.

– Sabia que a treta era pesada! Conta mais sobre. Você roubou a garota dele?

– Não! Melissa estagiou um tempo aqui no castelo em seu primeiro ano do colegial, então ela convivia bastante com o príncipe, mas eles eram apenas amigos. Só que neste mesmo período, estávamos na mesma turma de geografia, e calhou de fazermos alguns projetos juntos.

“Difícilmente Melissa fazia alguma coisa sem a presença ilustre de sua irmã gêmea Jordana. No castelo, por exemplo, as duas estagiavam juntas. Por isso o príncipe talvez nunca tenha tido a mesma oportunidade que eu de se envolver tanto somente com ela... Durante os trabalhos de geografia, nos apaixonamos perdidamente e começamos a namorar, da forma que exige o costume. Entretanto, o príncipe se afastou ainda mais de mim quando soube do meu relacionamento. Aparentemente, ele era apaixonado por Melissa... mas como saberia eu se ele nunca havia me contado a respeito?”

– Que merda em... mas você e a tal Melissa ainda estão juntos pelo menos?

Só pra saber se é seguro flertar com você.

– Não. Terminamos há algum tempo.

Pela cara de enterro dele parecia ser bem recente e parecia que no fim da história a menina tinha fugido com o príncipe.

– Ai, não me diga que ela tá com o príncipe agora!

– Deveras que não! Achei que soubesse que o príncipe está completamente apaixonado pela sua amiga.

– Caô! Ele tá apaixonado pela Mariana? – Tava total chocada. – É recíproco?

– Acredito que sim. Devia tê-los visto no Baile de Dramí...

Okay. Por essa eu não esperava nem um pouco. Tava até meio difícil cair a ficha que eu estava ali para acabar com um provável conto de fadas que minha melhor amiga estava vivendo. Ah! Que beleza em, Eduarda! Parabéns pela coragem, porque noção você não tem nenhuma.

Fugi total dessa história da Mariana com o Príncipe, não queria ficar mal de novo. Por incrível que pareça, o tempo que eu tinha passado com Kayke tava me fazendo muito bem, não podia deixar isso escapar.

– Mas vamos focar em você! Ainda gosta dessa Melissa? Alguma chance de voltarem?

– Eu a amei muito. Não sei o quanto desse amor ainda resta, mas não há esperança de voltarmos a ter alguma coisa.

– Mas por que não? Ela te traiu ou algo assim?

– Não. Ela foi uma namorada incrível.

– Então por que terminaram? Sei que deve ser chatão eu ficar perguntando, mas agora quero saber.

– Não queríamos as mesmas coisas... – Suspirou. – e lidamos da pior forma possível com o fato de haver uma possibilidade dela ter engravidado. Tivemos nossa primeira briga porque eu acreditava que devíamos nos casar e criar nosso suposto filho, enquanto ela queria dar mais tempo a nossa relação e... não se sentia pronta para ser mãe, disse que abriria mão de seus direitos. Nosso relacionamento chegou ao fim porque eu disse que trocaria nossa relação pelo bebê. E no fim das contas, nem tinha bebê. Mas serviu para vermos que não queríamos a mesma coisa.

– Eita!

– É. Eu sei que agora você deve estar me considerando um calhorda. Somos deveras jovens, assumir uma família seria tamanha responsabilidade, eu não podia exigir dela as minhas vontades.

– Não posso nem julgar direito, não sei como é a cultura aqui com essas coisas. Mas sei lá, se você ainda gosta dela, por que não lutou pelo que sente?

– Porque ela pareceu ter seguido com a vida rápido demais. Aquilo me inibiu de insistir nesse relacionamento. Ademais eu estraguei tudo no Baile de Dramí. Corria um rumor de que ela estava se encontrando com um colega de classe... então no Baile eu estava parcamente alcoolizado, e foi suficiente para tomar coragem de fazer a coisa errada.

Ele contou do fora que tinha levado da Mariana no Baile de Dramí quando tentava colocar ciúmes na tal da Melissa. Contou que depois daquilo nunca mais se encontraram.

Aí em algum momento engatamos na minha história com meu ex. Sobre o jeito estranho com o que tudo acabou... e sobre o quanto me senti abandonada no altar, mesmo tendo sido abandonada em um aeroporto. Conteí que as roupas daquele babaca eram a última lembrança boa que eu suportava que existisse.

Terminei chorando, porque se não teria algo de errado e ele me amparou total limpando minhas lágrimas daquele jeitinho ideal. Mas o auge aconteceu quando a gente ficou se encarando um tempão enquanto passavam mil coisas pela minha cabeça... e eu optei por obedecer a mais louca das possibilidades.

Sentei ao lado dele e fiz o que há muito eu tentava me impedir de fazer. Beijeí seu pescoço, depois seu rosto e, por fim, sua boca. Talvez por pura carência, mas naquele momento, tudo parecia indicar que aquilo deveria ser feito. Principalmente pela forma que ele correspondeu.

...

Minha impulsividade sempre fez as pessoas fugirem de mim. Isso de querer viver cem por cento, me entregar cem por cento, estar cem por cento. O medo de nunca querer perder nada, ou de deixar passar alguma coisa. O medo de passar o resto da vida me questionando a respeito das coisas que eu deveria ter experimentado. Mas isso sempre só afastava as pessoas de mim e me afastava cada vez mais de mim também.

Então tipo, eu beijei o Kayke. Ele retribuiu por um tempo, mas logo pareceu ter se tocado a respeito do que tinha acontecido e simplesmente foi embora. Como um cachorrinho assustado. Total sem saber o que fazer.

Não o julgo por isso. Sério. Eu também fugiria de mim. Por todo histórico de loucura que eu carregava, pelo filme de drama que parecia ser minha vida. Sério mesmo, quem em sã consciência aceitaria dramatizar comigo sabendo que seria apenas mais um clichê dramático? Milhas e milhas distantes de ser um romance com um final feliz.

Então tava tudo bem ele chegar no dia seguinte com a cara mais lavada do mundo me dando bom dia como se nada tivesse acontecido. Tava tudo bem enterrarmos a minha estupidez. Parecia um pouco menos vergonhoso até. Mas aí ele quebrou o silêncio que tinha ficado depois que eu retribuí aquele bom dia esquisito que saiu arrastado da boca dele.

– Eu não sei lidar com súbitos.

– Foi mal. Sério! Eu precisava te beijar. Sei lá, deu vontade. – Decidi deixar isso claro antes que ele continuasse com o que ia dizer.

– Eu compartilhava da mesma vontade. Apenas confesso não estar habituado a tamanha temeridade. Não queria ter me retirado daquela forma, foi de veras um equívoco, mas eu definitivamente não sei lidar com súbitos.

– Eu fui bem babaca te roubando um beijo, né? Devia ter chegado devagar, mandando um “com licença, moço, posso por obséquio beijar a sua boca?”

Ele soltou um meio sorriso, olhou pro chão, depois pra mim. – E eu diria “pode... quando quiser, por gentileza.” Mas aí perderíamos o drama.

E eu sem saber se ele tava brincando, ou se era realmente a hora do bis. Na dúvida, fiquei na minha por não saber se ele sairia correndo de novo.

– Total! Mas assim... tá bom, eu consegui super entender mais ou menos tua explicação, apesar dessas palavras estranhas que eu nunca nem vi, mas tipo não ficou muito claro o principal. Tu gostou ou não gostou? Alguma consideração ou crítica construtiva a respeito? Porque eu acho que foi uma cena muito bem construída, mas estou com um pouco de dúvida na questão do roteiro e do elenco escalado.

Kayke chegou bem perto de mim e eu fiquei bem nervosa, tentando não criar nenhuma expectativa, mas ao mesmo tempo criando várias.

– Em minha humilde opinião, os protagonistas foram incríveis. Um destaque especial para a atriz principal. – piscou pra mim. – Quanto ao roteiro, não sei ao certo, acredito que aquela fuga do rapaz no final não fez jus ao resto da cena. Acredito que seria melhor se, de repente, tentássemos um outro final.

– O que sugere? – minha voz quase que não sai.

Ele simplesmente me imprensou contra a parede enquanto seu olhar parecia devorar o meu. Me beijou suave, breve, até que engatamos em um beijo que me tirou de órbita. Que me fez querer sair do chão. E eu saí do chão quando me lancei em seu colo e fui amparada por ele.

Não pensei muito a partir dali. Não é segredo que não gosto de viver as coisas pela metade. Então me deixei ser conduzida. Fui até onde ele quis me levar e não importava se estávamos indo longe demais rápido demais. Eu só queria ir.

Terminamos como as roupas jogadas pelo quarto, meio que extasiados na cama, ambos parecíamos tentar entender algo que era claramente mais forte do que a gente. E não tinha muito senti- mentalismo envolvido. Tudo tinha sido tão puramente carnal que meu corpo extremamente satisfeito estava total em conflito com meu lado emocional que simplesmente não conseguia entender.

Ele era apenas o segundo. O primeiro sem nenhum motivo especial. Eu tinha acabado de conhecer o casual e aquilo era completamente estranho para mim. A pior parte era o fato de que depois de tudo ele ainda não tinha falado nada.

– Não tá pensando em fugir agora, está? – perguntei sem olhar pra ele.

– Na melhor cena do nosso filme? – Me beijou sem pressa. – Acho melhor não...

Tava estampado na cara dele que aquilo era tão novo pra ele quanto era pra mim, mas não tive muito tempo de pensar nisso, porque alguém bateu na porta e por um breve instante a gente se olhou meio que sem saber o que fazer.

– Pergunta quem é. – Kayke sussurrou ríspidamente.

E eu perguntei. A resposta logo veio: Príncipe Gabren. Kayke me olhou meio que sem entender e eu me apressei em falar alguma coisa pro cara na porta.

– Espera só um pouco, estou me trocando.

Aí foi aquela correria, Kayke catando as roupas pelo quarto, correndo para o banheiro, eu vestindo a primeira roupa que vi pela frente e por fim, abrindo a porta do quarto tentando fingir que nada havia acontecido.

Capítulo 11



Coroa de Vidro

Dramí, 05 de março 2018 às 14h11min – Príncipe Gabren

Hesitei até o último momento estar ali. Apesar de ter passado a noite inteira amadurecendo a ideia sugerida pela Mariana, ainda me recusava acreditar que era a única alternativa possível. Meu orgulho ainda me impedia de aceitar a ideia de que seria Eduarda quem tomar-me-ia rei.

Quando bati à porta daquele quarto me arrependi imediatamente de estar ali. Sabia que meu avô tê-la hospedado no quarto da minha mãe era uma afronta diretamente a mim, então detestei pela milésima vez ter de ser eu a ter aquela prosa.

– Quem é? – Eduarda perguntou após um tempo.

Não sei por qual razão pareceu tão constrangedor dizer quem eu era.

– É o Príncipe Gabren. Preciso... ter uma conversa contigo.

– Espera só um pouco, estou me trocando. – Foi o que obtive como resposta.

Dava pra ouvir certa movimentação naquele quarto – o que pouco parecia comum para quem estava sozinha.

Assustou-me a forma abrupta com a qual ela abriu aquela porta. Assustou-me ainda mais o quanto Eduarda era efetivamente parecida com meu pai. Os mesmos olhos gigantes e castanhos e aquela pinta no meio da bochecha.

– Você pode esperar, tipo, uns dez minutinhos? – mantinha um sorriso amarelo no rosto.

– Não precisa ter pressa. Aguardarei aqui no corredor.

De fato Eduarda seguiu o que eu disse e não teve pressa. Tornou a aparecer bastante tempo depois. Então rapidamente a direcionei até o píer do Castelo na esperança de que fosse um lugar seguro para conversarmos. Quando lá chegamos, sentamo-nos à beira do cais e comecei a conduzir aquela conversa. Sem muitos rodeios revelei sua história, e por consequente, nosso grau de parentesco.

Diferentemente de Mariana ela não era nada curiosa. Ouviu tudo o que eu falei como se fosse completamente indiferente. Efetivamente duvidava de grande parte das coisas que eu dizia. Era evidente que Eduarda confiava em mim o mesmo tanto que eu confiava nela: absolutamente nada.

Aos poucos ela parecia absorver as coisas que eu dizia e ameaçou se debulhar em lágrimas, por isso eu tentava medir as palavras. Foi labiríntico chegar ao ponto mais importante daquela prosa, pois aos poucos sua postura se tornou um tanto histérica.

– Cara! Como tu quer que eu fique de boas? – sua voz se tornou estridente e notei

quando engoliu o choro. – Tu tá me dizendo então que eu sou sua irmã bastarda? – riu em troça.

– Eu não colocaria desta forma.

– E de que forma colocaria então? – Faltou-me palavras para respondê-la, no entanto ela tornou a falar muito em breve. – Olha, isso que tu tá me contando não tem nada a ver, entendeu? Não sei qual é a tua em querer vir com esse papo pra cima de mim, mas por favor, vamos querer parar!

– Acreditas verdadeiramente que eu perderia meu precioso tempo tentando lhe convencer de uma mentira? – Eduarda assentiu. – Pois está deveras equivocada ao pensar desta forma. Inclusive eu nem estaria aqui, não fosse pela confiança que Mariana parece ter em você.

– Mariana? Como ela está? Onde ela está? – Por um instante pareceu ter dado a devida atenção a algo que eu disse.

– Ela está bem. No entanto, precisamos de sua ajuda com certa urgência. Sei que tudo parece um tanto confuso para você nesse instante, e que tudo o que eu disse foi muito para absorver em um dia, mas... – tentei ignorar meu orgulho. – Preciso que confie em mim o suficiente para considerar o que pedirei.

– Vai, fala... Estou ouvindo.

– Desde que me entendo por gente este Reino é minha vida. Preparei-me por muito tempo para o momento em que me tornariam Rei. No entanto, a lei é bem clara quando diz que “em laços deverão se unir, para que haja sempre dois” e que “legítimo sangue deverá correr em suas veias.”

– Não entendi muito bem. – Seu rosto era pura indagação.

– Basicamente para que eu me torne Rei preciso necessariamente ter laços com alguém que me legitime. Alguém com sangue dramiano.

– Então você tem que se casar?

– O plano era esse. Porém a mulher por quem me apaixonei não é legítima.

– Aí tu quer que eu me case contigo? – Deduziu com uma expressão um pouco enojada.

– Absolutamente não! – neguei com pressa e respirei profundamente para continuar com o que eu dizia. – Mas quero que me torne Rei.

– Cê tá louco! – disse resoluta. – Uma hora tu diz que somos irmãos e depois diz que quer casar comigo?

– Em momento algum mencionei um casamento. Apenas evidenciei que você pode me tornar Rei. – Apressei as palavras na ânsia de fazer com que ela entendesse. – Temos laços! Laços sanguíneos. Essa proposta é uma brecha na lei.

– Tá, agora eu acho que entendi...

– E acha que pode considerar?

– Eu seria rainha? – Pareceu degustar a ideia. – Teria que governar um reino que eu mal

conheço?

– Seria mais provisoriamente. Você não precisaria governar.

– Então eu seria mais como uma peça do jogo de vocês, que seria descartada assim que vocês vencessem o jogo, né? – Confrontou-me com o olhar. – E tudo isso por quê? Mariana continuaria ilegítima.

– Isto não se trata apenas de Mariana. Claro que ela foi uma motivação a mais, no entanto este Reino está há muito tempo sem um Rei. Eu como Príncipe não tenho direito de mudar muita coisa e considero esta lei de imigração completamente equivocada.

– Se vocês não têm um rei, então quem é aquele senhor que se apresentou pra mim como rei?

– É meu avô... abdicou ao trono faz um tempo. Acredito que ainda não tenha se acostumado com a realidade.

– Então aquele cara é tipo meu avô também?

– Não. – disse simplesmente e tentei explicar a ela nossa árvore genealógica que não fazia mais o menor sentido.

– Então se Dante não é filho do ex-rei e só tem o título porque se casou com a filha do cara, por que então ele não se tornou rei e tua mãe rainha quando se casaram? O casamento não é considerado um laço?

– Meu avô encontrou uma forma de tornar ilegítima a união deles. Limitou-os ao título de principado.

– Mas por quê? – Começou a se mostrar tão curiosa quanto Mariana.

– Porque minha mãe tinha uma doença degenerativa. Então ele usou isso como brecha para ilegitimar aquele casamento, pois era contra a união dela com Dante.

– Mas que cara babaca esse seu avô em, puta que pariu!

Tentei não admitir o que ela disse quando contornei o assunto. – Mas eu preciso que você me diga se você faria o que sugeri?

*Dramí, 05 de março 2018 às 15h43min – **Eduarda Douge***

A resposta estava clara em minha mente: NÃO.

Eu queria fugir daquele labirinto louco que me enfiaram. Eu tava era puta da vida por ter passado esse tempo todo sem saber de nada. Não queria ser princesa, rainha, nem porra nenhuma.

Só queria ser eu. A eu de uns 5 meses atrás. Antes do John contar que faria um intercâmbio, quando a vida estava estável e minha única obrigação era ir para o colégio. Porque eu gostava de ser aquela pessoa que tinha um namorado legal, uma vida legal e amigos legais. E agora eu tinha o que? Nada.

– Olha, preciso de um tempo pra decidir. Não é uma coisa que posso responder tipo agora pra você que eu topo. Porque agora tudo o que eu quero fazer é não ter que pensar nisso.

– Consegue se decidir em no máximo três dias? Nosso tempo é demasiado curto até o julga-mento.

– Acho que sim. – disse sem a menor certeza.

– Apenas peço que em hipótese alguma revele ao meu avô o que foi conversado aqui. Ele não pode saber que você sabe quem é.

Eu concordei com o que o príncipe disse, mas total ciente de que se aquele velho forçasse muito a barra querendo saber, eu abriria a boca sem pensar duas vezes porque tinha medo dele.

• • •

Dos três dias que eu tinha pra decidir, dois já tinham passado e eu continuava tentando não pensar naquela conversa. Kayke quis saber o que o príncipe queria comigo, mas eu desconversei, e fiz dele minha distração. Ainda bem que nosso fogo não nos dava tempo nem pra conversar.

Com Kayke os momentos passavam muito rápido. Eu me sentia completamente à vontade nos braços dele. Sempre que ele ia embora ficava aquela sensação de querer mais, porque eu não precisava pensar no caos da minha vida quando ele estava comigo.

Eu odiava ter que ficar sozinha. Porque aí eu pensava na Nâna. Ficava naquela de que eu tinha que ajudar ela, porque talvez ela realmente gostasse daquele reino e daquele príncipe o suficiente pra querer ficar. Ao mesmo tempo também criava umas teorias da conspiração muito loucas onde pensava que o príncipe poderia estar mantendo ela em cativeiro e estava tentando me dar um golpe.

Aí naquela noite de 07 de março eu acabei decidindo que minha resposta não seria nem que sim, nem que não. Eu precisava conversar com a Nâna. E essa conversa seria o pilar da minha decisão.

Só que recebi uma intimação um pouco mais tarde. Kayke já tinha ido embora fazia tempos, mas brotou do nada na minha porta dizendo que eu teria que conversar com o tal do ex-rei. Também disse não fazer ideia do que se tratava, mas tava estampado na cara dele que temia por mim.

Kayke me deixou na porta do escritório e sumiu. Quando entrei aquele velho asqueroso já me olhou fuzilando e colocou o sorriso psicopata no rosto.

– Que honra tê-la aqui, Eduarda. Sente-se! – Forçou uma simpatia.

Sentei me cagando inteira de medo. Minhas mãos meio que começaram a tremer e eu tentando me controlar e explicar pro meu corpo que não tinha motivo pra isso.

– Soube que conheceu meu neto. – Apoiou os cotovelos na mesa.

– Sim. Ele foi muito gentil me... mostrando o pír. – Tentei manter a postura sem parecer tensa.

– Ele é um cavalheiro! Modéstia à parte, o criei bem! – Riu no melhor estilo pennywise.

– Sim... realmente. – Concordei porque tinha medo de discordar.

– É sobre ele que gostaria que conversássemos, inclusive. – Pigarreou. – Meu neto é deveras astuto. No entanto, tornou-se um bobo apaixonado.

– Nossa, ele está apaixonado, é? – fiz a desentendida. – Que pena um partido desse fora do mercado.

Ri de nervoso. Só lembrava do Príncipe dizendo que em hipótese alguma o ex-rei poderia saber que eu sabia quem eu era.

– Está apaixonado pela Mariana. Achei que soubesse deste fato. – Nos olhos dele eu conseguia enxergar que ele não tinha caído no meu teatro.

– Pela Mariana? Minha amiga Mariana? – Pensei em levar a mão ao peito, mas achei que seria uma atuação exagerada.

– Sim. Sua amiga Mariana. – Sorriu a contragosto. – Lhe chamei aqui também para avisar a você que o julgamento sobre o ocorrido acontecerá amanhã, às 14h.

Mudou de assunto do nada e se levantou com dificuldade, pegou sua bengala e começou a andar pela sala. Eu fiquei em silêncio porque ele me dava medo de verdade.

– É simples o que te peço: deverá revelar a verdade em julgamento. Apenas necessito que exponha seu feito e suas razões perante nossos representantes. Fazendo isso você e sua amiga voltarão para casa em paz, sem escândalos.

– Assim, muito hipoteticamente falando, o que aconteceria se eu não fizesse o que está sugerindo? – perguntei já temendo a resposta.

O sorriso psicopata retornou ao seu rosto e ele disse um tanto ríspido. – Você ousaria contrariar um rei?

– Você não é um rei! – falei por puro impulso e me arrependi imediatamente.

– Está certa! Não sou. – concordou contrariado. – O que mais você sabe?

– Mais nada.

– Mais nada... – repetiu refletindo. – Decerto. Sendo assim, está dispensada.

– O que? Estou dispensada?

Aquele diálogo ficava cada vez mais louco e eu nem quis tentar entender.

– Sim. Pode se retirar.

Levantei mais que depressa e me dirigi a porta. Antes que eu tivesse a oportunidade de abrir ele disse: – Soube que Tajana desapareceu por estes dias? – Riu ironicamente. – Seria uma lástima se mais pessoas comessem a desaparecer de forma tão misteriosa.

– Não estava sabendo... – gaguejei tomada pelo mais puro nervoso.

Parecia prever o que estava por vir, pois meu primeiro instinto foi abrir a porta e correr dali. Mas aquele abrir tinha um comitê me esperando, além de Kayke, me deparei com mais dois homens bem fortes e altos. Kayke murmurou um sintoma muito e essa foi minha última lembrança antes de tudo ficar escuro.

Dramí, 08 de março 2018 às 13h15min – Mariana Silva

Faltava menos de uma hora para o julgamento, eu já estava no castelo e não tínhamos uma resposta da Duda. Eu queria conversar com ela, mas não a encontramos em seu quarto e em nenhum outro canto do castelo.

Aquilo me preocupou, claro. Mas tentei ser otimista e pensar que ia dar tudo certo. Que ela ia brotar lá na hora do julgamento e contar quem era. Aí teria todo um drama envolvido, Gabren apelaria pela brecha na lei, o julgamento seria adiado e eu teria mais tempo.

Estávamos na biblioteca fazia um tempo. Gabren sentado no chão encostado na quina de uma estante e eu deitada com a cabeça apoiada em seu colo. Naquele momento, era bem óbvia a tensão, mas a mão dele que me dedicava um cafuné, apesar de estar bem gelada, era o que me acalmava.

– Estou deveras ansioso.

– Também. É muito ruim ter que depositar todas as nossas esperanças na decisão que a Duda vai tomar. Achei que ela nem pensaria duas vezes quando soubesse que era uma coisa que me ajudaria... – disse em frustração.

– Acredite, ela só começou a se interessar pelo o que eu dizia quando falei de você. Estou bem otimista sobre o que vai acontecer hoje.

De deitada eu levantei o tronco e sentei no colo de Gabren. Com os braços o envolvi e beijei seus lábios brevemente.

– E se nada der certo? – perguntei com receio da resposta.

– Redesenharei nosso futuro quantas vezes for necessário, mas não aceitarei terminar a vida sem você.

O abracei com força, deixando um beijo em seu pescoço.

– Jura que não vai deixar ninguém roubar minha coroa de papel? – Cravei meu olhar no dele.

– Juro. – afirmou com veemência e me beijou se pudor nenhum. Só não esperava a confiança feita após aquele beijo.

– Eu a amo. – sussurrou em um suspiro. Com os olhos completamente atentos a mim.

Gabren parecia querer que eu dissesse o mesmo e eu quis muito dizer. Só que algo ainda me bloqueava... mas mesmo quando achei que minha ausência de palavras tinha quebrado total o clima, ele continuou.

– Toda vez que eu olho pra você recordo-me que quase nunca ia à praia,... – pareceu completamente introspectivo. – Nem tinha o menor interesse em uma vida fora das dependências do castelo e passava minhas horas na biblioteca buscando formas de me aprimorar em minhas funções como príncipe...

“Não lembro mais como era ser só um príncipe. Você me fez sentir mais em casa do que eu jamais me senti. A biblioteca se tornou um lugar nosso. Você me salvou de um destino vazio e deu sentido as canções de amor que eu ouvia. E eu que nem ia à praia, hoje me

vejo oceano.”

Não consegui responder com palavras, então beijei seus lábios e mergulhei novamente em seu abraço... e aquele contato era muito mais do que qualquer coisa que eu pudesse dizer. Porque eu não tinha receio de tocar, nem me esforçava para isso, agia tão naturalmente com ele que nem conseguia lembrar que sempre fui muito cautelosa na hora de entrar em contato com alguém. Abraços, beijos e qualquer outra demonstração de afeto, eram sempre estranhadas por meu corpo, mas eu tinha necessidade de ser afetuosa com Gabren.

– Agora vamos... o julgamento deve começar logo. – ele constatou.

– Vamos sim. Mas fique sabendo que eu sinto tudo na mesma intensidade, só não consigo definir em palavras da mesma forma que você.

Um sorriso daqueles que eu mais amava decorou seu rosto.

– Não se preocupe. Posso ler em cada pedaço de você mais poesia do que eu jamais conseguiria falar.

...

Eu confesso que ainda tinha esperanças. Mas os minutos passaram e quanto mais o relógio se aproximava das 14h menos esperança me restava.

Aí o julgamento começou e a Duda apareceu, nunca irei esquecer daquela expressão em seu rosto, como se a tivessem roubado a vida. Não olhou para mim em momento algum, e saiu total do meu roteiro de expectativas quando em seu depoimento se limitou a contar os detalhes da nossa troca de identidades. Foi embora assim que terminou de depor... e foi isso.

Os representantes foram realmente duros quando me expuseram para o conselho. A culpa recaiu completamente sobre mim depois que Duda saiu, não tive a menor chance de defesa.

Gabren interrompeu a sessão duas vezes e foi expulso de lá. As coisas aconteciam tão rápido que as lembranças pareciam vultos que iam e vinham e se embaralhavam. Tanto que demorou uma eternidade, mas acabou rápido.

A sentença logo veio: Deportação imediata.

Não tive chance de ter contato com o Gabren mais uma vez. Após a sentença me levaram as pressas para o aeroporto. Praticamente me jogaram em um voo qualquer que eu nem sabia ao certo se tinha destino ao Rio.

Ninguém me respondia quando eu perguntava o que estava acontecendo. Isso deixava claro que eu tava bem na merda, mas estranhamente eu não estava com medo. Lutei minha vida toda para sobreviver ao caos que sempre foi pra mim simplesmente viver.

A poltrona do avião foi finalmente sinônimo de conforme depois de toda aquela bagunça. Mas bastou olhar para o lado e me deparar com Eduarda completamente apagada, para que todo o desespero recomeçasse. E se a minha coroa era de papel, a dela era de vidro e parecia quebrada. Eu quem teria que ajudar ela juntar os cacos depois de

tudo?

Aquela parecia ser só mais uma das minhas sentenças, não ia aceitar tão fácil estar condenada.

Precisei de muita gente para me ajudar na construção do meu reino. Sei que ainda tem muito território que não foi povoado e que este pode não ser nem o começo do que poderá se tornar meu reinado. Mas já valeu por cada um me foi alicerce. Já valeu pelos que sempre estiveram aqui, pelos que só passaram e pelos que chegaram depois, mas ficaram. Em meu reino sempre enxergarei todos vocês como reis e rainhas.

Obrigada.

— Isabel Serra

Fale com a autora

Instagram

@isabelserras2

E-mail

isapontoserra@hotmail.com

Copyright © 2019 Isabel Serra Todos os direitos reservados.

Designed by CL Design